

Carlos Augusto Pereira dos Santos

Cidade Vermelha

A militância comunista em Camocim - CE (1927-1950)



2ª Edição
Edição do Autor

CARLOS AUGUSTO PEREIRA DOS SANTOS

**CIDADE VERMELHA:
A militância comunista em Camocim – CE (1927-
1950).**

2ª Edição

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de Pós-Graduação em
História da Universidade Federal do Rio
de Janeiro.

Prof. Dr. Francisco Carlos Teixeira da
Silva.

Edição do Autor

Sobral - Ceará

2011

FICHA CATALOGRÁFICA

SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos.

Cidade Vermelha: a militância comunista em Camocim-CE (1927-1950).

Carlos Augusto Pereira dos Santos. 2ª Ed. Sobral: Edição do autor. 2011. p.125 il

Dissertação – Universidade Federal do Rio de Janeiro, IFCS

1.Comunismo. 2.Militância comunista.

Capa: Luis Carlos de Souza Lima

ISBN: 978-85-912341-0-3

RESUMO

A significativa presença de categorias profissionais na cidade de Camocim -CE, nas primeiras décadas do século XX, em torno da atividade porto-ferroviária, representadas por carregadores do porto, ferroviários, funcionários públicos, salineiros, pescadores, agricultores e autônomos em geral, apontam para uma formação de um operariado local gravitando ao redor do Porto e da Estrada de Ferro, que se destacam pelo nível de organização em sociedades, associações beneficentes, clubes, sindicatos etc., além de apresentar uma tradição de movimentos reivindicatórios no interior do Estado do Ceará, como greves, comemorações e outras manifestações.

É nesse contexto que pretendemos analisar a atuação da militância comunista nestes espaços de organização dos trabalhadores, onde idéias, digamos “revolucionárias” encontravam eco, principalmente entre ferroviários e portuários. Portanto, nossa preocupação é evidenciar a militância comunista em suas relações com outras militâncias existentes na cidade, notadamente com a reação católica, visto que, no Ceará e em grande parte do país, a produção historiográfica sobre o comunismo privilegia basicamente o Partido, as agências institucionalizadas ou se reportam a fatos importantes da história do PCB.

ABSTRACT

The significative presence of professional categories in the city of Camocim-Ceará, in the first decades of this century involving port-train activity, represented by harbour workers, railway men, public functionaries, salters, fishermen, agriculturists and independent workers in general, has pointed to the formation of local working classes gravitating around Port and Railway Road. These working classes have had distinction by their level in organizing in societies, charitable associations, clubs, unions etc., besides presenting a tradition of claiming moviments in the interior of Ceará State, such as strikes, celebrations and other acts of manifestation.

It is exactly in this context that we intend to analyze the performances of the communistic militancy, where the so-called “revolutionary” ideas have met with response, especially among railway men and dock workers. Therefore, our main preoccupation is to make evident the communistic militancy in its relationship with other existing militancy in the city, chiefly with the catholic reaction, whereas in Ceará and in a great part of Brazil, the historiographical production about communism has basically privileged the Party, the institutionalized agencies or it just reports to important facts of the history of PCB.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente aos meus pais, que, mesmo nas dificuldades, tudo fizeram para que seus oito filhos tivessem um mínimo de instrução escolar; quero agradecer também aos meus professores, que de uma forma ou de outra contribuíram para minha formação. No que diz respeito à pesquisa, à Profa. Regina Ilka Vasconcelos, pelas primeiras orientações, sugestões e críticas ao projeto que resultou neste trabalho, e posteriormente a meu orientador Prof. Dr. Francisco Carlos Teixeira da Silva, por sua orientação sempre estimulante, pelas suas sugestões pertinentíssimas, que me ajudaram sobremaneira a desenvolver esta dissertação. Aos meus conterrâneos ou não, que serviram de depoentes nesta pesquisa. Aos funcionários dos arquivos da Câmara Municipal de Camocim-CE, Paróquia Bom Jesus dos Navegantes (Camocim-CE), Biblioteca Pública Menezes Pimentel (Fortaleza-CE), Arquivo Público Estadual do Ceará e Arquivo Público Estadual do Rio de Janeiro e Arquivo Nacional, que me possibilitaram o acesso a documentos relativos ao meu objeto de pesquisa. À FUNCAP e CAPES, pela ajuda através de bolsas de estudos. Aos colegas do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e do Campus Avançado de Camocim, companheiros de jornada e compartilhadores deste trabalho.

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a toda a minha família e a todos que contribuíram para que eu chegasse nesse ponto. Em especial, à minha mulher Margareth e aos meus filhos Carlos Augusto Filho, Ana Clara e Ana Ruth pelas horas furtadas. Aos familiares de Francisco Theodoro, fundador do Partido Comunista em Camocim e de Pedro Teixeira de Oliveira (Pedro Rufino), referência da luta comunista em Camocim, especialmente seus filhos Nilo Cordeiro e Dona Guiomar. A João Ricardo, (in memoriam) ex-militante comunista, falecido em abril último, que muito gostaria de ter visto o término deste trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO I – QUEM ERAM OS COMUNISTAS?.....	22
Francisco Theodoro Rodrigues – O Intelectual.....	26
João Farias De Sousa – O Ferroviário.....	33
CAPÍTULO II–OS COMUNISTAS E O ESPAÇO POLÍTICO EM CAMOCIM.38	
2.1. “Hostes Brancas <i>versus</i> credo vermelho: o embate ideológico entre religiosos e comunistas.....	45
CAPÍTULO III – OS COMUNISTAS NO ESPAÇO DO TRABALHO.....	58
3.1. O espaço do Porto e da Ferrovia.....	60
3.2. Os Sindicatos e Associações.....	67
CAPÍTULO IV – MEMÓRIAS E IMAGENS DA MILITÂNCIA.....	76
4.1. O Massacre do Salgadinho.....	80
4.2. As comemorações do Primeiro de Maio....	90
4.3. A greve de 1949-50 contra a transferência das oficinas e funcionários da Estrada de Ferro.....	96
4.4. Um olhar fotográfico sobre a greve de 1949-50.....	103
Considerações Finais.....	116
Fontes.....	118
Bibliografia.....	122

SUMÁRIO DE IMAGENS

Figura 1 → Mapa do Ceará → 14

Tabela 1 → População do Município de Camocim → 22

Tabela 2 → Votação de Faustino de Albuquerque → 23

Foto 1 → Vista panorâmica do Porto e da Ferrovia → 58

Foto 2 → A passeata → 103

Foto 3 → O desfile → 104

Foto 4 → Passeata conta os “inimigos do povo” → 105

Foto 5 → O enterro simbólico → 107

Foto 6 → Concentração na Praça da Estação Ferroviária → 108

Foto 7 → Concentração defronte à Associação Commercial → 109

Foto 8 → Bandeiras tremulando → 110

Foto 9 → A manifestação vista de cima → 111

Foto 10 → O Cômico → 112

APRESENTAÇÃO

Desde o século XVII, os franceses utilizavam o porto natural de Camocim para traficar com os índios Tabajaras da região da Serra da Ibiapaba. Depois, os rigores da seca de 1877, sensibilizaram D. Pedro II a mandar construir uma estrada de ferro que ligasse o Porto de Camocim à Sobral – a mais importante cidade da zona norte do Ceará. Camocim parecia estar predestinada a ser um dos pólos econômicos mais importantes do estado pela conjugação da atividade portuária e ferroviária. Entre as décadas de 20 a 50 vive seu “boom” econômico, político e social, proporcionado pelas atividades desenvolvidas em torno do Porto de Camocim e da Estrada de Ferro de Sobral. O Porto, aliás, ao final do século XIX e início do XX, tornou-se um dos mais movimentados do estado, por suas condições naturais, da crescente indústria do charque e o comércio de importação e exportação de outras matérias-primas da região.

O Porto de Camocim e a Estrada de Ferro de Sobral possibilitaram que várias categorias profissionais se instalassem na cidade, como os portuários e ferroviários, que tradicionalmente, no país, foram categorias que tiveram um bom nível de organização e desencadearam nas demais essa consciência de classe que, mais tarde foi interessante para que tivéssemos uma militância comunista atuando nesses espaços de trabalho, assim como procurando representar-se na esfera política, tentando e elegendo representantes no parlamento local.

Daí balizarmos 1927, ano em que o BOC – Bloco Operário e Camponês, é fundado em Camocim e que serviria de base para a instalação do Comitê Municipal do PC em março de 1928, e o período que denominamos de “boom econômico” das atividades do Porto e da Ferrovia, isto é, as décadas de 20 a 50, nosso recorte temporal, tempo este, também, que coincide com a maior atuação da militância comunista, conforme sugere a documentação e os depoimentos recolhidos.

Essa preocupação em enfatizar a militância comunista e suas relações com as demais militâncias surgidas no período recortado, deu-se principalmente pelo fato da historiografia pouco se ater a esse aspecto, preferindo quase sempre realizar uma história do partido, de outras instituições ou de idéias do embate político entre religiosos e comunistas,

conformada dentro de moldes tradicionais de uma História Política, que felizmente, hoje ressurgiu com novos paradigmas e possibilidades.

Dessa forma, desejamos inserir nosso trabalho nessa nova perspectiva que a História Política abre, que permite que outros olhares sejam lançados ao político, aquele olhar não mais engessado pela exaltação das organizações políticas ou de personalidades, mas, entendido como o “o lugar da gestão da sociedade global”, ponto de confluência da maioria das outras atividades do conjunto social, sem a pretensão hegemônica ou reducionista, expressão por excelência da identidade coletiva¹.

A militância comunista em Camocim, como se nos apresenta, possibilita que possamos tratá-la sob este enfoque, nos mais variados pressupostos que a História Política advoga nessa sua escala ascensional. O período do recorte temporal – os acontecimentos políticos demarcadores desse tempo – faz com que exista uma referência quase sempre denunciadora da importância que este grupo teve na história da cidade, seja por suas opções ideológicas ou por uma cultura política própria. É como nos diz René Remond:

“Daí os acontecimentos políticos serem fundadores das mentalidades: o acontecimento solda uma geração, e sua lembrança continuará até o último suspiro uma referência carregada de afetividade, positiva e negativa, até que, com o desaparecimento desta, ele mergulha na inconsciência da memória coletiva, onde continuará no entanto a exercer alguma influência insuspeitada”²

A “cidade vermelha” parece compartilhar dessas afirmações de René Remond, explodindo em todas as suas cores e matizes, se apresentando e se ocultando aos olhos do historiador de aquarela na mão em busca de pintar o melhor quadro desse tempo. Contudo, a política não pode ser conformada à uma tela ou um instantâneo. Sua trajetória, por não ser linear, é cheia do inopinado dos acidentes, se revelando imprevisível, para desespero da “inteligência organizadora do real”, de que nos fala Remond.

Procuraremos, então, compreender como as propostas do PCB tiveram uma penetração abrangente em Camocim a ponto de suscitar uma militância entre os trabalhadores, tentando explicar a força de atração dessas propostas, assim como o

¹ REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/FGV, 1996, p. 449.

² *Ibidem*.

relacionamento dessa militância comunista em Camocim com o contexto da época e a história do PCB, sempre tendo em vista uma recuperação de aspectos da memória desse grupo de militantes comunistas, no constante debate político da época, traduzidos nas suas experiências pessoais.

Para tanto, realizamos uma incursão pelas fontes, através do método prosopográfico, embora um pouco prejudicado pela falta de um *corpus* documental maior sobre esse grupo de militantes que pudessem substanciar uma investigação mais profunda dos interesses econômicos, das atividades políticas, das ligações desse grupo com outros setores da sociedade, da genealogia de seus componentes, como nos fala o historiador inglês Lawrence Stone³

No entanto, apesar desse trabalho não se caracterizar como uma “biografia coletiva” do grupo militante, acreditamos que foi possível fazer um ensaio prosopográfico sobre alguns militantes como Francisco Theodoro, fundador do Partido Comunista em Camocim e outros que se destacaram na militância, como Pedro Teixeira de Oliveira (Pedro Rufino) e João Farias de Sousa (Caboclinho Farias). Para esse intento, esse método se revela interessante, principalmente se estamos querendo buscar os lugares de inserção desses militantes no contexto político e social em que plasmaram suas experiências de vida, procurando mostrar as várias facetas dessa militância. A escolha desses três militantes não se deu apenas pelo volume de documentação sobre eles, mas também pelo valor e pelo lugar em que foram produzidas, pois, como nos diz Giovani Levi, “os elementos biográficos que constam das prosopografias só são considerados historicamente reveladores quando têm alcance geral”⁴.

Portanto, trabalhamos as mais variadas fontes, desde as manuscritas até as impressas ou orais, sempre buscando essa intenção de localizar a atuação desses militantes comunistas nos vários espaços da cidade onde era possível exercerem uma atividade militante, desenvolvidas ao longo dos capítulos desse trabalho.

Daí, no primeiro capítulo, saber “*Quem eram os comunistas?*” é uma oportunidade de passearmos pela militância comunista através de um ensaio prosopográfico

³ STONE, Lawrence. *The past and present revisited*. London and New York: Routledge & Kegan Paul, 1994, p. 46.

⁴ LEVI, Giovani. “Usos da biografia”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p. 174.

sobre Francisco Theodoro e João Farias de Sousa, assim como de sentirmos o clima político da época. Já no segundo capítulo, esse clima toma feições mais locais para podermos entender a inserção de “*Os comunistas e o espaço político em Camocim*”, onde a atuação de Pedro Teixeira de Oliveira é destacada, não apenas por ter sido vereador, como também o destaque do Comitê Municipal do Partido Comunista nas eleições de 1946 e 1947 em apresentar outros nomes para a disputa eleitoral.

No terceiro capítulo, mostraremos a interessante atuação de “*Os comunistas nos espaços do trabalho*”, seja por promover uma organização dos trabalhadores em suas diversas categorias profissionais, fundando associações e sindicatos, seja por mobilizarem a população para a defesa de seus direitos e de seu patrimônio, como a referência sobre a greve contra a transferência das oficinas de manutenção de trens e de funcionários da estrada de ferro.

As “*Memórias e imagens da militância*” compõem o quarto capítulo dessa dissertação. Nele, procuramos analisar a noção de *memória dividida* para entendermos o *Massacre do Salgadinho*, ocorrido em Camocim em junho de 1936, portanto, ainda no clima da repressão aos movimentos comunistas 1935; os vários sentidos das comemorações do Primeiro de Maio, assim como da luta da população durante três meses, novembro de 1949 a janeiro de 1950, para não deixar que as oficinas e funcionários da estrada de ferro fossem transferidos para Sobral e Fortaleza. Sobre este evento, realizaremos também uma análise de um conjunto de fotos que documentam o acontecimento. Portanto, a nosso ver, são nestes três momentos que a militância comunista é mais visível, tanto para eles como para a população em geral.

INTRODUÇÃO

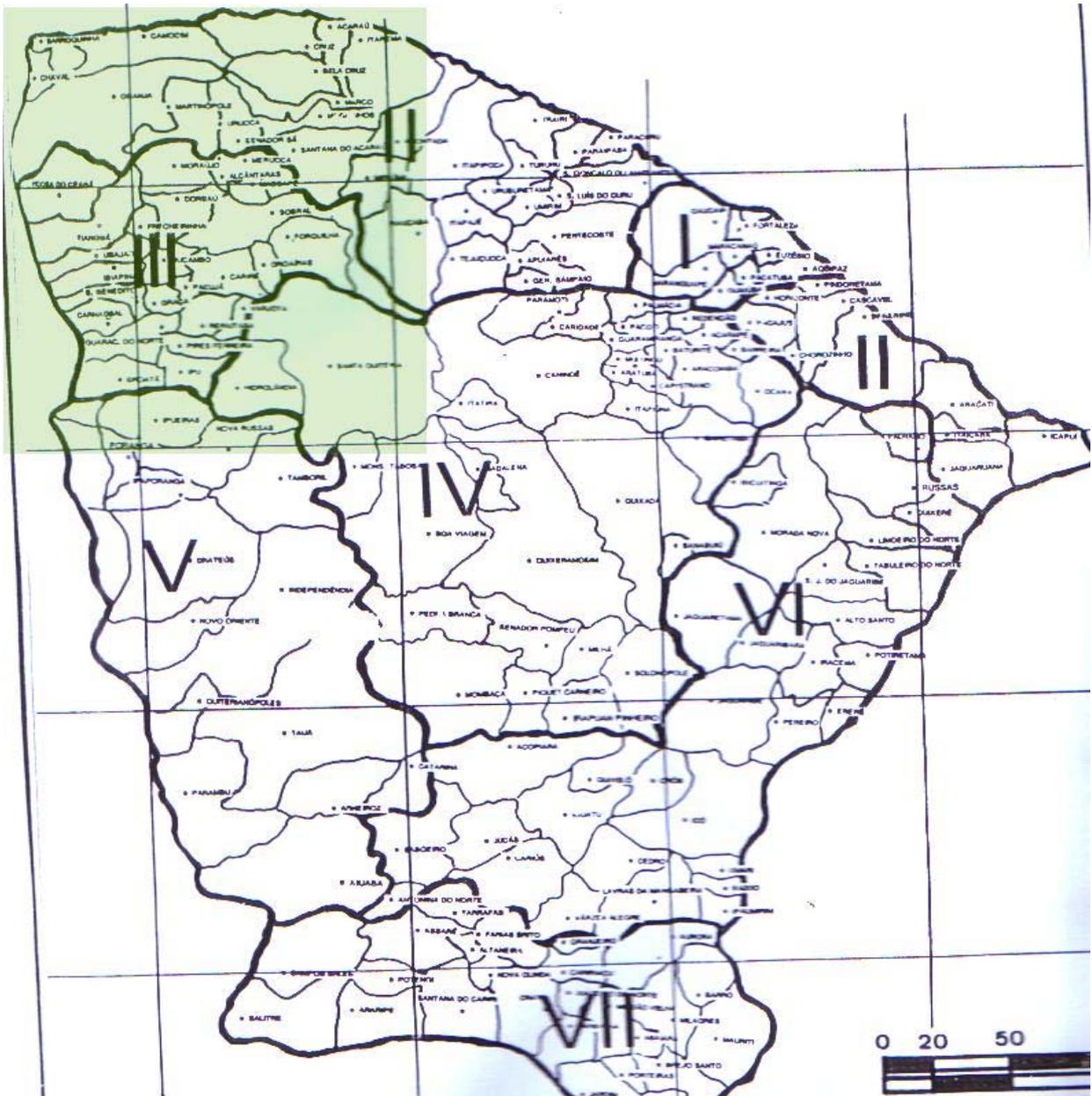
A história das ferrovias no Ceará começa em 1870 com os trabalhos de construção da Estrada de Ferro de Baturité fazendo a ligação com Fortaleza. Os efeitos da seca de 1877 fizeram com que o Governo Imperial decidisse diminuir um pouco a calamidade, decretando a construção de uma rede ferroviária ligando o Porto de Camocim à cidade de Sobral (1878). Já em janeiro de 1881 é inaugurado o primeiro trecho da ferrovia entre Camocim e Granja, e finalmente em dezembro de 1882, os trilhos chegam a Sobral, iniciando-se as atividades de tráfego de passageiros e mercadorias. A ferrovia se estenderia ainda até Crateús, rumo ao estado do Piauí, numa extensão de mais de 370 quilômetros.⁵

Entre os anos 20 e 50 desse século, deu-se o “boom” econômico da Zona Norte do Ceará, (ver mapa) ancorado nas atividades desenvolvidas no Porto de Camocim e Estrada de Ferro de Sobral. Com a desativação paulatina da ferrovia, transformada nesse processo em ramal ferroviário, foi sofrendo desgastes em sua malha ferroviária com descasos administrativos que acabaram fecha-la definitivamente em 1977.

Quanto à atividade portuária, não tendo Fortaleza maiores facilidades de ancoramento de navios, cabia à Camocim a maior parte do movimento portuário, durante o período acima recortado, sendo a principal porta de entrada do Ceará. Contudo, o canal natural do rio Coreauí, que dava acesso ao Porto de Camocim, tinha problemas de assoreamento, exigindo assim que se realizassem dragagens periódicas, nunca atendidas.

⁵ Sobre a Estrada de Ferro de Sobral, ver: OLIVEIRA, André Frota de. *A Estrada de Ferro de Sobral*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 1994.

Ceará



FONTE: *Perfil do Estado do Ceará*, 3ª. ed, p.171. Fortaleza-CE, 1995-1996.

Dessa forma, foram-se inviabilizando as atividades porto-ferroviárias desse complexo de escoamento da produção da zona norte do estado, representado pelo pó e cera de carnaúba de Granja, o sal de Camocim e Chaval, o pescado de toda a zona litorânea, a castanha de caju desses municípios, os cereais da zona do sertão de Sobral e Crateús, enfim, de uma gama de produtos de menos importância comercial, mas essenciais nas pequenas transações dos pequenos proprietários, sem falar no próprio tráfego de passageiros entre Camocim, Sobral e Fortaleza.

Nesse contexto, as relações de trabalho que gravitavam em torno do porto e da ferrovia iriam se desenvolver sobremaneira, envolvendo diversas categorias profissionais. Além dos ferroviários e portuários, salineiros, pescadores, trabalhadores da construção civil, agricultores, empregados do comércio e pequenas fábricas, dentre outras, formavam um conjunto de categorias que atuavam nesse espaço. Nunca é demais realçar que ferroviários e portuários tradicionalmente no Brasil foram categorias de relevância nas lutas por conquistas de melhores condições de vida e trabalho. O “operariado” nesse momento se constituiu, portanto, no setor de serviços que esses portos e ferrovias ofereciam, diferentes de uma característica fabril. Nesse ambiente, a militância comunista encontrou um chão fértil na difusão de idéias socialistas e comunistas, encravando, aí, grande parte de seus quadros, principalmente quando o obreirismo se constituía na tendência mais forte no Partido Comunista do Brasil. Em Camocim, isso não seria diferente. Com efeito, são nessas categorias que iremos perceber aqueles comunistas que irei chamar de *primeira hora*, responsáveis por uma atuação eficaz, do ponto de vista da persistência de seus ideais, durante nosso recorte temporal que a presente pesquisa abarca.

A presença desses homens desassombrados deve ser ressaltada e entendida nesses espaços de trabalho, pois, entre os salineiros, operários da construção civil, agricultores, funcionários públicos e outras categorias, seriam eles, fossem comunistas, simpatizantes ou apenas sindicalistas, que iriam se confrontar com um quadro político típico da época, estribado no conservadorismo e no jeito coronelístico de se fazer política. A atuação desses homens que pretendemos evidenciar pela sua militância política pode ser percebida em várias frentes.

Sua atuação se evidenciava nas páginas de “O Operário”, dirigido por Francisco Theodoro Rodrigues e nas manifestações populares, como veremos, em que se contava com a presença de Pedro Teixeira de Oliveira (Pedro Rufino) na Câmara Municipal. Na sua ação, defenderia “os mais legítimos anseios da população”, defendendo causas dos “menos favorecidos”, pois, ele entendia muito de legislação trabalhista, pelas suas denúncias no Jornal “O Democrata”, de Fortaleza, e sua efetiva militância em momentos de reivindicação dos trabalhadores. Outro desses homens desassombrados, Sotero Lopes, por suas atitudes de defesa do pescador, do portuário, e de operários da construção civil, e também por expressar suas preferências políticas, foi espancado pela polícia em momentos de repressão. Acabou sendo usado como símbolo pela polícia para mostrar o que ela era capaz de fazer com comunista, arrastando-o pelas ruas, surrado, com uma placa no peito e o indicativo de comunista, um “Cristo”, anunciado como Rei dos Judeus. Raimundo Ferreira de Sousa (Raimundo Vermelho), agricultor, salineiro, estivador, vítima do Massacre do Salgadinho, viria a morrer três meses depois do ocorrido, por conta das torturas que sofrera na Cadeia Pública de Fortaleza.

Atuando no seio dessas categorias, Raimundo Vermelho levava a esperança de melhores dias a seus companheiros, podendo ser considerado símbolo das lutas sociais. Efetivamente, a presença de comunistas e simpatizantes já começa a ser percebida em várias organizações que aparecerão em Camocim entre as décadas de 30 a 50. Em Camocim, dando início a uma tradição de lutas é que, por exemplo, se instala a primeira e única Liga Camponesa no Ceará, na presidência de Francisco das Chagas Teixeira⁶, que posteriormente se transformará em Associação dos Pequenos Produtores de Camocim. Na Associação Beneficente Ferroviária, o Sindicato dos Carregadores do Porto, o Sindicato dos Salineiros e da Construção Civil e Ofícios Vários irão também figurar militantes do “credo vermelho”.

⁶ “Embora devamos esperar pela década de 60 para ver o surgimento dos primeiros sindicatos de trabalhadores rurais no Estado, desde os anos 40 desenvolvia-se no interior um paciente esforço organizativo de massas camponesas. Esse trabalho vinculava-se diretamente às diretrizes emanadas do PCB. É assim que será fundada em Camocim a primeira e única Liga Camponesa”. OCHOA, Maria Glória Wormald. *As origens do movimento sindical de trabalhadores rurais no Ceará. 1954-1964*. Fortaleza: UFC/NUDOC, 1984. p. 48. Essa associação deriva para um Sindicato de Pequenos Agricultores de Camocim e, atualmente, é o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Camocim.

O primeiro congresso do Bloco Operário e Camponês realizado em 1930 no Ceará irá contar com significativa presença dessas entidades, que irão se destacar não só pelo número, mas também pelo grau de politização demonstrado nas discussões, principalmente do Bloco Operário e Camponês e do Sindicato dos Pequenos Agricultores⁷.

A presença de comunistas ou simpatizantes irá também se observar em outras associações de caráter filantrópico, serviços e de lazer, conforme o Livro de Registro de Pessoas Jurídicas de 1950, do Cartório André, e o jornal “O Democrata”, onde podemos constatar suas participações, principalmente na composição de suas respectivas diretorias. Joaquim Rocha Veras, no Camocim Club, era membro do Conselho Fiscal; Sotero Lopes e Pedro Teixeira de Oliveira, da Sociedade dos Amigos de Camocim; Dona Guiomar Cordeiro da Silva era uma das mais atuantes na União Feminina.

Essas participações de comunistas nessas entidades podiam ser percebidas no dia-a-dia dos jornais, principalmente em “O Democrata”. Nas campanhas promovidas pelo jornal, Camocim quase sempre era o primeiro a cobrir suas cotas, seja em campanha por aumentar o número de assinantes do jornal, de subvenções para compra de papel e chumbo, necessários para impressão do mesmo⁸, seja no recolhimento de assinaturas para algum fim específico que o PCB desencadeava no estado ou no país.

Essa efetiva participação dos comunistas e simpatizantes nestas entidades, assim como no cotidiano da cidade, permite que se perceba a atuação desse grupo, tanto nestas entidades que não eram propriamente comunistas, como nas entidades ligadas mais diretamente a eles, como o próprio Partido Comunista e outras criadas sob sua tutela. Nesses espaços das associações, como nas ruas, nas praças, na sede do partido, nos muros, nos vagões dos trens, nos casebres da periferia vão aparecer os momentos e locais mais significativos dessa militância comunista.

A Sociedade dos Amigos de Camocim, a União Feminina e os núcleos da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e Frente Democrática de Libertação Nacional (FDLN) locais são exemplos de organizações que mostravam a atuação de seus filiados na cidade,

⁷ RIBEIRO, Francisco Moreira. *O PCB no Ceará: ascensão e declínio – 1922-1947*. Fortaleza: Edições UFC/Stylus, 1989, p. 34, Apud: MONTENEGRO, Abelardo. *Os Partidos Políticos do Ceará*. Fortaleza: Edições UFC, 1980, p. 131.

⁸ Essa campanha desenvolvida a nível nacional pelos jornais comunistas atendia pela sigla de MAIP – Movimento de Apoio à Imprensa Popular.

motivados tanto por suas questões políticas, quanto pela associação com os problemas mais gerais da comunidade em seus momentos de reivindicação que exigiam o esforço de todos. Refiro-me mais especificamente às demandas que essas associações apresentavam, da necessidade de dizerem que estavam presentes na discussão dos problemas locais e nacionais, exigindo que seus membros demonstrassem de alguma forma seus desejos de mudança. A *Sociedade dos Amigos de Camocim* tinha um objetivo de discutir os principais problemas do município, aceitando quem quisesse dela fazer parte, criar uma escola e politizar seus sócios. A *União Feminina* ajudava principalmente no socorro de necessitados, organizando lista de subvenções de apoio à pobreza local, formando comissões de senhoras para ir junto às autoridades buscar apoio para as necessidades mais prementes dos carentes nos momentos mais difíceis.

Mas nada impedia que os comunistas estivessem presentes, tendo uma atuação importante na organização da população quando o caso era de interesse geral, como na greve de novembro de 1949 a janeiro de 1950, contra a retirada das oficinas de manutenção de trens e a transferência de funcionários da Estrada de Ferro para Sobral e Fortaleza. O núcleo da ANL, apesar de sua efêmera existência, teve aqui o objetivo maior de sua criação, ou seja, a implementação de uma frente de libertação do povo brasileiro do “governo traidor dos ideais revolucionários” de 1930. Pesquisando os processos relativos aos levantes de 35 no Arquivo Nacional, pudemos perceber algum esforço no sentido de se organizar alguma ação, débil, é verdade, no caso da mobilização de uma resistência da fracassada tentativa de 35, que redundaram nas derrotas de sublevação no Recife e Rio de Janeiro, organizadas por membros da Direção Estadual do Partido Comunista, a partir de Camocim e do Piauí, atuando na reorganização das forças que marchariam posteriormente rumo à capital.

Nos processos, a apreensão de armas, documentos, panfletos são indícios desse intento. Notadamente, é em 1936 que se dará o maior número de prisões de comunistas camocinenses ou acusados de ter alguma ligação com eles. É em 1936, numa noite de São João, que ocorreria o *Massacre do Salgadinho*, fato este que teve repercussão nacional, como um dos atos de violência do Governo Vargas. Além do *Massacre do Salgadinho*, a militância comunista em Camocim se apresenta também nos momentos de comemoração. As festas do Primeiro de Maio se configuram como momento festivo de

milhares de pessoas entre comunistas e trabalhadores em geral reunidos na Praça 7 de Setembro nas páginas de “O Democrata”, tanto pela representatividade das entidades sindicais como dos discursos de intensa politização dos comunistas⁹. Os aniversários de Luís Carlos Prestes, principalmente os seus 50 anos, são comemorados com pichações de muros e foguetório. A “audácia” dos camaradas de Prestes rende prisões e espancamentos, como mostra a foto estampada no aludido jornal de Sotero Lopes¹⁰.

Essa descrição, portanto, das pessoas, dos lugares, das profissões, dos espaços do trabalho e da política, das mais diversas relações sociais, da própria história da cidade vista por este prisma e no período recortado pela pesquisa, é uma tentativa de mostrar o universo, o campo onde nosso trabalho estará ancorado e que será desenvolvido nos capítulos posteriores

⁹ Jornal “O Democrata”. ano I, n.º. 56, 15/05/46, Fortaleza, p. 3.

¹⁰ Id. ibid. n.º, 959, 18/01/1950, Fortaleza, p. 1.

CAPÍTULO I

QUEM ERAM OS COMUNISTAS?

Antes de realizarmos um esforço de identificação para dizermos “quem eram os comunistas”, gostaríamos de fazer algumas considerações sobre “quantos eram os comunistas”, numa tentativa de, por este aspecto, também buscar uma variável significativa para explicar a “sustança”¹¹ do Partido Comunista em Camocim.

Levantar um número preciso de militantes e simpatizantes do Partido Comunista em Camocim é uma tarefa difícil, visto não dispormos de documentos do partido que nos possa fornecer a exatidão destes números, principalmente no período recortado por nossa pesquisa. Por outro lado, é inquestionável sua importância numérica nesse período se levarmos em conta o desempenho do Comitê Municipal ressaltado pelo Diretório Estadual e o jornal “O Democrata”, seja pela participação efetiva da militância em Camocim na luta pelos ideais partidários, seja pelo cumprimento das tarefas dadas pelo partido aos militantes, já que o comitê municipal de Camocim quase sempre era um dos primeiros a cumprir referidas tarefas, o que exigia, sem dúvida, um bom número de militantes para a efetivação dessas tarefas, assim como de simpatizantes.

Daí, campanhas de assinatura do jornal “O Democrata”, subvenções para o MAIP – Movimento de Apoio à Imprensa Popular¹², abaixo-assinados, telegramas de repúdio etc., eram frequentes e bem destacados nas páginas do referido jornal. Essas manifestações eram quase sempre enviadas às autoridades sob a chancela de uma entidade representativa de classe, o que mostra a penetração dos comunistas nas mesmas, indo desde moradores de bairros, associações beneficentes, às sociedades filantrópicas e sindicatos.

Se quisermos ter uma idéia de um número, podemos buscá-la no depoimento do “Seu” Nilo Cordeiro da Silva, 73 anos (2000), que nos diz sobre a animação dos “bons tempos” da militância na sede do partido comunista:

¹¹ Termo empregado pelo jornalista Lustosa da Costa ao se referir à atividade do Partido Comunista em Camocim, principalmente no âmbito da Estrada de Ferro.

¹² Esse movimento desencadeado pelos jornais comunistas visava principalmente arrecadar dinheiro para a compra de papel e chumbo, em campanhas específicas para tal fim e amplamente divulgada pelos mesmos.

“E tinha a sede do Partido que era na Rua Senador (Senador Jaguaribe). Era uma sede muito grande, tinha muita gente... uns 800 filiados e o Partido tinha um movimento muito grande, a gente fazia comício aqui na Rua do Quadro, que dava umas três a quatro mil pessoas”¹³.

Sem se referir a números absolutos, o jornal “O Democrata”, quando noticia as comemorações do Primeiro de Maio de 1946, um primeiro de maio especial, onde os ares de uma redemocratização bafejava a cena política do momento, dá-nos uma idéia da grandiosidade destes momentos:

“Tomaram parte do desfile, além de grande número de populares, os representantes de todos os sindicatos e organizações de classe as quais ostentavam, garbosamente, os seus estandartes com galhardia ao vento, como que a vaticinar um futuro feliz e progressista para o Proletariado e o Povo brasileiro”.

“Depois de realizada a passeata, o povo se aglomerou na Praça 7 de Setembro para assistir a palavra de seus oradores”¹⁴.

Além da imprecisão do número, vale ressaltar a distinção que o jornalista faz entre proletariado e povo. Num primeiro momento, povo são os populares que se juntam à massa de representantes do proletariado que juntos manifestam sua esperança em dias melhores para o “proletariado e o povo”. Depois, na praça do comício, o jornalista parece juntar esses dois corpos num só “povo” para ouvir os discursos de seus líderes. Ao analisarmos outra estimativa, a importância dada à Estrada de Ferro nesse contexto é interessante, não somente pelo número, mas pela intensa atividade da militância desenvolvida no espaço de trabalho da ferrovia, com seus cerca de trezentos funcionários¹⁵, a maioria operários das oficinas de manutenção de trens¹⁶, sabidamente comunista ou simpatizante do comunismo e de onde adveio alguns dos melhores quadros do Partido em Camocim, dentre eles, João Farias de Sousa, mais conhecido como Caboclinho Farias.

Uma última consideração a respeito de estimativas trata-se de fazermos uma comparação entre o impreciso e o relativo demonstrado em linhas anteriores (oitocentos, trezentos, três a quatro mil, grande número) e os dados fornecidos pelo recenseamento de

¹³ Entrevista realizada com o Sr. Nilo Cordeiro da Silva, em 16/03/97, Camocim-CE.

¹⁴ Jornal “O Democrata”, ano I, nº. 56, 15/05/1946, Fortaleza-CE, p. 3.

¹⁵ OLIVEIRA, André Luiz Frota de. *A Estrada de Ferro de Sobral*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda, 1994, p. 103.

¹⁶ Informação do funcionário aposentado pela RFFSA, Arthur Queirós, em entrevista concedida.

1920, 1940 e 1950 e sabermos se realmente era significativo o número de comunistas e simpatizantes, utilizando esse critério quantitativo:

POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CAMOCIM

LOCAL	A			N			O			S		
	1920			1940			1950					
	H	M	T	H	M	T	H	M	T			
Sede	5339	6059	11198	6329	6992	13321	-	-	13.235			
Distritos	2937	2936	5873	7296	7024	14320	-	-	20.923			
Totais	8276	8995	17271	13625	14016	27641	-	-	34.158			

FONTE: IBGE –Censos de 1920, 1940, 1950 e 1991. (grifos nossos)

Como as indicações de “Seu” Nilo e do jornal “O Democrata” se referem aos anos 40 e, levando-se em conta que essas manifestações da militância se davam na sede do município, o número 13.321 é o que deve ser tomado como base para se fazer essa comparação, isto é, 800 filiados entre os 13.321, pouco mais de 5%, ou três ou quatro mil pessoas neste mesmo universo, representando entre 20 a 30% do total. Contudo, levando-se em conta o número de eleitores, essa percentagem sobe se a comparação se fizer com base nas Eleições Governamentais de 1947 pela votação recebida pelo candidato apoiado pelos comunistas. Nesta eleição disputavam o governo do Estado Faustino de Albuquerque (que fora o primeiro juiz da Comarca de Camocim), sob a legenda da UDN, e o general Onofre Muniz, pela sigla do PSD, filho natural de Camocim. Mesmo sem aceitar publicamente o apoio dos comunistas, Faustino de Albuquerque era o candidato preferido e recomendado por eles, enquanto o general Onofre Muniz era declaradamente o candidato apoiado pela

Igreja Católica. Essa eleição, além de revelar a oposição UDN *versus* PSD, mostrava o claro embate ideológico entre religiosos e comunistas¹⁷.

Votação de Faustino de Albuquerque¹⁸

Maioria superior a 80,01%

Município	Votos	Percentual
Camocim	3.080	84,33%

Ressalte-se que esse percentual foi o maior registrado em todo o estado do Ceará em favor do candidato da UDN. Apesar de Camocim ter sido o berço de nascimento do general Onofre Muniz, sua votação não passou de 15,67 %, isto é, 483 votos. Em outros municípios onde o PCB também se destacava e a UDN era forte, Faustino de Albuquerque obteve bons índices, como 73,07% em Crateús e 72,80% em Caucaia, apesar da atuação separada desses partidos¹⁹.

Apesar das declarações públicas de Faustino de Albuquerque contrárias ao apoio dos comunistas dadas à sua candidatura, efetivamente, dele se beneficiou pela votação recebida. No entanto, essa “coligação” UDN/PCB vai um pouco na contramão dos acordos políticos firmados no restante do país, onde o PCB, tendencialmente, coligava-se com o PSD, mas, que no Ceará, com o apoio da Igreja Católica, este partido desenvolveu sua campanha baseada prioritariamente no combate ao comunismo.

Feitas essas considerações, partiremos então para a análise sobre “quem eram os comunistas?”. A partir dos depoimentos e documentação, vários nomes vão despontar como sendo os comunistas de Camocim e que nós iremos chamar de comunistas da *primeira hora*. O tempo decorrido da fundação do Partido Comunista no Brasil, seu aparecimento no Ceará e a instalação do Comitê Municipal do PCB em Camocim é

¹⁷ Para saber mais sobre essas eleições ver: NOCA, Francisco Wilson. *Sermões, matracas e alcatrão: religiosos e comunistas na luta pelo Poder. 1946-1950*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora/Fundação Cultural de Fortaleza, 1996.

¹⁸ Fonte: T.R.E. Cf. “Gazeta de Notícias”, Fortaleza, 4/2/47, p. 3. Apud NOCA, Francisco Wilson. *Op. cit.*, p. 153.

¹⁹ NOCA, Francisco Wilson. *Op. cit.*, p.151. Crateús se localiza na Zona Norte do Estado e Caucaia faz parte da zona metropolitana de Fortaleza.

relativamente curto. Se o mesmo surge em 1922, no final de 1927 já é registrado em Fortaleza, e no início de 1928, finca suas bases em Camocim, sendo a primeira cidade do interior do Estado a fazê-lo.

É nesta *primeira hora* que homens e mulheres vão tecendo uma ideologia política diferente daquela existente na cidade, marcada pelo conservadorismo, onde a luta pela manutenção do poder se estriba na força e privilégio de quem manda mais. Daí, destacaremos homens que imaginaram um outro tipo de sociedade, vivenciaram outras lutas e até morreram por outros ideais.

1.1. Francisco Theodoro Rodrigues - O Intelectual

A história do Partido Comunista em Camocim se confunde com a história de vida de Francisco Theodoro Rodrigues. Durante seus muitos anos de militância em várias cidades e estados, adquiriu e recebeu outros nomes e codinomes como “Francisco Theodoro de Carvalho”, “Frantino” e “Aprígio Melquíades”²⁰, constantes nos processos instruídos contra ele.

Fundador do PCB em Camocim, Francisco Theodoro parece encarnar a atitude de *ser* comunista de que trata Dulce Pandolfi.²¹ Como jornalista, Chico Teodoro, como era mais conhecido por estas bandas do Ceará, edita o primeiro jornal comunista no interior do estado, “O Operário”, antes mesmo da fundação do Partido Comunista em Camocim. O jornal “O Operário”, atuando na defesa dos trabalhadores camocinenses e incentivando uma representação trabalhista na Câmara iria incomodar muita gente, principalmente os chefes políticos locais, pelo seu caráter desassombrado em denunciar os seus desmandos administrativos, além de fazer análise de conjuntura estadual e nacional.

²⁰ Respectivamente, APERJ/ Fundo: DOPS/ Série: Prontuários. n.º. 16.744, p.1; A N/ Fundo/Coleção: TSN/ Processo n.º: 473, pp. 72, 74; e APERJ/ Fundo: DOPS/ Série: ESTADOS/Pasta: 16 PI.

²¹ PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e Companheiros. História e Memória do PCB*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Roberto Marinho, 1995.

Exemplo disso é o processo movido pela Câmara Municipal contra Francisco Theodoro por “injúrias impressas”²². No editorial do dia 13 de julho de 1928, o jornal traz o caso do “Matadouro Modelo”²³, projeto que criava esse serviço para Camocim e que segundo o mesmo, faria aumentar o preço da carne para a população.

Nesse editorial, Francisco Theodoro faz duras críticas aos vereadores que foram a favor do projeto, ao mesmo tempo em que ressalta a atitude daqueles que votaram contra, fazendo com que o mesmo não tivesse sido aprovado²⁴. A última parte do editorial resume a posição que o jornal assume diante da votação desse projeto:

“O povo de Camocim não deve tolerar que esses indivíduos inescrupulosos estejam à frente de sua representação. Esses cafagestes da ‘panellinha’ devem ser enxotados a pau e a pontapés do Conselho Municipal. Como temos independência para atacar os actos lesivos quem quer que seja, temol-a para elogiar, os actos altruísticos e nobres. E pelas columnas do nosso humilde jornalzinho, vimos em nome do operariado e da população pobre de Camocim, apresentar a nossa mas profunda gratidão aos vereadores que votaram contra o matadouro modelo de Camocim”²⁵.

Vale ressaltar que a esse tempo já se pode observar um embate na imprensa local entre o jornal “O Operário”, dirigido por Francisco Theodoro e “A Razão”, cujo diretor proprietário, André Pessoa, era um dos vereadores atingidos pelo editorial citado acima, defendendo suas respectivas escolhas ideológicas, não só em fatos específicos como o do “Matadouro Modelo”, como de aspectos mais gerais referentes às opções políticas dos grupos que cada jornal representava.

Antes mesmo dessa querela, Chico Teodoro já havia sido preso em 9 de abril do mesmo ano, vítima das perseguições de um de seus adversários políticos, vereador José Carlos Veras²⁶, fato este que renderia notas em jornais da capital do Estado e da

²² *Arquivo Público do Estado do Ceará. Processo criminal contra Francisco Theodoro Rodrigues. 1928/ Ações Criminais. Pacote 21 (1925-1928).*

²³ Jornal “O Operário”, anno II, nº. 25, 13 de julho de 1928, p.1, Camocim-CE.

²⁴ Os vereadores que votaram contra o projeto do “Matadouro Modelo” foram: Josias Carvalho, A. Barros, José da Paschoa Sobrinho e Hildebrando Calado.

²⁵ Jornal “O Operário”, anno II, nº. 25, 13 de julho de 1928, p.1, Camocim-CE.

²⁶ No quadro político da cidade, a família Veras dominou absoluta desde as décadas finais do século XIX até os anos 40, juntamente com a família Coêlho, os chamados Veras Coêlho. No final da década de 40 entra na cena política a família Aguiar, dissidente dessa então oligarquia e que, a partir daí, alternam-se no poder até os dias presentes.

República²⁷. Chico Teodoro se refugia na cidade vizinha de Granja até 30 de maio, e ainda permanece escondido em casa de amigos até que a situação se acalma. Nas “Razões de Apelação” que o próprio Francisco Theodoro faz a seu favor, conta minuciosamente as perseguições promovidas por José Carlos Veras, até ao acontecimento do aludido editorial.

“Esse senhor em 8 de abril do anno passado, dissolveu uma reunião de eleitores por mim chefiada, ameaçando a todos de varrer a bala: Ainda não satisfeito com essa arbitrariedade, no dia nove do mesmo mez, exercendo grande influencia sobre o seu tio, o delegado de polícia, me prendeu e trancafiou sem culpa alguma em uma prisão inmundada, durante vinte e seis horas e incommunicavel. Durante esse tempo as unicas pessoas que ali poderam penetrar, foi a minha senhora, o Sr. Joaquim Coelho, 1º. Tabelião e o Dr. Targino Filho, juiz da Comarca, que para minorar a minha situação, fora me propor a liberdade com as condições de eu me ausentar desta cidade, o que rejeitei por ser demais humilhante”²⁸.

Na verdade, o PCB só seria fundado em Camocim no final de 1928, mas, pela militância de Francisco Theodoro nos meios operários, os conflitos entre o mesmo e José Carlos Veras já vinham se acirrando.

Além das perseguições que Francisco Theodoro relata em suas “Razões da Apelação” anexa um artigo de “A Razão”, jornal editado em Camocim, cujo diretor-proprietário, André Pessoa, era um dos vereadores atacados por Francisco Theodoro em seu editorial, que mostra naquele momento o conflito político via imprensa desse bloco de vereadores e o grupo liderado pelo diretor de “O Operário”, que seria o mesmo que fundaria o PCB em Camocim. Em várias passagens do artigo “*Venham de frente covardes!*”, publicado em “A Razão”, já revelava o clima que se criara em torno das posições políticas desses grupos:

²⁷ Fizeram a defesa de Francisco Theodoro: “A Esquerda”, de Fortaleza, de 12 de abril e 20 de maio; “O Ceará”, de 13 de abril e 20 de maio; “A Gazeta de Notícias”, de 12 de abril; “A Imprensa”, de Sobral de 25 de abril e 20 de maio; “A Comarca”, de Granja de 14 de abril e 5 de junho; todos estes anexados ao processo. Segundo Francisco Theodoro, “O Globo”, do Rio de Janeiro, e outros jornais se ocuparam do caso e não estão anexados ao processo por não tê-los em mãos. *Arquivo Público do Estado do Ceará. Processo criminal contra Francisco Theodoro Rodrigues. 1928/Ações Criminais. Pacote 21 (1925-1928).*

²⁸ Arquivo Público do Estado do Ceará. Processo criminal contra Francisco Theodoro Rodrigues. In: “Razões da Apelação”. 1928/ Ações Criminais. Pacote 21 (1925-1928), p. 45.

“A política malsinada de outras terras de vida desordenada, que todos nós, os de senso commum condemnam, está infelizmente montando o seu triste scenario em Camocim, para deleite do instinto vil de meia duzia de magarefes da honra alheia²⁹.

O processo contra Francisco Theodoro, que começa em agosto de 1928, se arrasta até 1930, percorrendo as comarcas de Camocim, Granja, Sobral, Santa Quitéria e finalmente julgado pelo juiz da Comarca de Viçosa do Ceará³⁰, condenando o jornalista a três meses de reclusão³¹.

Com isso, os opositores de Francisco Theodoro puderam respirar um pouco, principalmente porque com a repressão desencadeada na esteira dos acontecimentos de 1930, ele é preso em Camocim, mandado para Fortaleza onde lá se junta com mais 15 militantes acusados de "atividades extremistas" e mandados para o Rio de Janeiro. Francisco Theodoro fazia oposição explícita aos governos federal, estadual e municipal através do jornal “O Operário” e, por conta disso, sofria uma série de retaliações por parte daqueles que ele denominava de “burguezes”. Tais retaliações atingiam diretamente sua atividade profissional de sustento de sua família, com a diminuição de assinantes, publicação de anúncios no jornal, assim como a retirada de alunos de sua escola por conta de suas posições políticas, que ultrapassavam o âmbito local, fazendo oposição à República Velha e o novo poder que se instaurava no país:

“Os burguezes tem lançado mão de todos os meios para que eu abandone Camocim. Tem feito um boicote terrível ao humilde jornal que dirijo. Este boicote começou desde o momento que reconheceram que o mesmo jornal não elogiava Moreirinha, Mattos Peixoto, Washington Luís, Getúlio Vargas, Juarez e outros políticos. (...) Vendo que “O Operário” continua a circular, os burguezes se exasperam e lançam mão de outro recurso: boicotaram a escola que dirijo ... retirando seus filhos, ficando eu somente ensinando os filhos de operários e de pequenos comerciantes. (...) consta, que os padres, que por último tem dirigido esta paróquia, aconselhe

²⁹ “Venham de frente covardes”. In: “A Razão”, 29 de setembro de 1928. Camocim-CE. *Arquivo Público do Estado do Ceará. Processo criminal contra Francisco Theodoro Rodrigues. 1928/ Ações Criminais. Pacote 21 (1925-1928), p.47*

³⁰ Os juízes dessas comarcas se recusavam a arbitrar sobre o caso porque tinham afinidades parentescas, tanto com os advogados quanto com as partes interessadas, ou tinham interesse pessoal pelo caso.

³¹ *Arquivo Público do Estado do Ceará. Processo criminal contra Francisco Theodoro Rodrigues. 1928/ Ações Criminais. Pacote 21 (1925-1928), p. 40.*

as mães para que tirem seus filhos da escola de ‘um comunista, de um homem que não ensina religião’ ”³²

O embate ideológico entre religiosos e comunistas em Camocim será desenvolvido num capítulo à parte, analisando principalmente os desdobramentos que este conflito tomou por conta das eleições de 1947 no Ceará, onde a Igreja Católica, através da LEC – Liga Eleitoral Católica, se transformou literalmente num partido político, assim como a atuação do Monsenhor Sabino Loyola à frente das chamadas “Semanas Sociais”, criando vários Comitês Anticomunistas em várias cidades da Zona Norte do Estado do Ceará.

Sobre as “atividades extremistas” de Francisco Theodoro, os vereadores, em uma das peças dos autos do processo movido contra o mesmo, em que elogiam a atitude do juiz em condená-lo, revelam os espaços de atuação do militante comunista, dizendo ter o Delegado de Polícia agido corretamente em sua detenção,

“... por tentar sublevação da ordem, em meio de classes trabalhadoras da estiva e praia (...) detenção esta que não passou de... horas. Nenhum vexame ou violência lhe foi imposto; nenhuma coação lhe foi feita; sem constrangimentos físicos, foi em seguida posto o querelado em liberdade, que ao envez de se corrigir do erro cometido, buscou em um ‘vermelho pasquim’, incentivar rebeldias e perturbações da ordem, difundir calúnias, pregar barato socialismo bolchevista, tudo isto com insistentes desprezos e menoscabos das autoridades locais”³³.

Podemos notar o zelo que estas autoridades tinham pela “ordem”. A ordem para eles era a harmonia no seio dos trabalhadores, quebrada com a disposição de Francisco Theodoro de incentivar uma representação trabalhista na Câmara Municipal. Num dos jornais que fazem a defesa de Francisco Theodoro, fica patente essa preocupação do militante:

“Por dizer umas tantas verdades, não saber bajular e especialmente por ter patrocinado a candidatura de operários à Câmara Municipal daquela cidade, não abraçando o ‘credo’ marreta, Theodoro Rodrigues de dois meses para cá vem sofrendo innominável perseguição dos veras e mais alguns outros ‘politicóides de aldeia’ que tinham aquela cidade como um feudo

³² Jornal “O Operário”, anno IV, nº. 75, 18 de janeiro de 1931, Camocim-CE, p. 1, In: Arquivo Nacional/Fundo/coleção: TSN/ Processo No. 394/Apelação 460/vol. 2.

³³ *Arquivo Público do Estado do Ceará. Processo criminal contra Francisco Theodoro Rodrigues. 1928/Ações Criminais. Pacote 21 (1925-1928), p. 60.*

inexpugnável. Se não fora as energicas acções que em nome do direito moveram o Exmo. Snr. Dr. Gilberto Câmara, D.D. Presidente da Associação Cearense de Imprensa e Dr. Mozart Catunda Gondim, D.D. Chefe de Polícia e mais alguns outros amigos decididos não sabemos mesmo qual seria sua sorte”³⁴.

Interessante notar que toda essa movimentação que Francisco Theodoro procurava imprimir no seio do operariado da cidade antecedeu à fundação do PCB local e desde já, seus opositores se associavam e classificavam essa prática política de “*malsinada de outras terras de vida desordenada*”, de “*barato socialismo bolchevista*”, difundidas principalmente por um “*vermelho pasquim*”, numa clara alusão à Rússia Soviética.

Sobre a permanência de Francisco Theodoro na Cidade Maravilhosa, o mesmo escreveu um diário narrando os acontecimentos da prisão, sendo recentemente encontrado e incluído em seu prontuário nos documentos do DOPS, que estão no APERJ – Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, denominado “*Os 16 Deportados Cearenses*”. Referido diário é importante para que se conheça o período de ditadura de Vargas, comparado ao famoso “*Memórias do Cárcere*” de Graciliano Ramos.

Francisco Theodoro despeja nas 72 páginas de seu diário toda a indignação contra o período varguista, o cotidiano da prisão, além de suas análises conjunturais do país, do Ceará e de Camocim. É um documento que chama a atenção pela linguagem cáustica, muito própria dos comunistas, no conflito político em que estavam empenhados em dar uma nova opção às pessoas e poder vislumbrar uma sociedade mais justa. Além disso, o diário se caracteriza por mostrar as dificuldades sofridas por quem abraçava uma nova opção política ou filosófica, sem esquecer contudo, do périplo vivido por ele, da sua saga de volta abortada para o Ceará e a conseqüente viagem sob várias formas, desde a fuga do navio no Maranhão e suas peripécias para chegar ao Piauí.

Quando de sua volta da prisão, do Rio de Janeiro para o Ceará, Francisco Theodoro é impedido de desembarcar no Porto de Fortaleza. Segundo ele, soube mais tarde que o comandante da Força Pública, que na ocasião era Júlio Veras, filho de um de seus desafetos em Camocim, Thomaz Zeferino Veras, levava um pedido deste ao Interventor no sentido de impedir a volta dele a Camocim.

³⁴ “A Cultura”. anno 1. n.º. 2, 14 de julho de 1928, Sobral-CE, p. 3.

No seu diário, Francisco Theodoro antevia sua prisão. Desde o início de janeiro de 1931, a polícia fazia valer a verba destinada para a repressão ao comunismo³⁵. O delegado Faustino do Nascimento fez prender mais de 50 operários acusados de comunismo, fazendo um amplo relatório das atividades do Partido Comunista no Ceará ao Interventor Federal Manoel Fernandes do Nascimento Távora³⁶.

Sobre as “atividades extremistas” em Camocim, assim se reporta o relatório:

“O Comunismo no Ceará

O Estado está dividido em zonas, existindo no interior importantes núcleos de células em pleno funcionamento. Entre esses núcleos, contam-se como mais importantes as provas colhidas: Arraial, Aquiraz (Pantanhen), *Camocim*, etc. Os agentes da propaganda comunista no Ceará são em geral, operários residentes neste Estado. Estes têm mantido jornais de propaganda comunista, como ‘Voz Proletária’, ‘O Pacificador’, ‘O Edificador’, em Fortaleza, e ‘*O Operário*’ em *Camocim*.

Camocim

Em Camocim, núcleo comunista na Zona Norte, foi preso o chefe comunista local e redator do jornal ‘O Operário’³⁷.

No intervalo da prisão de Francisco Theodoro, de 1931 até 1935, o movimento comunista em Camocim arrefece um pouco. Com o empastelamento do jornal “O Operário”, a célula perde um importante canal de divulgação de suas idéias. Contudo, as manobras, os caminhos e ações que sugerem os processos crimes indicam que os remanescentes daqueles da “primeira hora” do partido reativam seus contatos e efetivamente tramam alguma ação contra o regime na esteira dos levantes comunistas de 1935.

As pessoas arroladas nos processos crimes são, em sua maioria, aqueles que chamo de “comunistas de primeira hora” e que estão sendo abordados neste capítulo. Com

³⁵ Segundo Francisco Theodoro, foram destinados à essa empresa 50 contos de réis dos cofres públicos, igual quantia oriunda do Arcebispado de Fortaleza, além de outras doações de grandes comerciantes. In: “Os 16 deportados cearenses”/ APERJ/Fundo: DOPS/Série: Prontuários. n.º. 16.744, p. 1;

³⁶ Cópia desse relatório pode ser encontrada em: “O Povo”, ano IV – n.º.894 - 12/02/1931, p. 7 e RIBEIRO, Francisco Moreira. *O PCB no Ceará: ascensão e declínio - 1922-1947*. Fortaleza: Edições UFC/Stylus, pp. 149 a 157.

³⁷ RIBEIRO, Francisco Moreira. *Op. cit*, pp. 154 e 156.

as prisões e defecções decorrentes deste período repressor, as atividades do Partido Comunista em Camocim sofrem um hiato considerável, ou seja, dez anos. Segundo o jornal “O Democrata”, somente em 1945, quando o partido experimenta uma efêmera legalidade, é que se dá a volta de Francisco Theodoro a Camocim, para a instalação do Comitê Municipal no mês de setembro. Em sua saudação, Francisco Theodoro rememora os primeiros anos de militância, assim como estabelece um certo heroísmo daqueles que morreram pela causa comunista:

“Camaradas! Povo de Camocim!

(...) Quantas vezes, alta noite, em companhia de amigos dedicados, fomos levar, por meio de boletins, os ensinamentos democráticos. E eu dizia: *Esta é a semente que não se perde. Demora, às vezes, a germinar, ficando em estado latente, mas, um dia, por um sopro vivificador, ela nasce, se torna árvore e dá frutos.* (...) Os inimigos, porém, receiosos de que a *semente* germinasse, prenderam o seu semeador e, no porão de um navio, puseram-no barra à fora. (...) A *semeadura*, no entanto, não ficou abandonada. Houve quem a regasse. Caboclinho Farias, Pedro Rufino, Raimundo Vermelho e Joaquim Manso se encarregaram desse trabalho. A *semente não feneceu* apesar de um de seus regadores ter sucumbido. Foi ele o nosso dedicado companheiro Raimundo Vermelho. Deu a vida em holocausto à humanidade. Seu heroísmo, porém, não será esquecido do povo de Camocim. (...) Camocim tem os seus mártires. Além de Raimundo Vermelho mais dois companheiros aqui sucumbiram... Amaral e Luís Pretinho. (...) O sangue desses dois lutadores regou as ruas de Camocim e as lages da cadeia. Os seus corpos foram profanados e sepultados debaixo de apupos dos integralistas, em vala comum”³⁸. (grifos nossos).

1.2. João Farias de Sousa - O Ferroviário

João Farias de Sousa, mais conhecido como Caboclinho Farias, foi outro daqueles que não deixaram a “semente” feneceu. Sua profissão permitia que fizesse os contatos necessários para a articulação da militância em suas várias tarefas. De Camocim a Crateús, de Ipu (cidades da zona norte do estado) a Fortaleza; onde os trilhos da ferrovia passavam, Caboclinho Farias tinha sempre um “camarada” com quem trocava informações, recebia instruções, entregava encomendas. O foguista Caboclinho era, portanto, um elo de ligação muito importante que procurava não deixar a chama apagar nas células do PCB na Zona Norte do estado do Ceará.

³⁸ Jornal “O Democrata”, ano I, nº. 28, 05 de abril de 1946, p. 3, Fortaleza-CE.

No trabalho que o historiador cearense Francisco Moreira Ribeiro fez sobre o Partido Comunista no Ceará³⁹, é Caboclinho Farias que irá prestar as informações sobre o PCB em Camocim. Francisco Moreira Ribeiro nos recorda de como as entrevistas com Caboclinho Farias eram feitas. Na verdade, o mesmo resistiu em gravar depoimento para o Programa de História Oral do NUDOC - Núcleo de Documentação Cultural da UFC. Os poucos encontros com o militante comunista sempre eram feitos em lugares diferentes do encontro anterior, o que revela o extremo cuidado de Caboclinho, zelo este fruto ainda dos velhos tempos de repressão ao comunismo.

No que foi possível o historiador Francisco Moreira Ribeiro recolher, valiosas são as informações de Caboclinho Farias, já que praticamente não restou documentação do PCB em Camocim. É através dele, por exemplo, que sabemos da quase concomitância da fundação do PCB em Fortaleza e Camocim. No final de 1927 é fundado o PCB na capital e já em 25 de março de 1928, o “professor Francisco Theodoro Rodrigues instalou um comitê para dirigir os primeiros trabalhos do partido no município, tendo também, começado a circular o jornal ‘O Operário’, de orientação do comitê local”.⁴⁰

No curto período de dois anos em que Francisco Theodoro fica à frente do comitê local do PCB, são fundados vários sindicatos em Camocim. Caboclinho Farias recorda de alguns:

“Sindicato dos Pequenos Agricultores de Camocim, Sindicato da Construção Civil, Sindicato dos Trabalhadores do Porto, Sindicato dos Trabalhadores em Salinas, União dos Empregados da Estrada de Ferro, todos postos fora de atividades após a Revolução de 1930”⁴¹.

Vemos, portanto, a importância do PCB na organização das principais categorias profissionais da cidade. Notadamente, desde sua fundação em 1922 até a Revolução de 30, o partido teve esta característica de atuação no meio operário, buscando uma política de resultados políticos dentro dos sindicatos, ganhando espaços e fazendo frente à tendência anarquista no sindicalismo brasileiro, ao mesmo tempo em que o partido consegue uma maior visibilidade neste seio.

³⁹ RIBEIRO, Francisco Moreira. *O PCB no Ceará: ascensão e declínio - 1922-1947*. Fortaleza: Edições UFC/Stylus, 1989.

⁴⁰ RIBEIRO, Francisco Moreira. *Op. cit.*, p. 98.

⁴¹ Id. *Ibid.*, p.99.

Por conta dos acontecimentos de 1930, intensa repressão foi desencadeada aos operários acusados de comunismo, ou de exercerem “atividades extremistas”. Com a prisão de Francisco Theodoro, a maioria dos militantes desapareceu com medo das perseguições da polícia e políticos locais, segundo Caboclinho Farias. O partido teria se resumido a oito militantes que se encontravam às escondidas.⁴²

São estes oito militantes mais outros cinco que irão fazer uma tentativa de rearticulação do PCB⁴³, que no ano de 1935 experimentava um momento de reativação por conta da criação da ANL – Aliança Nacional Libertadora. A relação política entre ANL e PCB pode ser aqui bem entendida no sentido de que a legalidade da Aliança propiciava um pouco de movimentação dos militantes abrigados nessa sigla e que posteriormente fará dela um esteio para a expressão de suas idéias e até mesmo comandá-la na maioria dos casos. É nesse clima que o PCB ressurgem em Camocim e Caboclinho Farias é considerado membro ativo do núcleo da ANL local.

Sobre Caboclinho Farias pesaria a acusação de ter ou fabricar uma bomba de dinamite em casa. Após algumas investigações, a polícia apurou que a tal bomba estaria na residência de Manoel Fernandes do Nascimento. Feita a busca, o artefato explosivo se revelaria ser apenas uma granada de mão. No entanto, o cuidado com que a tal granada foi passando das mãos de Caboclinho Farias até chegar às de Manoel Fernandes leva-nos a pensar que uma outra utilidade estaria reservada para ela, que não seria apenas um simples presente decorativo que um irmão de Caboclinho Farias, que servira no Exército no Rio de Janeiro, lhe ofertara. Há que ressaltar que naqueles momentos de repressão, qualquer indício ou denúncia de uma organização armada era levada a sério e a extremos muito conhecidos nos processos criminais.

Caboclinho Farias fora ainda um dos três militantes comunistas de Camocim a ser lançado candidato a deputado estadual nas eleições de 1947. Devido às dificuldades financeiras do PCB em disputar o voto percorrendo o interior do estado fazendo o trabalho

⁴² Id. Ibid., p.99.

⁴³ Se considerarmos que as pessoas envolvidas nas prisões de 1936 faziam parte deste grupo, nove, desse grupo de treze estão arrolados no processo de comunistas cearenses. São eles: Pedro Teixeira de Oliveira (Pedro Rufino), João Farias de Sousa (Caboclinho Farias), Petrônio Pessoa dos Santos, Raimundo Ferreira de Sousa (Raimundo Vermelho), José Ferreira de Sousa (Dedé), Gilberto Guimarães Pascoa, Francisco Teles de Souza (Francisco Bordalo), Manoel Fernandes da Silva (Manoel Pretinho) e Maria Soares Vêras. Fundo/Coleção: TSN. Processo nº 394. Apelação 460, vols. 1, 2 e 15. Arquivo Nacional.

de propaganda, adotou a tática de lançar candidatos que militavam nas próprias cidades onde o partido dispunha de uma organização junto aos trabalhadores. Neste sentido, Caboclinho Farias obteve votos por onde o trem passava. Cidades da zona norte do Ceará como Ipu, Crateús, São Benedito, Sobral, Granja e Camocim sufragaram o nome do foguista.

Quanto aos resultados eleitorais, já se pode imaginar que, diante da conjuntura da época, os comunistas levavam ampla desvantagem; fosse pela dificuldade em propagar suas idéias, quase sempre sufocadas pela Igreja Católica e sua aliança com dois grandes setores – grandes proprietários rurais e políticos conservadores – que realizavam a contrapropaganda e em alguns lugares, até mesmo impedindo a campanha eleitoral dos “vermelhos”, fosse mesmo pelos fortes indícios de fraudes nas eleições. Mesmo assim, na análise do historiador Francisco Moreira Ribeiro, esses votos “de certa forma, marcavam a presença do partido na região”⁴⁴.

Os três candidatos lançados a deputado estadual pelo PCB em Camocim, obtiveram juntos, 772 votos dentre os 3.451 conseguidos em todo o interior do estado, ou seja, 27,43% do total dos votos válidos. Só Camocim representaria 22,37% do total dos votos obtidos pelo PCB, o que mostra a penetração do partido na cidade.

Á tática de se indicar militantes comunistas dos comitês municipais para deputado estadual se aliavam também os pontos de um programa mínimo que o partido defendia e colocava como bandeira de campanha junto ao eleitorado. Daí que, especificamente no caso de Camocim, o Programa Mínimo contemplava algumas reivindicações do município, tais como:

- “(...) h) Aquisição de material rodante e tração, reaparelhamento das oficinas da RVC e execução dos planos rodoviários e ferroviários já elaborados.
- i) Construção do porto de Fortaleza, dragagem e melhoramento dos portos de Camocim e Aracati.
- j) Desenvolvimento dos serviços científicos da pesca nos açudes e lagoas, bem como no mar, com utilização de melhores pesqueiros e de uma rede de frigoríficos para armazenamento e distribuição.

⁴⁴ RIBEIRO, Franciso Moreira. *Op. cit.*, p. 103.

l) Instalação para imediato funcionamento em todo o Estado, de agência da Caixa de Crédito para a Pesca.

m) Preferência aos pescadores no aforamento de terras de marinha”⁴⁵.

Caboclinho Farias não se conteve apenas em alimentar as locomotivas que puxavam os vagões pela Estrada de Ferro de Sobral. Viajou e morou em outras cidades e estados; dizem até que chegou a conhecer a União Soviética, antigo sonho seu. Em suas andanças, passa pelo Maranhão, de onde envia uma carta de apoio a cinco companheiros seus presos por conta de agirem na campanha do “Petróleo É Nosso”, publicada pelo jornal “O Democrata”, que transcrevemos abaixo:

“São Luiz, 26-3-50.

Queridos companheiros Osvaldo Farias, O. Nunes, Olivio Mesquita, Manuel Xavier e Antonio Batista Sobrinho.

Venho acompanhando de longe a miserável farsa arrumada pela reação contra vocês, prêsos pelo crime de fazerem inscrições contra a reunião dos diplomatas espíões em nosso solo sagrado de nossa pátria. (...) Quero levar-lhes o meu abraço de solidariedade e de estímulo para o prosseguimento da luta em que nos empenhamos, luta que é de vida e de morte para todos os patriotas. (...) O imperialismo ianque tenta colonizar inteiramente o Brasil, apossar-se de suas reservas minerais, alienar a Amazônia e arrastar-nos em uma guerra injusta e feroz contra a gloriosa União Soviética e os países das Democracias Populares. Para tanto contam com o integral apoio de Dutra e de todos os maus brasileiros. Saibamos pois, ser dignos dos nossos antepassados lutando sem esmorecimentos contra a colonização de nossa pátria pelos gringos ianques, contra o escandaloso projeto da Hileia Amazônica, contra a entrega do Petróleo e demais riquezas minerais, contra guerra imperialista e pela Paz. Vocês souberam cumprir muito bem com o dever que se impõe no momento a todo patriota. Por isso queiram aceitar o abraço fraternal do Caboclinho Farias”⁴⁶.

A carta de Caboclinho Farias é sem dúvida uma maneira de demonstrar apoio aos companheiros presos, mas pode ser muito bem entendida como um verdadeiro manifesto, com forma e linguagem próprias de um militante comunista que analisa os fatos políticos.

⁴⁵ Id. Ibid, pp.84-5.

⁴⁶ Jornal “O Democrata”, ano IV, nº 1020, 04 de abril de 1950. Fortaleza-CE, pp, 7 e 8.

CAPÍTULO II

OS COMUNISTAS E O ESPAÇO POLÍTICO EM CAMOCIM

O ano de 1927, data do recorte temporal inicial deste trabalho, coincide com a instalação do BOC – Bloco Operário e Camponês, e é efetivamente neste ano que os futuros comunistas se apresentarão à cena política de Camocim. Como se sabe, o BOC foi a saída que o Partido Comunista Brasileiro encontrou para driblar a clandestinidade e a chamada “lei celerada” que lhe era imposta e, assim, poder concorrer às eleições.

Embora os analistas reputeem o acréscimo dos camponeses ao Bloco Operário como uma forma de o Partido Comunista se aproximar mais desse segmento da população, assim como a formação de uma “frente” das mais variadas tendências políticas que trabalhavam eleitoralmente o operariado, e tal artifício tenha se dado mais como forma de inclusão da palavra do que efetivamente como uma inclusão da palavra do que efetivamente uma ampliação do Bloco Operário a nível nacional⁴⁷, parece que, em Camocim, algum trabalho de organização dos trabalhadores rurais viria a contemplar essa diretiva partidária nacional. Com efeito, nesse período é fundado o Sindicato dos Pequenos Agricultores de Camocim, tendo à frente o então professor e jornalista Francisco Theodoro Rodrigues, além de alguns outros que seriam figuras de proa do PCB em Camocim posteriormente, como Raimundo Vermelho, Pedro Rufino, Francisco Teixeira, dentre outros.

É em Camocim que o pioneirismo do sindicalismo rural no Ceará se verifica e, num tempo anterior, a constituição da única Liga Camponesa no Estado também. Nos documentos encontrados na casa de Raimundo Vermelho por ocasião das prisões de 1936, atas do Sindicato dos Pequenos Agricultores de Camocim são encontradas e anexadas ao processo, o que demonstra essa organização sindical. Nas eleições municipais de 1928 é feita uma tentativa, ao que tudo indica, via BOC, de se eleger representantes da aliança entre “operários e camponeses” estimulada por Francisco Theodoro através do jornal “O Operário”. Para a conjuntura política local, essa pretensão consistia num verdadeiro perigo

⁴⁷ SODRÉ, Néelson Werneck. *Contribuição à história do PCB*. São Paulo: Global, 1984, pp.67-8.

para a correlação de forças eleitorais dominada pelas famílias tradicionais desde tempos imperiais.

Nas páginas de “O Operário”, o militante Francisco Theodoro expressaria o temor da elite dominante em Camocim de ter na Câmara Municipal um legítimo representante dos trabalhadores. As perseguições ao periódico e ao seu editor seriam a consequência dessa “ousadia”. O processo que um grupo de vereadores da Câmara Municipal de Camocim move contra Francisco Theodoro, por “injúrias impressas”, é um exemplo disso, segundo o próprio condenado, conforme já citamos anteriormente.

Com a prisão de Francisco Theodoro em 1931, o partido “fica acéfalo”. É somente em 1945 que as condições fariam com que os comunistas mostrassem novamente sua cara fundando o Comitê Municipal do PCB⁴⁸. Como sabemos, nesse intervalo de tempo, era quase impraticável a exposição de idéias contra o regime.

No entanto, como já nos referimos, a metáfora da “semente” que o palestrante da solenidade, Francisco Theodoro, naquele retorno aos trabalhos de militância efetiva do partido em 1945, pronunciava, nos dá a resposta: aquele grupo que “regou a semente não deixando-a fenecer”, durante este tempo, se encontrava em reuniões secretas, fazendo um trabalho clandestino e organizativo, esperando a melhor oportunidade de plantá-la novamente. O fim da guerra, com a emergência da URSS como potência atuante no cenário mundial em favor da paz, dava o substrato necessário para que novamente essa planta pudesse vingar.

Nesse momento de efêmera legalidade é que o PCB irá experimentar alguns resultados expressivos nas eleições estaduais e municipais. Em Camocim não seria diferente. Os dois principais candidatos ao Governo do Ceará tinham ligações diretas com Camocim. O general Onofre Muniz era camocinense, enquanto Faustino de Albuquerque tinha exercido a magistratura por muitos anos na cidade. O candidato a governador, apoiado pelos comunistas, teve no município a maior porcentagem dos votos no estado – mais de 88% do total. Esse apoio dado ao candidato Faustino de Albuquerque será analisado em tópico especial ao abordarmos o embate político entre comunistas e religiosos pelo poder nas eleições de 1947.

⁴⁸ RIBEIRO, Francisco Moreira. *Op. cit.*, p. 99.

Nas eleições para o Legislativo, a importância dos Comitês Municipais foi a tática utilizada pelo partido para suprir as deficiências que a campanha impunham ao PCB, face aos poucos recursos e problemas de deslocamentos devido ao pouco tempo que tinham para a campanha eleitoral. Nesse sentido o comitê de Camocim apresentou três candidatos ao legislativo, Pedro Teixeira de Oliveira, pequeno comerciante, João Farias de Sousa, ferroviário, residentes em Camocim, e Raimundo Coelho, camocinense, aviador, que morava em Fortaleza.

Os três conseguem mais de 700 votos. Pouco, é verdade, mas esse número dá uma dimensão do trabalho por eles desenvolvido. João Farias de Sousa consegue votos em quase todas as cidades da Zona Norte, principalmente aquelas em que a presença da ferrovia fazia-se passar. Pedro Teixeira de Oliveira, o mais popular dos três, conseguiria mais de 60% dos votos obtidos pelo trio.

Vale ressaltar que a campanha dos comunistas era sempre fundamentada na defesa de “Programas Mínimos”. Já nas eleições de âmbito estadual, alguns pontos contemplavam reivindicações associadas com os anseios da população camocinense, principalmente a dragagem do porto, crédito para as atividades agrícolas e da pesca, preferência aos pescadores no aforamento de terras de marinha, dentre outras. Esse programa mínimo toma um caráter mais específico e detalhado por ocasião das eleições municipais de 1947.

É um programa cujo bojo das reivindicações ultrapassa os limites do município, ensejando a criação de uma legislação que dê base para a execução do que se pretendia, de acordo com as Constituições Federal e Estadual. Especificamente, o programa defendido pelos candidatos comunistas⁴⁹ era o seguinte:

“ADMINISTRAÇÃO E ECONOMIA

- 1°. Por um rigoroso equilíbrio orçamentário;
- 2°. Para amenizar a situação dos pequenos comerciantes, vendedores ambulantes, etc., diminuindo os impostos, taxas e emolumentos que pesam sobre os mesmos.

⁴⁹ Além de Pedro Teixeira de Oliveira, Joaquim Rocha Veras também era candidato à Câmara Municipal de Camocim.

3º. Pela isenção dos impostos sobre a construção de casas para aluguel barato e pelo aumento sobre os terrenos não cultivados ou não edificadas;

4º. para que as terras pertencentes à municipalidade sejam distribuídas mediante aforamento ou concessão dentro do que preceituam as Constituições Federal e Estadual;

5º. Pelo estímulo à produção agrícola do município, distribuindo-se sementes selecionadas, adubos e assistência financeira aos agricultores que o necessitarem;

6º. Pela criação de Cooperativa de Crédito e Produção, visando assistência financeira aos agricultores e produtores;

7º. Por uma política administrativa justa e equitativa, visando a supressão de despesas desnecessárias e amparo ao funcionário municipal, nos termos do art. 23 do Ato das Disposições Transitórias da Constituição Federal;

TRANSPORTES E SERVIÇOS PÚBLICOS.

1º. Para que sejam enviados insistentes apelos às autoridades federais competentes, no sentido de ser conseguida a dragagem e o melhoramento do porto de Camocim;

2º. Pela criação de uma Cooperativa de Crédito aos pescadores;

3º. Pelo calçamento da cidade e pela criação, em cooperação com o Estado, dos serviços de Água e Esgoto;

4º. Pela instalação de um novo serviço de iluminação pública ou reforma do já existente.

5º. Para adquirir do Estado a instalação de uma Maternidade e um Posto de Saúde na sede do Município, bem como de um Posto Médico em Chaval.

6º. Pelo melhoramento das rodovias Camocim-Granja e Camocim-Chaval, incluindo a construção de pontes sobre os rios Palmeira, Raposa e S. Lino;

7º. Pela abertura e conservação das estradas que ligam os distritos à sede do Município;

8º. Criação de uma banda de música municipal;

9º. Pela construção de uma barragem no lago das “Cangalhas”;

10º. Pela construção de um Matadouro.

EDUCAÇÃO E SAÚDE

1º. Pela criação de uma Escola Normal Rural, na sede do município, pela ampliação progressiva do ensino primário gratuito e pela instalação de escolas noturnas para alfabetização de adultos em todo o Município;

2º. Pela rigorosa fiscalização do Leite e dos demais gêneros alimentícios;

3º. Serviço de limpeza pública mais amplo e eficiente”⁵⁰

Efetivamente, nessa eleição, o candidato Pedro Teixeira de Oliveira, mais conhecido como Pedro Rufino, consegue se eleger a vereador pela sigla do PR – Partido Republicano. Em maio de 1947, o PCB tinha seu registro cassado pelo Supremo Tribunal Eleitoral, pegando os comunistas desprevenidos. No Ceará, a solução para os comunistas concorrerem às eleições municipais daquele ano, foi o abrigo de um partido constituído legalmente. Segundo Francisco Moreira Ribeiro:

“O oferecimento surgiu da parte do Partido Republicano, pequeno, sem muita expressão popular e que servia de guarida a uma tradicional família de políticos locais, os Moreira da Rocha. A legenda do Partido Republicano seria apenas uma espécie de biombo legal para os comunistas cearenses; a verdadeira legenda a ser usada pelos candidatos comunistas seria aquela do ‘Cavaleiro da Esperança’, utilizando-se, assim, da figura carismática de Luís Carlos Prestes e do grande prestígio que este gozava junto às massas”.⁵¹

Como “candidato de Prestes”, já na sua posse, Pedro Rufino começa a provocar polêmica, reafirmando sua filiação ao credo comunista ao mesmo tempo em que faz uma análise em seu discurso da conjuntura política nacional, não poupando o General Dutra das críticas de entregacionismo e subserviência aos americanos, votando contra (o único) uma moção de apoio que a Câmara Municipal fazia votar ao Presidente da República e ao Governador do Estado.

As atas das sessões da Câmara Municipal de Camocim nos dão bem uma idéia de como se pautou o referido vereador e sua atuação de fidelidade ao programa mínimo. Por essas atas também é possível se entrever as falhas de registros, distorção das falas referentes ao vereador Pedro Rufino, o que evidencia uma discriminação do secretário às moções impetradas pelo referido edil, que quase sempre reclamava nas sessões posteriores.

O cuidado que dispensava Pedro Rufino às finanças públicas pode ser comprovado na série de requerimentos ao executivo municipal para saber dos balancetes ou nas suas ponderações sobre as discussões sobre orçamento. Sua participação e apreciação nos projetos de leis fez com que fosse incluído na Comissão de Redação do Regimento

⁵⁰ Jornal “O Democrata”, ano II, nº. 480, 20,10/1947, Fortaleza-CE, pp. 1 e 2.

⁵¹ RIBEIRO, Francisco Moreira. *Op. cit.*, p. 111.

Interno da Câmara⁵² e de Urbanismo e Fomento na primeira legislatura e em outras comissões em legislaturas posteriores, como Legislação, Educação e Cultura, Saúde Pública e Assistência Social e Redação Final, além de outras comissões provisórias⁵³.

Uma das grandes questões que se verifica na Câmara são as correlações de forças entre o poder executivo e legislativo, principalmente quanto a repasses de subsídios dos vereadores e dos Projetos de Lei pedindo a aprovação de créditos suplementares.

A própria Câmara chega a paralisar seus trabalhos como forma de pressionar o Prefeito para repassar as verbas destinadas aos parlamentares. Contudo, uma marca ficará registrada quanto à atuação de Pedro Rufino – suas moções, discursos e requerimentos ultrapassavam as fronteiras do cotidiano municipal. Nestes atos, podemos entrever sua sintonia com o mundo lá fora e uma coerência com as ordens do dia do PCB.

Neste sentido, ele propõe a criação de uma Comissão de Defesa do Petróleo em Camocim⁵⁴, a criação de uma associação local em Defesa da Paz e da Cultura⁵⁵, se solidariza com a UNE, que teve sua sede invadida pela polícia e suspenso o funcionamento do Congresso de Defesa da Paz, no Rio de Janeiro⁵⁶.

Contudo, este tipo de atuação dos parlamentares comunistas parece ser uma praxe, visto que esses momentos são por excelência, momentos de se questionar uma conjuntura política, além de se adequar ao programa defendido pelo partido em campanha e de certa forma, orientando uma tática de agitação e propaganda, buscando, nessas oportunidades, maneiras de se mostrarem eficazes e atuantes. Portanto, a atuação do parlamentar em questão não é fruto somente de sua leitura pessoal dos acontecimentos, mas também de uma estratégia partidária que irá encontrar correspondência em outros níveis, com outros parlamentares.

⁵² Vale ressaltar que inicialmente os outros vereadores o tinham excluído de participar das comissões da Câmara. Argumentando que como vereador não podia ficar ausente das comissões, o Presidente repara o erro e o inclui na Comissão de Redação incumbida de elaborar o Regimento Interno, juntamente com os vereadores Moacir Rocha Aguiar e Setembrino Veras.

⁵³ Livro de Atas da Câmara Municipal de Camocim – n.º. 1. Sessão Preparatória de 15 de março de 1949.

⁵⁴ Id. *ibid.* Sessão Ordinária de 16 de junho de 1948.

⁵⁵ Id. *ibid.* Sessão Ordinária de 18 de março de 1949.

⁵⁶ Id. *ibid.* Sessão Ordinária de 26 de abril de 1949. O vereador Pedro Teixeira protesta por não estar constando em ata seu requerimento protestando contra o Governo Federal face às ocorrências verificadas na sede da UNE, requerimento este rejeitado pelos vereadores, tendo apenas o voto favorável do próprio autor.

Sua atuação, no entanto, comparada com os demais edis da Câmara Municipal, por estas e outras razões, prima pela diferença de posicionamentos, o que deixa o vereador, às vezes, marcado pelo ineditismo de suas propostas ou isolado com suas moções carregadas de motivações ideológicas não absorvidas pelos demais colegas do legislativo.

Nessa atuação do parlamentar comunista na Câmara Municipal de Camocim, há algo que se sobressai – a fundação da *Sociedade de Filhos e Amigos de Camocim*. Nela estava congregada boa parte dos comunistas e se denominava livre de qualquer preconceito, sendo, portanto, uma sociedade aberta, apesar de seus detratores. Parece-nos que esta sociedade é um esteio da atuação parlamentar de Pedro Rufino, saindo daí boa parte de seus requerimentos e moções dirigidas à Câmara. Por algumas vezes é pedido ao edil comunista a explicação dos reais objetivos desta associação, contudo, não se faz registrar qualquer explicação. Quando estamos querendo demarcar a atuação dos comunistas no espaço político, não desejamos restringi-la apenas ao âmbito da Câmara Municipal. Sabidamente, é neste espaço que ela se faz mais visível; porém, não podemos esquecer de outras frentes em que os comunistas atuavam. O espaço da política está relacionado com as lutas pelo poder e esse poder também era disputado pelos mesmos em outros lugares como as associações beneficentes, sindicatos, clubes de serviço, existentes na cidade, além do embate ideológico com a Igreja. Daí podermos verificar nomes de militantes comunistas ou simpatizantes do partido comunista nas diretorias dos sindicatos da Construção Civil, dos Carregadores do Porto, dos Salineiros, da Colônia dos Pescadores, da Associação dos Pequenos Agricultores, da Beneficente Ferroviária, do Camocim Club⁵⁷. O que nós buscamos é saber se a presença dessas pessoas com suas idéias nesses locais teriam marcado um jeito novo de fazer política, o que poderia ser comprovado por alguns depoimentos recolhidos.

⁵⁷ Sem se prender ao tempo cronológico, essas entidades tiveram, em suas diretorias, Pedro Teixeira de Oliveira, Raimundo Ferreira de Sousa, Joaquim Manso, Sotero Lopes, Francisco Teixeira, João Farias de Sousa, Joaquim Rocha Veras, respectivamente.

2.1. “Hostes Brancas *versus* Credo Vermelho” - O Embate Ideológico entre Religiosos e Comunistas

A Revolução Russa de 1917 e seus princípios irão provocar no mundo uma divisão no campo das idéias como nunca se tinha visto até então, principalmente quando a bandeira do anticomunismo é içada pela Igreja Católica e faz disso um trabalho de antipropaganda, buscando uma auto-afirmação da fé pelo exemplo da conformação aos dogmas cristãos de obediência, de sublimação do sofrimento na busca e da promessa do reino do céu.

Este embate ideológico via imprensa já inicia seus passos na década de 20,

A LEC é, portanto, “a organização política dos catholicos”, mas não só isso; é “um movimento de acção espiritual unânime e desinteressada” e se propõe a ser suprapartidária, tendo seu “campo de acção acima e fora de todos os partidos”⁵⁹. Por outro lado, a LEC, pelo menos no Ceará, servirá também como abrigo dos integralistas, e espaço de difusão do integralismo, força viva na campanha anticomunista. A divisão de opiniões se radicaliza ao ponto de que no clima político no Ceará de 1935 não há outra saída; ou se é integralista, partidário da Ação Integralista Brasileira (AIB) ou aliancista, defendendo com fervor uma frente ampla proposta pela Aliança Nacional Libertadora (ANL).

Nesse confronto ideológico, o jornal “Correio da Semana”, por exemplo, mostra sua inclinação integralista ao mesmo tempo em que se utiliza do expediente de falar do outro para mostrar-se. Uma representação desse embate político que se trava é a díade de que fala Norberto Bobbio, isto é, a relação “amigo-inimigo”, onde o espaço político é o chão fértil para se desenvolver antagonismos.

Daí os atores políticos sentirem a necessidade de darem “visibilidade” a seus discursos e a imprensa é um desses canais, revelando uma dicotomia em que, *falar sobre* o adversário é tão importante quanto ao seu programa partidário.⁶⁰ Falar sobre o adversário é também uma forma de analisar o outro para efeito de comparação para consigo, isto é, mostra-se o comunismo pelo que ele tem de mal ou do que o jornal rotula como sendo o mal. Assim, no outro lado da moeda é que está o bem.

Essa dicotomia Bem/Mal é uma forma de produção de sentidos bastante recorrente no discurso jornalístico que promove uma identificação *a priori*, onde o Mal são os comunistas e o Bem, associado com uma memória dos Direitos Humanos, é o guardião da moralidade cristã⁶¹. Documentos, produção literária, impressões de viagens, invariavelmente são usados para efeito desta análise, sempre concluída com o alerta aos cristãos do “perigo vermelho” que, por suas artimanhas, ronda perigosamente nossas cabeças.

⁵⁹ Jornal “Correio da Semana”, ano XVII, n.º. 25, 14/09/1934, Sobral-CE, p. 1.

⁶⁰ BOBBIO, Norbert. *Direita e Esquerda*. Razões e significados de uma distinção política. Trad.: Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora UNESP, 1995.

⁶¹ MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais: 1922-1989*. Rio de Janeiro: Revan/Campinas, SP, UNICAMP, 1998, pp. 83-6.

Isto, é claro, tinha suas repercussões nos momentos em que se exigia uma definição de quem era quem no jogo político. Os religiosos levavam vantagem nesta peleja pela insistência com que aparecem no discurso jornalístico os vários sentidos produzidos *sobre* os comunistas, além de ganharem quase sempre a adesão da imprensa de referência, que não permitia espaços para os comunistas e seus dizeres, pois, segundo Bethania Mariani, “no campo do outro, a diferença comunista é representada como compromissada com o Mal: ela ameaça os valores cristãos, as propriedades, a ordem, os bons costumes etc.”⁶².

Entendendo a linguagem como essencialmente dialógica, estes discursos vão se produzindo e sendo enunciados com a intenção de “dizer para alguém”, através das formações discursivas, o que pode ser dito nesta interlocução de parte a parte. Os jornais de inspiração comunista irão usar também deste mesmo expediente, logo, os sentidos não pertencem a nenhum dos interlocutores, mas, constituídos em interação.

É, no dizer de Bethania Mariani, “uma prática social que funciona pelo imaginário: é o jogo de imagens constituído em torno dos lugares de onde se fala que precisa ser observado no processo histórico da produção de enunciados e de sentidos”⁶³

O jornal “Correio da Semana”, de Sobral, como jornal católico, realiza este trabalho de inculcação do que vinha a ser o *credo vermelho* em duas frentes. Num plano mais pedagógico usavam do expediente da repetição dessa prática em seus editoriais, articulando documentos, panfletos, sermões, mandamentos, e outras produções “literárias”, mesmo quando o clima da disputa política se arrefecia, elegendo outros “inimigos”, como o protestantismo e o espiritismo, ou, mesmo, fazendo associações com outros, como no exemplo: “com a Maçonaria e com o judaísmo o bolchevismo continua de mãos dadas; não se concebe hoje maçonaria sem a ajuda directa de seu irmão \neg o comunismo”⁶⁴. Isso pretendia ter um efeito mais geral sobre os leitores, principalmente os cristãos.

⁶² MARIANI, Bethania. *Op. cit.*, p. 86.

⁶³ MARIANI, Bethania. *Op. cit.*, p.31.

⁶⁴ Jornal “Correio da Semana”, ano XXII, nº. 19, 25 de julho de 1940, Sobral-CE, p. 2.

Por outro lado, o jornal promovia campanhas de combate ao comunismo na Zona Norte do Ceará, mais especificamente na área de jurisdição da diocese. Os apelos aos habitantes de Camocim em forma de alerta contra a “hydra de Moscou”, ou avisos diretos aos comunistas camocinenses, a cobertura dada aos trabalhos do Monsenhor Sabino Loyola na instalação dos Comitês Anti-Comunista e a realização das Semanas Sociais representavam o lado mais prático da ação do periódico sobralense que era bastante lido em Camocim e nas outras cidades da região.

Exemplificaremos estas duas posturas do jornal. Muito astuciosamente, o editor coloca o que seria um comunicado aos jovens russos, denominando de “mandamentos”, um termo bastante identificado com a religiosidade. Ao enumerar esses conselhos em dez (o número dos mandamentos cristãos), é inegável o estabelecimento de uma comparação, ao mesmo tempo em que se pretende ser uma peça doutrinária produzida pelos ideólogos do comunismo. A conclusão é deixada para o leitor fazer. Nada mais interativo!

“Os dez mandamentos para a juventude soviética: a associação dos Ateístas Combatentes entregou a todas as crianças da escola os seguintes mandamentos:

- 1º. Se queres ser um bom aluno, deves ser ateu da marca de Staline.
 - 2º. Não admitas que te obriguem a frequentar a Igreja.
 - 3º. Se teus pais te obrigarem a frequentar uma Igreja, denuncia-os á GPU. (Polícia secreta do terrorismo vermelho)
 - 4º. Denuncia logo todos os inimigos do Estado.
 - 5º. Ser ateu significa ser bom, fiel, verdadeiro aluno de Lenine e Staline.
 - 6º. Todos os alunos ateístas exibam com orgulho seu distintivo de ateu.
 - 7º. Jamais deves cumprimentar sacerdotes ou freiras, ao contrário, mostra-lhes todo o odio do teu proletario soberbo.
 - 8º. Para seres em Bom Ateu, é preciso que estudes bem as doutrinas do ateísmo.
 - 9º. Lembra-te sempre de que os monges, os sacerdotes são inimigos da revolução mundial (e houve gente afirmando que eles são pagos pelo sovietes para combater os totalitarismos. Coitados, o nono mandamento, entregue á mocidade russa, e os factos subsequentes, surraram e chicotearam todos os atrazados).
 - 10º. Todos os ateus devem conhecer a fundo o manejo de todas as armas.
- Mandamentos terríveis, não são leitor?

Parece, porém, que alguns destes mandamentos tiveram assecclas também em nossas terras. Dest'arte, o Estado Vermelho continua a preparar a sua geração vindoura para a revolução mundial.

Que faremos nós?”⁶⁵

Formato diferente desse tipo de discurso, onde se deixa no ar o que pode acontecer e o que se pode fazer contra o comunismo são os publicados durante o acirramento das posturas ideológicas no calor dos embates de 1935. Referindo-se à fundação da ANL em Camocim, o jornal “Correio da Semana” assume uma linguagem mais direta, factual, sem deixar, é claro, de falar *sobre o outro* que está em declínio, para a glória do que proclama e defende — o catolicismo como afirmação espiritual dos trabalhadores e opção de organização política dos mesmos. Os dois trechos abaixo, em momentos diferentes, anos de 1935 e 1940, retratam bem isso:

“AOS COMUNISTAS DE CAMOCIM

Acaba de ser installado em Camocim o partido aliancista ou communista. Houve, também, gritos, insultos e palavras indecentes dirigidas às famílias.

A semente ali plantada já está, antes de nascer, mostrando o que é e o que vale. As paredes de muitos prédios vêem-se as seguintes frases: ‘Abaixo os gallinhas verdes! Viva a Rússia proletaria! Viva a Russia dos homens livres!’

É vergonhoso, reprovavel, absurda e insultosa a propaganda do regime vermelho em Camocim. Quem, assim procedeu foi descortez e faltou ao respeito às famílias. Mas, communistas de Camocim, o Brasil despertou, está de pé e vigilante. Ainda temos homens de vergonha que têm coragem de morrer na defesa da família brasileira. Não é desta vez que o Brasil cae nas garras de Staline.

A polícia de Camocim deve estar vigilante, não permitindo mais a reprodução de factos tão tristes.”⁶⁶

A vigilância aqui deixa de ser apenas um cuidado que os homens de bem devem ter, mas também uma tarefa divina, além da afirmação da derrota do inimigo.

⁶⁵ Jornal “Correio da Semana”, ano XXIII, n.º. 21, 09/08/1940, Sobral-CE, p. 3.

⁶⁶ Jornal “Correio da Semana”, ano XVIII, n.º. 13, 12/04/1935, Sobral-CE, p. 4.

O DECLINIO DO COMUNISMO.

Um pouco de observação e veremos a decadencia a passos largos das doutrinas de Marx, propagadas por Staline, Lenine e outros adeptos vermelhos de maior projecção do scenario russo bolchevisado. Vae em franco declinio o communismo; é que elle, dentro do próprio partido, por parte de seus chefes e comparsas, tem soffrido grande e notavel reacção.

No ponto de vista economico e politico, é um governo plutocratico, capitalista e judaico como as democracias infelizes presas da finança internacional. (...)

Elle falliu porque despresou o valor intellectual do homem. Os cultores da materia, em combate cerrado á intelligencia humana, cedo tiveram derrota.

Em toda parte o bolchevismo foi a negação. (...)

Os adeptos do credo vermelho reconhecem o seu fracasso e a sua derrota; não perdem porem a esperança, jogando as ultimas cartadas do desespero. Si pudessem destruiriam o mundo inteiro. Si lhes fosse possível materializariam as sociedades, pregando o amor livre e corrompendo a mocidade; desejariam estabelecer o regime do sangue e da perseguição, do odio e da vingança entre os que não rezassem por sua cartilha.

Chegou tambem a hora de maior vigilancia.

Já não existe no Brasil a liberal democracia; é justamente por isto que a Terra de Santa Cruz na hora tenebrosa da historia actual, está sendo vista pelos maus olhos dos patronos daquelle regime.

Estamos certos porem de que o governo da Republica está alerta mais do que nunca, a qualquer manóbra que venha a perturbar a ordem e a segurança do Paiz.

Ademais, nasceu nossa patria dentro do Catholicismo. Jesus não deixará que mãos profanas a toquem. O cruzeiro do sul, symbolo do perdão e da fé, continua no céu do Brasil como sentinella cuidadosa a afugentar os inimigos, não permitindo jamais que sejam desrespeitados nossa fé e nosso reconhecido espirito de religiosidade.”⁶⁷

Vale ressaltar que a Igreja católica toma partido nesta disputa, abrigando no seio das congregações pias e abrindo espaços nos seus periódicos para os integralistas, força política que se forja na conjuntura dos anos 30 e se constituirá, através da AIB, a mais ferrenha opositora dos comunistas filiados à ANL.

A Liga Eleitoral Católica em Camocim é fundada em fevereiro de 1933 e é saudada pelo semanário sobralense como sendo a reunião de “parte notável das associações pias da Parochia, de grande número de famílias e pessoas de realce do meio (*ilegível*),

⁶⁷ Jornal “Correio da Semana”, anno XXII, nº 19, 25 de julho de 1940, Sobral-CE, p. 3.

social e catholico”. Pela constituição da diretoria da referida liga, contemplada pelas forças políticas locais, é sintomático para se entender no que se transformou a LEC no Ceará, isto é, partido político da Igreja católica com resultados eleitorais expressivos.⁶⁸

A ligação com o integralismo neste momento é explícita e os editoriais do “Correio da Semana” são generosos à causa do “Sigma”, saudando a bandeira integralista e os “soldados de Deus, da Pátria e da Família”, por ocasião de um comício dos “camisas-verdes” em Sobral, onde a comparação com os comícios da ANL é inevitável, chamando para a radicalização de posições, colocando estas forças em lados opostos pela força do discurso:

“O Integralismo é, de facto, uma doutrina muito empolgante. É uma aurora cheia de soes e attrae, com a seducção das madrugadas, a alma da gente, o coração da gente que até hoje só tem recebido dos governos o despreso, o abandono, a indiferença. (...)

Quanta diferença entre um comicio integralista e um *ajuntamento* da Alliança Libertadora. Naquelle, o amor electrizando, neste, o odio rangendo os dentes. Porque um é a verdade, o outro, a mentira. Um, o Brasil, o outro a Russia!

Brasileiros, ide para o Integralismo, se desejaes a Patria livre, grande e forte.”⁶⁹

Como já dissemos, a antipropaganda do comunismo realçada nas páginas do “Correio da Semana” é intermitente. No entanto, nos períodos de maior agitação política, essa prática jornalística se amiúda. Com a efêmera legalidade do Partido Comunista em 1945, o jornal volta com mais veemência à carga e suas atenções para com os comunistas em Camocim mostram, por outro lado, o quanto o comitê municipal do PCB, nesta cidade, era atuante. Neste período, começando logo nos antecedentes da campanha eleitoral de 1947, o “Correio da Semana” ganhará um concorrente de peso: trata-se do jornal de inspiração comunista, dirigido por comunistas, “O Democrata”, editado em Fortaleza desde 1946.

O jornal “O Democrata” irá fazer um contraponto às idéias veiculadas pelo jornal sobralense e irá dividir os leitores da cidade. Vale ressaltar que ambos os periódicos

⁶⁸ A Diretoria da junta local da LEC ficou assim constituída: “Presidente, Cel. Moisés Cavalcante Rocha; Secretário Geral; Sr. Francisco Ottoni Coelho; Thesoureiro; Sr. Eustachio do Espírito Santo, Directores, srs. Francisco Jaime de Medeiros e José Terceiro Fontenelle” Jornal “Correio da Semana”, ano XV, n.º. 45, 04/02/1933, Sobral-CE, p. 4.

⁶⁹ Jornal “Correio da Semana”, ano XVII, n.º. 13, 12/06/1935, Sobral-CE, p. 1.

tinham boa circulação em Camocim. O “Correio da Semana”, pela facilidade da aproximação geográfica, chegava às mãos das famílias católicas com maior velocidade e estas cuidavam da sua distribuição e subscrição de assinaturas. Já “O Democrata” não ficava para trás, pois contava com o trabalho dos comunistas na sua distribuição, contando com pessoas-chaves na Ferrovia e no Porto que facilitavam a entrada do mesmo em Camocim, principalmente quando a repressão se tornou mais rígida e o simples porte de um exemplar do “*pasquim vermelho*” era motivo para prisão de alguém. A distribuição na cidade era feita principalmente por garotos para despistar a polícia, o que, aliás, era um conselho dado pelo Comitê Regional para a realização deste trabalho.

No início de 1946, quando o PCB passava por uma reorganização de suas bases no interior do Estado do Ceará e se preparava para as eleições de uma Assembléia Constituinte, do Governo do Estado e posteriormente dos pleitos municipais, o “Correio da Semana” chamava a atenção para a ameaça que representava o movimento comunista em Camocim. A quem ameaçava os “vermelhos” de Camocim?

“O movimento comunista em Camocim representa uma séria e grave ameaça para as famílias, é o que diz o povo daquela cidade litorânea, hoje esquecida dos poderes públicos e fadada a ser uma das vítimas do bolchevismo no Brasil.

Não é mais segredo para ninguém o que afirmam os perigosos e exaltados elementos do partido comunista, que planejam, quando um dia forem vitoriosos, distribuir as mulheres casadas e as donzelas, uma para o serviço das que hoje são empregadas e outras para outros fins que a moral condena. Fazem ameaças e assentam tomar vingança daqueles que os combaterem.

Por isso e muito mais do que isso, a família de Camocim, sentindo-se exposta aos ultrajes de um operariado ignorante e intensamente explorado, retirou-se em grande parte daquela cidade.

Daí, não acreditarmos que o caso de Camocim seja realmente, ou somente uma greve. Nem vemos nisso um alarme. Estamos diante de um perigo real.”⁷⁰

Algumas questões podem ser discutidas diante do que se citou acima. Para o jornal, o movimento comunista em Camocim é ameaçador porque a cidade é esquecida pelos poderes públicos, isto é, o comunismo medra somente onde há este descaso das autoridades, sejam elas governamentais, policiais ou eclesiásticas, negando, assim, qualquer iniciativa de organização dos trabalhadores. Já em Sobral, isso parece acontecer com menor

⁷⁰ Jornal “Correio da Semana”, ano XXVIII, n.º. 44, 26/01/1946, Sobral-CE, p. 4.

intensidade, já que a Igreja e as autoridades estão mais vigilantes. É necessário então que a Diocese zele por seu rebanho. Salvar Camocim e outras cidades do “perigo vermelho”, “do credo de Moscou”, passa a ser a prioridade do clero sobralense que toma a iniciativa de criar Comitês Anticomunistas e instituir as Semanas Sociais. É de Sobral, portanto, que deve partir esta cruzada, tendo, na pessoa do Monsenhor Sabino Loyola, sua principal figura.

Ele é quem nos diz a respeito de como estava o avanço do movimento comunista em Camocim: “... o povo de Camocim estava acovardado. Prefeito tinha medo, o vigário tinha medo, o vigário não dizia uma palavra na igreja contra o comunismo com medo, o prefeito também tinha medo, o delegado era tido como comunista...”⁷¹

Esse pretense medo, como se pode perceber, é fruto da construção fantasmática do comunismo e habilmente utilizada por Monsenhor Sabino, líder da reação católica, no sentido de conter o movimento comunista em Camocim em 1946 nas preliminares das eleições de 1947. O medo das famílias de que nos fala o articulista citado acima, que se materializava na retirada de algumas delas, precisava de uma reação. A saída dessas famílias, no entanto, poderia estar se dando por uma outra razão: o declínio das atividades econômicas em torno do porto e da ferrovia, o que explicaria a atuação dos comunistas na luta para que esses espaços de trabalho funcionassem em toda sua plenitude.

Mas a reação precisava ser justificada e não é à toa que ela parta da diocese, já que através de seu jornal já desenvolvia intensa campanha de combate ao comunismo; porém, somente o discurso jornalístico não era suficiente. Uma atitude política que redundasse em efeitos práticos para a população carente era necessária; além do mais, essa faixa da população desempregada e moradora da periferia das cidades da Zona Norte não tinham acesso a estas leituras e não recebiam assistência dos governos e acabavam aderindo às promessas dos militantes comunistas que acenavam para esta gente melhores dias.

Temos, portanto essa ação sendo dirigida para dois públicos alvos. Aos trabalhadores desempregados das periferias das cidades eram dados, durante o período das Semanas Sociais, conforto espiritual, distribuição de alimentos e assistência médica, quase

⁷¹ Entrevista realizada com o Monsenhor Sabino Loyola, 90 anos, em fita cassete e transcrita para o papel. Em 27/04/1998 Sobral-CE.

sempre, terminando com a criação de um posto de distribuição de medicamentos numa entidade filantrópica⁷². Para a população em geral, a programação constava de sermões e “comícios” com Moços Marianos,⁷³ mostrando o esforço de propaganda e discurso anti-comunistas, que resultariam na conversão de ex-comunistas efusivamente contabilizados após os esforços da Semana Social pelos religiosos engajados nessa cruzada.

A propósito destes “comícios”, o jornal “Correio da Semana”, destaca a realização dos mesmos como forma de campanha contra o comunismo na Zona Norte, principalmente nas cidades de Camocim, Viçosa do Ceará e Sobral:

“Por iniciativa do Comitê anti-comunista, realizaram-se animados comícios nos principais bairros desta cidade. Por onze dias consecutivos, o operariado católico de Sobral teve 20 ocasiões de ouvir diversos sacerdotes e destacados leigos esclarecendo sobre os estratagemas da peste das pestes - o comunismo. (...)

De todos os comícios, aquele que maior assistência teve, maior êxito, quer pelos assuntos tratados, quer pelo entusiasmo que de todos se apoderou foi, sem dúvida nenhuma a do bairro do Junco, realizado terça-feira desta semana.

Depois de alguns dias de repouso para garganta dos oradores, prosseguiremos, na campanha contra a hidra vermelha. Avante pelo Brasil!”⁷⁴

As notícias sobre a Semana Social de Camocim têm especial cobertura do jornal católico. A maneira como rememora o fato, a lembrança de detalhes, os gestos de desafio aos comunistas, a apoteose em praça pública do ato “cívico-político-litúrgico” são momentos de que Monsenhor Sabino guarda como se fora seu maior feito como condutor das referidas semanas. Era uma noite de 7 de Setembro de 1945 para Monsenhor Sabino:

Às sete horas da noite eu comecei a falar. Só falei, eu falei curto, meia hora, mas falei logo forte... ▸ Eu bati nos peitos com força (no momento em que fala, bate, efetivamente no peito): ▸ *Eu venho dizer ao povo de Camocim que eu não tenho medo do comunismo e nem de comunista! Ehhhhhh!* (imitando a reação da platéia) Tinha muita gente, tinha talvez umas três

⁷² No caso de Camocim, este posto passou a funcionar na sede da Sociedade São Vicente de Paulo e o primeiro estoque foi comprado com dinheiro do próprio bolso do Monsenhor Sabino Loyola, segundo depoimento do mesmo.

⁷³ Segundo Monsenhor Sabino Loyola, “comício” era mesmo o termo usado por eles e os Moços Marianos que, aliás, era a mesma terminologia usada pelos comunistas nestas reuniões de bairros onde ambas as partes tentavam convencer a população de seus ideais. Orion Matos de Menezes, moço mariano, nos revelou que onde os comunistas iam realizar esses “comícios” eles iam atrás desdizendo o que eles tinham dito e vice-versa.

⁷⁴ Jornal “Correio da Semana”, ano XXIX, nº. 58, 16/11/1946, Sobral-CE, p. 4.

mil pessoas... Eu não apresentei doutrina, só queria esclarecer o povo que tava iludido, sobretudo os pobres, os comunistas pobres... ”.⁷⁵

Para o jornal, que dera cobertura especial ao evento, a Semana Social de Camocim realizou-se de 9 a 14 de dezembro do ano de 1946. O desencontro de datas, contudo, não é de muita relevância nesse caso, visto que a maneira como descreve o jornal “Correio da Semana” o fato, e a lembrança do mesmo pelo seu mentor, coincidem em muitos pontos e, talvez tenha sido o próprio Monsenhor Sabino que tenha escrito a matéria jornalística, visto que era membro do corpo editorial do referido jornal. O objetivo de tal semana, como já sabemos, era “... esclarecer os operários que, iludidos pelas brilhantes e enganosas promessas do comunismo, deixaram o gremio amoroso da Igreja, vendendo os seus direitos por um prato de lentilhas”.⁷⁶

Os resultados são contabilizados. Já no início do dia 10 de dezembro, compareceram cerca de 2.500 pessoas, cujos “vivas e gritos de repulsa sacudiam os ares de Camocim”. Durante a Semana, as irmãs de caridade visitariam os “principais bairros e os domicílios dos operários e davam aula de catecismo”. Os padres se revezavam no esclarecimento dos trabalhadores e “grande número de pessoas rezavam, comungavam e ofereciam a Deus sacrifícios pela conversão dos comunistas, ovelhas tresmalhadas do rebanho de Jesus Cristo”. No encerramento da Semana Social, a assistência foi calculada em 4.000 almas, que, desfilando pela cidade, coroava o esforço dos clérigos. Antes do desfile, porém, “domingo após a missa das 7 horas, o R. Padre reuniu algumas pessoas e deixou fundado o Comitê anticomunista”.⁷⁷

A cruzada de preces iria ainda contabilizar as “declarações públicas de terem abandonado o credo de Moscou” de quatro comunistas. Contudo, o jornal não publica o nome dos “convertidos”, o que nos leva a crer que esses comunistas não tinham muita importância do ponto de vista da organização do partido ou da militância, visto que, em outros momentos, como em 1935 e 1936, aparecem declarações publicadas de recusa do comunismo de ex-militantes ou até mesmo de células municipais.

⁷⁵ Entrevista com Monsenhor Sabino Loyola, já citada.

⁷⁶ Jornal “Correio da Semana”, ano XXIX, n.º. 67, 17/12/1946, Sobral-CE, p. 4.

⁷⁷ Id. Ibid.

Quanto aos Comitês Anticomunistas, podemos dizer que eles são, portanto, constituídos por “*algumas pessoas*”, pertencentes a um outro público, formado principalmente pela elite política, membros do poder judiciário e integrantes das famílias católicas tradicionais, seguindo o mesmo modelo de criação das Ligas Eleitorais Católicas nos anos 30. Há nessa hierarquização das ações das Semanas Sociais uma nítida intenção de que o poder político se fortaleça frente ao avanço dos comunistas nos espaços de atuação dos mesmos, pois, desta forma, utilizando pessoas chaves e com influência nesses espaços, pretende-se ver diminuída a ação dos “vermelhos”, tanto no plano ideológico como assistencialista da população mais carente.

Contudo, parece que esse embate ideológico era relativizado ou suavizado em momentos em que a refrega política não estava na ordem do dia. Refiro-me mais especificamente às relações sociais percebidas entre religiosos e comunistas, algo como a convivência entre pessoas de uma cidade pequena, onde isso se dá de forma mais amigável, proporcionada pela proximidade dos mesmos, por habitarem o mesmo bairro, de trabalharem no mesmo serviço, de ter os mesmos laços consanguíneos etc.

Daí, por exemplo, um moço mariano como Orion Matos de Menezes admirar a eloquência do discurso e a fluência de trafegar pelas leis trabalhistas de um comunista como Pedro Rufino, ou de um outro jovem marianista como Expedito Ferreira Lima, que à tardinha se permitia disputar uma partida de damas na casa desse mesmo comunista. De outra forma, um comunista como Joaquim Rocha Veras não se furtava de colaborar com as obras assistenciais da paróquia, segundo nos diz outro marianista, Valmir Rocha:

“Quando nós precisávamos de ajuda para as obras da Igreja, uma das primeiras pessoas a quem recorriamos era o Quinca Veras (Joaquim Rocha Veras), e ele sempre colaborava com a gente. Não botava dificuldade não”.⁷⁸

Essa “simpatia” é também compartilhada por Orion Matos de Menezes ao falar de Pedro Rufino:

“Dava gosto ouvir Pedro Rufino falar. Ele era muito entendido em leis. Explicava para o povo o que o governo fazia com a gente, a perseguição ao trabalhador, a inflação, tudo ele explicava.

⁷⁸ Informações prestadas pelo Sr. Valmir Rocha, ex-bibliotecário da Congregação dos Moços Marianos.

Quando ele falava, todo mundo ficava prestando atenção ao que ele dizia. Era um grande homem. Às vezes eu escutava o que ele dizia e gostava muito”.⁷⁹

A figura de Pedro Rufino, portanto, tem o respeito e a admiração das pessoas que com ele conviveram ou, pelo menos, daquelas mais próximas, independente da matiz ideológica ou do grau de inserção dessas pessoas nesse embate. Logicamente que essa “simpatia” não se traduzia no plano das idéias e talvez ela se desse nos momentos em que o militante não usasse de suas convicções manifestas para fazer proselitismo, isto é, quando essas relações estavam mais no plano do cotidiano do trabalho, da vizinhança, do lazer onde todos pareciam iguais. Daí se verificar essa “simpatia” para com Pedro Rufino em pessoas como Orion Matos de Menezes ou Expedito Ferreira Lima que de certa forma, eram do seu círculo de amizade, e não de outras, como aqueles que encarnavam a política partidária local, se revelando seus desafetos, como Alfredo Veras Coelho, Francisco Ottoni Coelho, dentre outros.⁸⁰

Por outro lado, *ser* comunista não significava propriamente ser ateu. O “comunismo ateu” tão combatido pela Igreja, não atingia a todos os membros da célula ACC (sigla pela qual se denominavam os comunistas em Camocim).⁸¹ Raimundo Ferreira de Sousa (Raimundo Vermelho), por exemplo, segundo depoimento de seu filho, Tertuliano Ferreira de Sousa, era freqüentador assíduo das missas dominicais, até que o pároco, ao saber se suas ligações com o partido comunista, o proibiu veementemente de adentrar na “sua igreja” e assistir à seus atos litúrgicos.⁸²

Como se pode perceber, não podemos tirar conclusões e nem termos conceitos estereotipados dessa relação entre religiosos e comunistas nesse embate ideológico, visto que as circunstâncias, as peculiaridades e motivações locais podem fazer com que essas relações não estejam propriamente conformadas dentro de uma visão de oposição tácita no campo das idéias.

⁷⁹ Entrevista com Orion Matos de Menezes, realizada em 20/04/98. Camocim-CE.

⁸⁰ Na legislatura de 1948 a 1951 onde Pedro Rufino foi vereador, Alfredo Veras Coelho também foi eleito. No entanto, pedia seguidas licenças para não ter o desprazer de ser chamado de “colega” por um comunista.

⁸¹ O registro dessa sigla aparece numa ata de uma das sessões da célula comunista de Camocim, anexada ao processo contra os comunistas cearenses, sem contudo aparecer sua significação. Imaginamos que ACC poderia ser Associação dos Comunistas de Camocim, no entanto, é uma mera suposição. Arquivo Nacional/Fundo/coleção: TSN/ Processo nº. 394/Apelação 460/vol.2, p. 2080.

⁸² Tertuliano Ferreira de Souza. Entrevista realizada em 21/04/98. Camocim-CE.

CAPÍTULO III

OS COMUNISTAS NO ESPAÇO DO TRABALHO

Este capítulo se justifica principalmente por terem os comunistas uma ação, digamos, vigorosa, no seio do operariado camocinense, atuando nesses espaços de trabalho e fazendo deles locais de militância, procurando organizar os trabalhadores em sindicatos, associações beneficentes e sociedades civis. Pode se perceber, por exemplo, no caso de Camocim, que independente das diretrizes do partido em privilegiar uma ou outra proposição de trabalho de arregimentação e divulgação do partido, era no espaço do porto 8e da ferrovia que se desencadeava a militância comunista, e daí se espalhava para o âmbito de outras categorias profissionais, como os trabalhadores da construção civil e trabalhadores rurais. Por outro lado, a existência dessa conjugação da atividade porto-ferroviária permitia que a militância tivesse mobilidade pelo intercâmbio que essas vias de entrada e saída proporcionavam. Não queremos dizer que a simples existência do Porto de Camocim e da Estrada de Ferro tenham forjado um clima propício para alimentar uma militância comunista desse porte, isto é, um *way of life*, como assinala Gildo Marçal Brandão com relação a Santos, onde “ser operário é ser sindicalista e comunista, fenômeno que ultrapassa o âmbito organizacional e partidário”. Contudo, nas cidades “mineiras, têxteis, portuárias e ferroviárias”, o Partido Comunista se revelava forte, e é nessa consideração que nos fundamentamos para analisar a potencialidade dessa militância nesses espaços em desenvolver um trabalho de consciência de classe.⁸³

Os ecos dessa consciência de classe nos chegam pelos depoimentos de ex-sindicalistas e ex-militantes como o comerciante aposentado João Ricardo:

“Naquele tempo nós nos reuníamos para discutir os problemas dos outros. O sindicalismo aqui em Camocim era organizado. Nós éramos convidados para assistir as reuniões de outros sindicatos e associações. Quando um tinha uma questão para ser resolvida a gente dava opinião e fazia um movimento para encontrar uma solução. Os desfiles de Primeiro de maio eram muito

⁸³ BRANDÃO, Gildo Marçal. *A Esquerda Positiva. As duas almas do Partido Comunista 1920/1964*. São Paulo: Hucitec, 1997, p.182.

bonitos, a passeata ia em todas as sedes dos sindicatos e associações e todo mundo participava. Hoje não, cada um cuida de si e até atrapalham os outros”⁸⁴

Daí quisermos privilegiar esses dois espaços: o Porto e a Ferrovia, como *locus* de atuação da militância comunista em Camocim, procurando compreender sua importância para o movimento comunista na cidade a ponto de ter sido destacada como a “Cidade Vermelha” e a “Cidade Heróica” do Estado do Ceará,⁸⁵ além do que, a maioria dos militantes e simpatizantes do Partido Comunista em Camocim estava entre os ferroviários e carregadores do porto.

Suas histórias se entrecruzam, seus objetivos se combinam e quase sempre estarão no mesmo barco ou no mesmo trem, na linha de frente de obstrução de uma linha férrea para impedir a saída de um comboio ou numa paralisação conjunta para não carregar navios. Esse espaço, apesar de suas especificidades, é uno, seja visto de cima por uma lente a retratar seu conjunto físico harmonioso, como podemos observar na foto adiante, seja visto de baixo por alguém que traz na memória a azáfama do entardecer... Gente chegando e gente partindo, braços, ombros e cabeças enchendo e esvaziando porões e vagões, o movimento da importação e da exportação.

⁸⁴ Entrevista como Sr. João Ricardo em 04/10/1999. Camocim-CE.

⁸⁵ Epítetos dados a Camocim pelo Partido Comunista do Ceará. “Cidade Vermelha” pela importância da militância do partido nesta cidade, estando sempre na vanguarda das ações desenvolvidas pelo partido no Estado. Passa a ser chamada “Cidade Heróica” após a greve geral que a população faz contra a saída das oficinas de manutenção de trens e transferência de ferroviários para Sobral e Fortaleza, durante os meses de novembro de 1949 a janeiro de 1950. Essas expressões aparecem quase sempre que Camocim é motivo de notícias no jornal de orientação comunista “O Democrata”, editado em Fortaleza-CE.

3.1 O Espaço do Porto e da Ferrovia



Foto 1 - Vista panorâmica do Porto e ao fundo a Estação Ferroviária

“UNA

*Saiu do Rio de Janeiro, a 30 de Abril
com escala em Recife e Amaração,
devendo chegar em Camocim a 11 do
corrente.*

*Sahindo depois de indispensável
demora para o Sul com escalas para
Fortaleza, Aracaty, Areia-Branca e
Macau para onde recebe cargas.*

Informações:

em Sobral

com JOSÉ LIMA

em Camocim

FRANCISCO MOREL
encarregado L. B.

Em 1 - 5 - 26⁸⁶

⁸⁶ Jornal “Correio da Semana”, nº 5, 01/05/1926, Sobral-CE.

Anúncios como este, sobre a viagem do navio UNA, eram publicados freqüentemente nos jornais do Estado do Ceará, mostrando o tráfego intenso do Porto de Camocim. O Porto, juntamente com a Estrada de Ferro de Sobral, eram responsáveis, entre os anos 20 a 50, pela exportação de grande parte da produção de matérias-primas da Zona Norte do Estado, como também da importação de produtos de outras regiões do Ceará e do Brasil.

Por estas duas vias de escoamento da produção saíam o sal de Camocim e Chaval, o charque das oficinas de Sobral e Granja, a farinha de Crateús, o boi em pé, a castanha de caju, a carnaúba e o algodão de toda a região. Por elas, chegavam também os tecidos, a porcelana inglesa, os vinhos portugueses, a moda francesa, a madeira da Amazônia, as companhias de teatro que se apresentavam no Teatro São João, de Sobral, e São José, em Fortaleza, as comissões científicas, como a que confirmou a Teoria da Relatividade de Einstein, em Sobral, marinheiros sonhadores, viajantes ávidos de aventuras, comerciantes em busca de estabelecer praça.

A organização dos portuários em outros portos do Brasil se dá neste período, entre 1920 a 1950. Camocinenses, como Sotero Lopes, vivenciaram estas lutas nas suas andanças de marinheiro. A conjugação de trabalho entre o porto e a ferrovia também é salutar para esta troca de informações. O Sindicato dos Trabalhadores do Porto e a União dos Empregados na Estrada de Ferro surgem como as primeiras tentativas de organização dos operários na década de 30. Os ferroviários, antes da fundação do Partido Comunista em Camocim em 1928, já tinham experimentado uma greve em 1914, contra a arrendatária inglesa da Estrada de Ferro de Sobral – *The South American Railway Construction Limited* – que pretendia pagar somente três dias pelo trabalho de uma semana.

A greve é vencedora e o pagamento integral restabelecido.⁸⁷ Neste episódio, podem estar as condições que iriam gerar no seio da categoria dos ferroviários uma consciência de luta por seus direitos, que brotariam em outros momentos onde as relações de trabalho na ferrovia se tornavam adversas.

⁸⁷ Lustosa da COSTA. “Greve”, Jornal “Diário do Nordeste”, Fortaleza, 04/09/96.

Posteriormente, o patrão inglês também agiria no espaço do Porto. A empresa de alvarengagem⁸⁸ inglesa *Booth Line*, juntamente com um prático de nome Marinho, desde os idos de 1935, davam como obstruído o canal do Porto. O tal prático “... encalhando propositadamente um navio na entrada da barra” provocou a vinda de alvarengas de Fortaleza, pertencentes à referida firma para fazer o trabalho de descarregamento de mercadorias. A Booth Line viu naquele serviço, uma maneira de lucrar duplamente, juntamente com o prático.

O não franqueamento do porto aos navios era tema constante no jornal comunista “O Democrata”. Desde agosto de 1947, a tal “obstrução” do Porto de Camocim, era denunciada pelo periódico “vermelho”, mas tudo acontecia sob as vistas complacentes da Capitania dos Portos, de autoridades e políticos. Afirmavam que o porto não dava ancoradouro para navios de médio e grande calados. Com isso, os batelões da empresa ganhavam com o frete de carregamento e descarregamento das mercadorias vindas nos navios que ficavam à boca da barra, sem adentrar no canal natural do porto.

Essa farsa durou quinze anos, de 1935 a 1950, tempo este de atrofiamento econômico de Camocim e ainda de partes do Piauí e Maranhão. No dia 30 de janeiro de 1950, o navio “Aratanha”, com seus 96m de comprimento, navegando a 16 pés de profundidade e 4.000 toneladas de peso, singra as águas do Rio Coreá e aporta. Em manchete de primeira página “O Democrata” estampa: “*O CMTE. DO ARATANHA DESMASCARA A BOOTH LINE*”. Em tipos menores, completa: “*Navios de treze e meio pés de calado podem entrar no porto de Camocim sem o menor perigo*”. O comandante Heitor Theberg, da *Companhia de Navegação Costeira*, fala à reportagem de “*O DEMOCRATA*” – “*Pode ser mantida a linha de transporte e carga com o porto de Camocim*” – *O prático J. Lopes Filho desfaz uma lenda criada pela companhia imperialista.*⁸⁹

⁸⁸ Serviço de carga e descarga de mercadorias feito por embarcações denominadas “alvarenga”. Como os navios não podiam adentrar no porto de Camocim, já que o prático plantara a tese de que seu canal estava “obstruído”, as alvarengas faziam este serviço junto aos navios que ficavam ancorados na boca da barra, auferindo grandes lucros com os fretes.

⁸⁹ Jornal “O Democrata”, ano IV, nº. 977, 09/02/1950, Fortaleza-CE, p. 1 e 2.

O outro prático, o sabotador “a serviço dos inimigos do povo” de Camocim, na realidade nada sofreu e acabou sendo transferido e promovido à prático de Fortaleza. No passado como agora, a impunidade já era um expediente de premiação para os criminosos.

O repórter de “O Democrata”, que por uma dessas felizes coincidências se encontrava em Camocim quando o Aratanha, para desespero dos “exploradores ingleses” jogou para as profundezas a lenda da obstrução do porto, assim narrou o acontecido:

“Eram duas horas da tarde e o navio penetrou apitando de barra a dentro. Apesar da chuva que caía um grande numero de pessoas correu à praia. No dia seguinte, acompanhado do vereador Fernando Trévia, fomos visitar a nave recém-chegada”.⁹⁰

A dragagem do Porto já era um assunto há muito tempo ventilado e o repórter não se fez de rogado e perguntou ao velho marujo, que conhecia nosso porto desde 1902, qual a sua opinião sobre isso:

“Sou de opinião que uma dragagem aqui nada adiantaria. O que se deveria fazer era a construção de dois molhes de pedra sobre os bancos de areia movediça, para a canalisação das aguas, a exemplo do que foi feito com pleno sucesso na barra do Rio Grande do Sul. Feito isso, torna-se necessaria uma ligeira dragagem para a canalisação das aguas. (...) Procedido este trabalho, a barra daria entrada para navios de grande calado, provavelmente de 20 pés a mais. A barra de Camocim que mede presentemente de 15 a 16 pés de profundidade, pode dar entrada nas marés de lua a navios de 13 e meio pés de calado, como aconteceu com o Aratanha sem oferecer o menor perigo”.⁹¹

A atuação política dos militantes comunistas nos espaços da cidade não se dá apenas no período em que Camocim experimenta um notável progresso, sendo a porta de entrada do Ceará, através do complexo do Porto-Ferrovia, nas décadas de 20 a 50, mas também quando começa o declínio comercial advindo dessas atividades, tanto por falta de um melhor aparelhamento do material rodante da ferrovia, como a necessidade da dragagem do porto. Os líderes dos trabalhadores locais (entre eles os comunistas) e estaduais passam a reivindicar estas melhorias através do jornal comunista “O Democrata”, buscando pressionar as autoridades para a solução destes problemas, o que prova que os comunistas não são expressão da exclusão de classe.

⁹⁰ Id. Ibid. p. 2

⁹¹ Id. Ibidem.

Ao apontar fatos como este, queremos dizer que existia todo um contexto social, uma variedade de componentes, experiências de lutas, que, no dizer do historiador inglês Edward P. Thompson, não ocorrem somente nas ditas agências institucionalizadas como os partidos, sindicatos, associações, mas também junto das pessoas comuns que podem guardar parte de uma memória de uma classe.⁹²

Entendemos essa atuação como uma das formas em que se concebe a prática social, não como uma modalidade solitária, apesar de suas características próprias, nem dissociada das outras dimensões da sociedade, mas, relacionando-se com outros domínios.⁹³

Um espaço privilegiado onde a militância comunista assumia um caráter político era a Estrada de Ferro. A maioria dos nossos entrevistados dizem que ali era o “foco” do comunismo. Com efeito, os comunistas eram a grande maioria entre os operários e funcionários administrativos.⁹⁴

O espaço em que se dá essa atuação política dos militantes comunistas é tratado aqui no sentido do que Pierre Nora chama de “lugares de memória”⁹⁵. Daí, uma leitura não se resumirá apenas ao espaço físico existente, como as ruínas das oficinas de manutenção de trens, da Estação Ferroviária, do Porto, das sedes das associações e sindicatos, das praças onde se comemorava o Primeiro de Maio, mas, também, como se reelabora a memória desses lugares e de fatos que marcaram a militância comunista na defesa de seus ideais.

Assim, a participação dos comunistas de Camocim na disputa eleitoral no Estado e no município, no envolvimento com a polícia repressora dos movimentos de 1935 ou postados na linha de frente com a população nos momentos de reivindicação, são exemplos onde os trabalhos da memória atuam. Especificando o que dissemos

⁹² THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

⁹³ COUTROT, Aline “Religião e Política”. In: REMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ Editora FGV, 1996.

⁹⁴ “... as oficinas da RVC em Camocim tinham, em 1950, uma média de 300 operários, enquanto que na estação, compreendendo a parte administrativa, a diretoria, o sistema de tráfego e o sistema de via permanente, havia, aproximadamente, 150 funcionários.” OLIVEIRA, André Frota de em *A Estrada de Ferro de Sobral*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 1994. p.103.

⁹⁵ NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares” In: *Projeto História*. São Paulo: Revista do Programa de Estudos dos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n.10, 1993.

anteriormente, a memória da militância comunista aflora com maior visibilidade no momento em que é representada aqui pela atuação dos militantes comunistas nas eleições de 1947;⁹⁶ a prática política de Pedro Teixeira Oliveira, mais conhecido como Pedro Rufino, na condição de vereador da Câmara Municipal de Camocim;⁹⁷ do “Massacre do Salgadinho” em plena repressão ao comunismo em 1936, e do movimento da população contra a saída dos oficinas e dos trens de Camocim para Fortaleza em 1950.⁹⁸

Militantes como Francisco Theodoro e Petrônio Pessoa dos Santos foram acusados de difundir “idéias extremistas” entre os ferroviários⁹⁹. Francisco Theodoro, redator do Jornal “O Operário”, fundador do partido comunista em 1928 em Camocim, foi alvo de perseguições e prisões motivadas pelos líderes políticos locais e estaduais nos momentos de repressão ao comunismo. É preso em Camocim em 1931.

De Fortaleza vai para o Rio de Janeiro, onde cumpre prisão no presídio da Ilha Grande. Volta a Camocim em 1945, quando da instalação do Comitê Municipal do Partido. No seu discurso de saudação aos presentes, como já vimos, ressalta seu trabalho feito anteriormente, “qual semente jogada em solo fértil”, como também evidencia todos esses anos de militância clandestina de seus antigos companheiros de luta, não só junto aos ferroviários, carregadores do porto, as categorias mais importantes na época, mas, também junto aos salineiros, pescadores, agricultores, dentre outras.

Assim Francisco Theodoro relembra seus primeiros anos de militância nesses espaços da cidade, juntamente com outros “camaradas”, plantando a “semente”, que hoje ele via tornada “árvore”, representada pela fundação do Comitê Municipal do Partido

⁹⁶ Desta eleição participam três candidatos de Camocim: Caboclinho Farias, ferroviário, recebendo votos em quase todas as cidades por onde passava a ferrovia; Pedro Rufino, motorista, vendedor ambulante, o mais popular dos três; e Raimundo Fonseca Coelho, aeroviário, camocinense radicado em Fortaleza. Isso demonstra a organização e a importância da célula de Camocim para o Partido.

⁹⁷ Toda a legislatura de 1947 a 1951 está escrita nos Livros de Atas da Câmara Municipal de Camocim e a participação de Pedro Rufino é bem efetiva. Por outro lado, depoimentos de ex-vereadores desta legislatura, como Fernando Trévia e Setembrino Veras, poderão nos dar uma outra versão da atuação de Pedro Rufino no parlamento camocinense.

⁹⁸ Fato que foi bastante anunciado pela imprensa da época, quando a população revoltada com a notícia de que as oficinas, trens e funcionários seriam transferidos para Sobral e Fortaleza, obstruiu os trilhos com paus, pedras e outros materiais, exigindo providências de políticos, do Ministro da Viação e até do Governador do Estado, que veio pessoalmente a Camocim ver a situação e prometer que as oficinas e trens não sairiam da cidade. Contudo, paulatinamente, funcionários e oficinas foram sendo transferidos.

⁹⁹ Essas acusações partem dos depoentes em processos movidos contra os dois militantes, que se encontram no Arquivo Público do Estado do Ceará.

Comunista em Camocim. E arremata, no final do discurso, uma lembrança das vítimas do “Massacre do Salgadinho” e os vivas de praxe:

“Morreram porque queriam a felicidade do povo, porque horrorisava-os a miséria desse povo digno de melhor sorte. Foram vítimas da quinta-coluna que disfarçada de integralismo seifou a vida desses dois brasileiros. (...)”

Viva o Brasil! Viva o Proletariado! Viva a Luiz Carlos Prestes! Glória a todos que tombaram na luta pela democracia!”¹⁰⁰

Na fala de Chico Theodoro é evidente esta militância panfletária nos espaços do trabalho e na cidade como um todo através destes boletins. No mesmo discurso, ele faz referência a uma “arma” de grande alcance para este trabalho. Quando volta do Rio de Janeiro traz a tiracolo um mimeógrafo, a arma com a qual dispara seus boletins. Na falta de seu antigo jornal, “O Operário”, editado em Camocim, o mimeógrafo dá mais agilidade na propaganda dos ideais comunistas.

Toda essa intensidade da militância vinha desde 1927, quando da instalação do BOC – Bloco Operário e Camponês, que posteriormente será a base do Partido Comunista em Camocim, este fundado quase que concomitantemente ao de Fortaleza em 1928. O desenvolvimento dessa militância redundou também no surgimento de outras frentes de militâncias contrárias ao comunismo, como as associações pias ligadas à Igreja Católica, o integralismo dos “camisas verdes”, principalmente, além das repressões do Governo através da polícia, como vimos no capítulo anterior.

Hoje, Camocim não possui mais este “fervilhar” do ir e vir de navios, trens, pessoas, mercadorias, idéias, utopias. Os projetos são outros e as pessoas também. Os “exploradores” não são mais os ingleses. Situada no litoral oeste do Ceará, a cidade procura se desenvolver através de um comércio de porte médio, da atividade pesqueira artesanal e industrial tocada pelos empresários locais, de um turismo ainda muito incipiente com investimento de um grupo italiano e está começando a entrar no programa de interiorização da indústria do Governo Estadual, com a instalação de uma fábrica de calçados beneficiando um empresa paulista. A população atual do município está em torno de 55.000 habitantes.

¹⁰⁰ Idem.

3.2. Os Sindicatos e Associações

A militância comunista feita nos espaços do trabalho da cidade de Camocim, nos anos 20 a 50, não se restringia apenas à simples divulgação e propagação dessas “idéias extremistas”. O Partido Comunista, no processo de arregimentação de adeptos e organização dos trabalhadores, usava de vários expedientes, de acordo com as circunstâncias locais.

Em Camocim, o apelo político, na procura de organização dos trabalhadores em sindicatos e sociedades mutualistas, foi a estratégia usada, diferentemente de Caucaia, hoje zona metropolitana de Fortaleza, onde o partido se utilizou de métodos tradicionais de se fazer política.¹⁰¹

Utilizando-se de um instrumental político composto de jornais, folhetos, palestras, comícios, reuniões, livros, passeatas, o partido procurava criar nos trabalhadores uma consciência da importância de sua organização e tornar estes meios instrumentos da luta política.

Já em 1927, ano em que era fundado o BOC – Bloco Operário e Camponês, base do futuro Partido Comunista em Camocim, circulava o jornal “O Operário”, único porta-voz do partido no interior do Ceará.¹⁰² No primeiro congresso do BOC, que se realizou em 1930, o Sindicato dos Pequenos Agricultores do Município de Camocim e o Bloco Operário Camponês se fizeram representar no evento.¹⁰³

Entre 1928 e 1931, ano em que é iniciado o processo de repressão aos comunistas cearenses, vários sindicatos surgem, fruto do trabalho de Francisco Theodoro e outros militantes comunistas. Caboclinho Farias, sindicalista militante, em entrevista a Francisco Moreira Ribeiro, conta que foram fundados os seguintes sindicatos:

¹⁰¹ RIBEIRO, Francisco Moreira. *Op. cit.*, p.102.

¹⁰² Segundo relatório apresentado ao Interventor Federal pelo Secretário de Segurança Pública, Dr. Faustino Nascimento, quando da repressão ao comunismo no Ceará, desencadeada em 1931.

¹⁰³ MONTENEGRO, Abelardo. *Os Partidos Políticos do Ceará. Apud RIBEIRO, Francisco Moreira op. cit.*, p. 34.

“Sindicato de Pequenos Agricultores de Camocim, Sindicato da Construção Civil, Sindicato dos Trabalhadores do Porto, Sindicato dos Trabalhadores em Salinas e União dos Empregados na Estrada de Ferro, todos postos fora de atividade logo após a revolução de 30”.¹⁰⁴

Analisando o contexto em que essas associações e sindicatos surgiram, suas origens e objetivos pretendidos, elas despontaram em dois momentos. Um primeiro momento, quando do surgimento do Bloco Operário Camponês (BOC), do Sindicato dos Pequenos Agricultores do Município de Camocim, do Sindicato da Construção Civil, do Sindicato dos Trabalhadores do Porto, do Sindicato dos Trabalhadores em Salinas, da União dos Empregados na Estrada de Ferro e da Sociedade Beneficente Ferroviária que foram fundados entre 1927 e 1932, período em que se travava no Brasil um debate acerca da legislação trabalhista. Angela Maria de Castro Gomes baliza, entre 1917-1937, um espaço de tempo em que a organização dos trabalhadores, por sua emergência e prática de lutas, ensejou que esse debate fosse travado, que acontecessem avanços e recuos na disciplinarização do trabalho via legislação.¹⁰⁵

Por outro lado, o patronato também desenvolveu, no período, um sistema de organização da classe empresarial como forma de atuar politicamente no Congresso Nacional, através das bancadas e em outros fóruns no sentido de retardar e interferir o máximo possível nestas transformações que poderiam advir do embate político.¹⁰⁶ Em Camocim, isso repercutiu no seio do patronato da época, que procurou se organizar na Associação Commercial (1918), ainda atuante e a Associação dos Retalhistas (1934), hoje desativada.

A presença dos comunistas neste momento parece ter sido importante na organização das entidades representativas, o que podemos constatar pela presença de seus nomes nas composições de suas respectivas diretorias. Francisco Theodoro fundou o Sindicato dos Trabalhadores do Porto; Joaquim Manso dirigiu o Sindicato dos Trabalhadores em Salinas; Raimundo Vermelho foi Presidente de uma Sociedade de

¹⁰⁴ RIBEIRO, Francisco Moreira. *Op. cit.*, p. 99

¹⁰⁵ GOMES, Angela Maria de Castro. *Burguesia e Trabalho*. Política e legislação trabalhista no Brasil –1919-1937. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1979.

¹⁰⁶ Idem, *ibid.*

Estivadores; Caboclinho Farias da União dos Empregados da Estrada de Ferro; Pedro Rufino figurou como sócio e diretor do Sindicato da Construção Civil.

O Sr. Nilo, quanto a isso, é enfático:

“Foi o primeiro sindicato que eu conheci aqui, o sindicato dos portuários em Camocim. Foi o Chico Theodoro que fundou (...) Em todo canto papai era sócio, ele era direto em todos os sindicatos, papai era sindicalista em toda qualidade de sindicato... E essa participação no sindicato era feito dentro do sindicato. Essa Construção Civil, esse sindicato do pessoal aqui do mato... rurais, tudo foi o papai que fundou, tudo era fundado por ele aí..., conhecia muito a lei, era muito audacioso, sabia das coisas, sabia falar.”¹⁰⁷

O segundo momento envolvendo o contexto em que as associações e sindicatos surgiram situa-se na época da Revolução de 1930 quando estas entidades classistas foram postas fora de atividade, conforme depoimento de Caboclinho Farias ao historiador Francisco Moreira Ribeiro, já citado anteriormente. Iniciou-se então uma política de estatização dos sindicatos no período varguista, com o objetivo principal de controlar as lideranças sindicais e dar uma feição mais assistencialista aos mesmos. Contudo, as associações ressurgiram atreladas ao Estado. Os comunistas continuaram presentes nestas associações, mas de forma mais discreta, pois o controle e as perseguições políticas eram mais constantes e o atrelamento ao Estado feito pelo Ministério do Trabalho era inevitável. Como tática, eles se infiltravam nessas organizações, para, nesse novo modelo de sindicato, tentar conseguir depois figurar em suas diretorias, o que se configurou com o chamado “entrismo”. Mesmo assim, o controle era rigoroso e dificilmente os comunistas eram vitoriosos.¹⁰⁸

A década de 40 foi fértil no surgimento de diversas associações e sindicatos. Surgiram então o Sindicato dos Estivadores, a Associação Rural de Camocim e Sociedade de Pequenos Agricultores do Município de Camocim. Nas duas últimas, o comunista Joaquim Rocha Veras conseguiu ter o cargo de Primeiro Secretário.¹⁰⁹

No registro de seus estatutos, a “agremiação” dos agricultores é difundida como meio para que os mesmos “unidos num só corpo, tornarem-se dignos, fortes e respeitados

¹⁰⁷ Entrevista realizada com o Sr. Nilo Cordeiro da Silva, em 16/03/97, Camocim-CE.

¹⁰⁸ GOMES, Angela Maria de Castro. *A Invenção do Trabalho*. 2^a. ed, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

¹⁰⁹ Livro de Registro de Pessoas Jurídicas. Cartório André, 2^o. Ofício. Camocim-CE. 1951

na defesa de seus direitos”.¹¹⁰ A assistência ao trabalhador agrícola, o pecúlio à família, a defesa da jornada de oito horas de trabalho, fazem parte de seus programas básicos e outros pontos são extremamente semelhantes ao que se convencionou chamar de “política da outorga” do “trabalhismo” característico do Governo Vargas.¹¹¹

Os Círculos Operários, outra forma de se “agremiar” os trabalhadores, desenvolvida principalmente como um apêndice do trabalho da Igreja na organização dos operários, para não perdê-los para o comunismo, apareceram no Círculo Operário de Chaval, então distrito de Camocim e região produtora de sal, com a proposta de “prestar todo o gênero de benefícios e defesa de seus sócios”.¹¹²

Um outro aspecto da militância comunista nestas entidades foram as comemorações, fartamente lembradas nos depoimentos recolhidos, como no Jornal “O Democrata”, órgão oficial do Partido Comunista no Ceará. “Seu” Nilo lembra saudoso desses momentos, estabelecendo comparações com o presente, face à dificuldade de se fazer uma simples reunião dos remanescentes do partido:

“... a gente fazia comício aqui na Rua do Quadro que dava três a quatro mil pessoas. A praça ficava lotada na Rua 7 de Setembro, aquela Praça 7 de Setembro. (...) Nós sempre fazia comício aqui, Primeiro de Maio, passeata, era boa a luta”.¹¹³

Arthur Queirós dá uma idéia da dimensão de como era um Primeiro de Maio:

“Os comunistas faziam uma grande festa no Primeiro de Maio. Começavam pela madrugada com muitos fogos, foguetões, passeatas e concentração na Praça 7 de Setembro com milhares de pessoas. Era muito movimentado”¹¹⁴

O jornal “O Democrata” ressalta a participação efetiva do Comitê Municipal nas comemorações do Primeiro de Maio de 1946, descrevendo toda a programação, as tentativas de sabotagem da festa por parte dos “reacionários”, a fala dos oradores, o comício:

“Ficou, então, determinado que as festividades consistiriam nas seguintes realizações:

¹¹⁰ Estatuto da Sociedade de Pequenos Agricultores do Município de Camocim, 1951.

¹¹¹ GOMES, Angela Maria de Castro. *Op. cit.*

¹¹² Estatuto do Círculo Operário de Chaval, 1951.

¹¹³ Entrevista com o Sr. Nilo Cordeiro da Silva, já citada.

¹¹⁴ Entrevista com o Sr. Arthur Carneiro de Queirós, já citada.

1º. Alvorada à porta da Sociedade Beneficente Ferroviária pela Banda de Música local.	2º.
Salva de foguetões antes e depois da alvorada.....	3º.
Sessão solene às 14 hs, na sede da Beneficente Ferroviária.....	4º.
Passeata pelas ruas da cidade, visitando as sedes de todos os sindicatos.....	5º.
Comício na Praça 7 de Setembro.	

- Sr. Prefeito Municipal, cidadão Francisco Coelho que cada dia se mostra mais reacionário, caindo, portanto, mais e mais, na antipatia do povo de Camocim, à última hora obrigou o maestro a recolher os instrumentos que pertenciam à Câmara Municipal, a fim de que não houvesse música na passeata.
- Os oradores mais aplaudidos, foram, todavia, os do P.C.B, principalmente quando declararam que seu Partido não podia ficar ausente de uma festa popular e proletária de tão elevada significação, uma vez quer quizessem ou não quizessem os reacionários, era a vanguarda do Povo e do Proletariado.¹¹⁵

Podemos notar que nos dois momentos, as atitudes dessas entidades procuravam se adaptar às novas condições de luta, isto é, enquanto as do primeiro período participaram de congressos que intencionavam fundar partidos políticos, foram perseguidos e postos fora de funcionamento após a Revolução de 1930, as do segundo momento, tanto em suas denominações (sociedades beneficentes), quanto aos seus objetivos estatutários, estavam de acordo com a nova política de sindicalização promovida pelo governo.

Todavia, a atuação da militância dos comunistas nestas entidades, principalmente no segundo período, já que no primeiro eles estavam à frente de suas fundações, não pode ser ainda “visualizada”, dado o seu caráter informal, clandestino, em toda sua abrangência e importância.

As divergências políticas pareciam ser esquecidas em momentos cruciais para a “vida” da cidade. Se entendermos que a ferrovia aparece como o “trem que puxava” os outros setores da economia do município, estas entidades unem-se no movimento contrário à retirada das oficinas e transferência de funcionários de Camocim.

A Estrada de Ferro de Sobral, no ramal de Camocim, no entanto, perdeu um pouco de sua importância com a ligação ferroviária direta de Fortaleza a Sobral, fazendo conseqüentemente ligação com as ferrovias dos Estados do Piauí e Maranhão. Agora na

¹¹⁵ Jornal “O Democrata” - ano I, nº. 56, 15/05/46, Fortaleza-CE, p.3.

condição de ramal Sobral → Camocim, mesmo antes de 1950, a direção da Rede de Viação Cearense → RVC, já havia tentado sua desativação.

A documentação oferece indícios de que a população e os operários da ferrovia pareciam estar de prontidão para os acontecimentos de janeiro de 1950, pois uma determinação da direção em mandar dois funcionários substituírem outros dois em Sobral, que gozariam férias, e o deslocamento de uma tripulação para equipar uma locomotiva em Sobral, para o “escoamento sobre cerca 400.000 sacas de milho acumulada várias estações zona norte com prejuízos incalculáveis para comércio exportador esta Capital”.¹¹⁶, foi o bastante para que a população obstruísse cerca de 600m do leito da ferrovia, impedindo a entrada e saída dos trens.

As explicações da RVC e a boa vontade dos destinatários do telegrama em transmiti-las à população não lhe satisfaziam, que condicionava a saída dos trens a um pronunciamento do Ministro da Viação, Dr. Clóvis Pestana, sobre a permanência de oficinas e funcionários em Camocim. Sentindo-se impotentes para resolverem o impasse, que já durava uma semana, o diretor da RVC, o deputado Murilo Aguiar, e o Presidente da Associação Comercial, Alfredo Coelho pediram a intervenção do Governador do Estado junto ao Ministro da Viação no sentido de resolver a situação.

Os telegramas trocados entre a Associação Commercial, que se achava em sessão permanente, e a direção da Rede de Viação Cearense eram analisados pelo povo, que insistentemente ficava de prontidão em seus arredores. Neles, algumas passagens mostram o caráter resolutivo da população na defesa da manutenção das oficinas e funcionários em Camocim:

“A cidade, não obstante não haver-se registrado nenhum incidente, ainda permanece sob intensa exaltação. A massa popular continua vibrante e entusiasmada, com o propósito de obter o cancelamento da ordem de saída de qualquer operário. Acredito que somente a vinda do ministro da Viação conseguirá normalizar a situação.... Saudações.”

Capitão Assis Pereira Delegado Especial.

¹¹⁶ Trecho do telegrama enviado ao Dep. Murilo Aguiar, ao Sr. Alfredo Coelho, presidente da Associação Commercial de Camocim e ao vigário Inácio Magalhães, pelo Dr. Aloísio Bonavides, representante do Governador do Estado, Hugo Rocha, diretor da RVC e Francisco Coelho, Prefeito Municipal de Camocim, que, após reunião em Fortaleza, pedem aos destinatários que expliquem ao povo as medidas tomadas pela RVC. Jornal “O Povo”, Fortaleza-CE, 25 de Janeiro de 1950. *Apud.* OLIVEIRA. André Frota de. *Op. cit.*, p.104.

“Em resposta ao seu radiograma, informamos que estamos empregando todos os esforços no sentido de que a tranquilidade volte a reinar em nossa terra. O povo, entretanto, continua intransigente, com o objetivo de conseguir um pronunciamento definitivo do sr. Ministro da Viação sobre a permanência das oficinas da Estrada de Ferro, (...) Toda a população, sem distinção de classe ou de credos, percorre as ruas da cidade, numa demonstração evidente de que pretende fazer valer os seus direitos. Logo mais, daremos melhores informações sobre os resultados que estamos empregando. Abraços.”

Murilo Aguiar e Alfredo Coelho.

“Continuamos a empregar grandes esforços no sentido de conseguir que o povo aceite a solução contida no telegrama do Dr. Hugo Rocha. Entretanto, consideramo-nos impotentes, dada a exaltação do povo. Abraços.

Murilo Aguiar, Alfredo Coelho e José Coelho.”¹¹⁷

André Frota de Oliveira em “A Estrada de Ferro de Sobral”, dedica um capítulo inteiro ao fato.¹¹⁸ Nele é ressaltada a atuação da Associação Commercial de Camocim. Esta entidade ficou em sessão permanente durante as negociações sobre a transferência dos trens e funcionários. Seu presidente foi convidado a acalmar a população, num primeiro momento, explicando as medidas da RVC. A multidão, ao redor da sede dessa associação, manteve vigilância e analisou os telefonemas trocados entre a Associação Commercial e a RVC, portanto, o quartel-general das negociações. O seu presidente e o deputado udenista pediram a intervenção do Governador do Estado no impasse criado. Vindos para Camocim, o Governador do Ceará, Faustino de Albuquerque, seu secretário Bonavides e o engenheiro Virgínio Santa Rosa, representante do Ministro da Viação, realizaram na Associação Commercial uma magna sessão, após o comício na Praça da Estação, onde asseguraram a permanência das oficinas e ainda prometeram a dragagem do Porto.

Da sacada da sede da Associação Commercial, o governador dirigiu-se novamente ao povo que acompanhava os passos da comitiva. Finalmente, na residência do presidente, realizou-se um banquete onde vários oradores se pronunciaram e a multidão pediu ao governador que pernoitasse em Camocim, convite este aceito prontamente.

¹¹⁷ Telegramas publicados em Janeiro de 1950 no Jornal “O Povo”, Fortaleza-CE. *Apud* OLIVEIRA, André Frota de. *Op. cit.*, p.105-6

¹¹⁸ OLIVEIRA, André Frota de. *Op. cit.* Cap. VIII. *Janeiro de 1950: tentativa de desativação das oficinas de Camocim. A Estrada de Ferro de Sobral.*

A importância no cenário político da Associação Comercial – seu presidente era um dos chefes políticos locais –, talvez tenha motivado o destaque dessa associação na obra do pesquisador cearense André Frota de Oliveira, já referida. No entanto, essa multidão não era uma aglomeração amorfa. Nas fotos sobre esse acontecimento, como veremos adiante no Capítulo IV, a população carrega bandeiras e estandartes que poderiam indentificá-la com outras associações. Quanto ao comício da Praça da Estação, o próprio André Frota de Oliveira fornece duas pistas que podem nos levar a essas conclusões.

Em sua narrativa, o autor diz que discursaram “vários líderes classistas”. Se entendermos como classe as várias categorias profissionais, elas estavam lá presentes engrossando a manifestação. Após a sessão magna na Associação Commercial, novamente a comitiva, tendo à frente o Governador do Estado, faz o caminho de volta à Estação Ferroviária, para dar início aos trabalhos de desobstrução da linha férrea, onde se encontravam “em torno da Estação(...) mais de mil pessoas reunidas, inclusive *grande* quantidade de mulheres.”¹¹⁹ (grifo nosso).

A presença de mulheres nessas associações e outros movimentos merece um trabalho à parte. Sabemos, no entanto, que ela foi substancial para os padrões da época e, no caso específico, com recorrências até hoje, no que diz respeito à administração de órgãos municipais, estaduais e particulares. Na década de 80, Camocim foi manchete nacional, através de reportagem na Revista Manchete ficando conhecida como “A Cidade das Mulheres”, pois elas detinham os principais cargos de chefia dos órgãos administrativos da cidade.¹²⁰

Não podemos esquecer que nesse período o qual a pesquisa recorta, existiam: a União Feminina Camocinense, da qual participava ativamente a militante comunista Dona Guiomar, filha de Pedro Rufino; o núcleo dos integralistas em Camocim, liderado por Sinhá Trévia; além da presença feminina à frente das associações pias como a Liga Feminina da Acção Catholica,¹²¹ tendo D. Aída Veras como presidente, o que prova que elas poderiam arregimentar outras mulheres em torno do objetivo comum.

¹¹⁹ OLIVEIRA, André Frota de. *Op. cit.*, p. 107.

¹²⁰ Revista Manchete, n.º.1813, 17/01/1987. Rio de Janeiro-RJ.

¹²¹ Livro de Tombo, n.º 2. (1930 -1952), p. 108.

“Seu” Nilo relembra que seu pai, Pedro Rufino, militante comunista, participou ativamente desse movimento, pelo que se pode deduzir que outros militantes também tiveram participação:

“... na época da greve para tirar o trem daqui, papai foi o maior cabeça contra, prá não tirar o trem daqui, ele lutava noite e dia lá na frente do trilho, lutando, botando bagulho lá no meio, mais o pessoal, chamando todo mundo prá ir na luta, prá não deixar tirar o trem daqui prá Sobral. Foi o maior batalhador que eu já conheci vivo, foi o papai”.¹²²

Esse trabalho de arregimentação da população, em ficar defendendo até o fim suas oficinas, mostra que as associações e a população de uma maneira geral foram importantes nesse processo e não o sobressair evidente de apenas uma associação, como parece denotado na obra de André Frota de Oliveira.

¹²² Entrevista com o Sr. Nilo Cordeiro da Silva, já citada.

CAPÍTULO IV

MEMÓRIAS E IMAGENS DA MILITÂNCIA

Ao retomar as lutas sociais, sobretudo naquilo que se construiu e se constrói no teatro das lembranças, com reflexos no imaginário coletivo, seja ele forjado ou não, no caso particular de Camocim, é que buscaremos nesse capítulo destacar a memória, evidenciada não apenas nos comunistas e anticomunistas, mas também no que eles selecionam sobre o “outro”, e vice-versa.

Ao falarmos do *Massacre do Salgadinho*, das comemorações do Primeiro de Maio ou da “greve” da população contra a transferência de ferroviários e das oficinas de manutenção de trens, de novembro de 1949 a janeiro de 1950, não estaremos somente falando desses eventos e seus atores. Procuraremos captar a amplitude desses acontecimentos para tentar explicá-los com mais propriedade e buscar relacioná-los com o tipo de memória que se construiu ou que se constrói no bojo das militâncias em conflito. O recurso à noção de *memória dividida* utilizada pelo historiador italiano Alessandro Portelli, por exemplo, será importante para se compreender as tradições narrativas sobre o *Massacre do Salgadinho*.

Surpreendentemente, para se fazer frente a uma atuação dos comunistas em Camocim, como já foi ressaltada em capítulos anteriores, não aparece como uma referência forte. Os mais firmes opositores dos mesmos - os integralistas - no plano nacional, não produziram uma “anti-memória” explicando o massacre. Durante a pesquisa em jornais, documentos ou depoimentos, pouco podemos observar da presença de simpatizantes do Sigma entre os ferroviários, onde os comunistas tinham ampla maioria entre as mais de três centenas de funcionários, ou mesmo, de uma vaga lembrança de uma liderança da AIB em Camocim exercida pela senhora Sinhá Trévia.

Em Camocim, o “outro”, o adversário, o opositor comunista mais forte, nos parece estar representado pelos setores religiosos, mais especificamente, os católicos militantes na Ação Católica, congregados em associações pias como a Liga Feminina de Ação Católica (L.F.A.C) e Congregação dos Moços Marianos. São esses “moços”,

efetivamente, que irão para o corpo a corpo com o objetivo de “ganhar as almas” dos operários e da população pobre para o rebanho de Cristo, atuando diretamente junto a esses setores no combate ao comunismo, com sua presença no meio dos trabalhadores. Alguns desses moços também eram operários, principalmente da Estrada de Ferro, e atuavam na periferia da cidade realizando “comícios relâmpagos” à moda comunista.

Interessante notar, a utilização dessa estratégia dos comunistas pelos Moços Marianos, que, dessa forma, se comportavam como a “tropa de choque” da Igreja, procurando colocar na prática a prédica dos discursos e dos sermões dirigidos do *púlpito sagrado* aos caros paroquianos de Bom Jesus dos Navegantes. Essa ação prática dos Moços Marianos era a extensão do discurso ideológico das chamadas *Semanas Sociais*, desenvolvidas pela diocese de Sobral, sob o comando de Monsenhor Sabino Loyola. As *Semanas Sociais* são eventos que demarcam essa ação, enfrentando “in loco”, os estragos provocados pelo “perigo vermelho”, do pouco tempo de legitimidade que o PCB experimentara entre 1945 e 1946. A instalação de Comitês Anticomunistas e postos médicos nas cidades onde aconteciam as *Semanas Sociais* era a institucionalização desse combate ao “credo de Moscou”¹²³, muito ao gosto de Monsenhor Sabino, figura de proa da diocese de Sobral, espécie de “missionário” a revelar com sua fúria e firmeza, o perigo da “hidra vermelha” que sorrateiramente preparava o bote sobre a população ignara.

Por outro lado, as conversões públicas de comunistas que abjuravam o “regimem de Stalin e Lenine” após os “meetings” das *Semanas Sociais*, assim como as publicações de pedidos de desligamento de militantes do PCB no *Correio da Semana*, mostravam simultaneamente a força que o PCB de Camocim tinha em relação às demais células nos vários municípios do Ceará, como o poder de persuasão do trabalho das *Semanas Sociais*. Contudo, nesse tocante, as *Semanas Sociais* aproveitavam a interpretação dada às declarações de Prestes, sobre de que lado ficaria caso houvesse uma guerra entre Brasil e Rússia. Os pedidos de desligamento ao Secretário do Comitê Municipal do PCB em Camocim, invariavelmente tocavam nesse ponto:

¹²³ Em Camocim o posto médico funcionaria no prédio da Sociedade São Vicente de Paula, com os serviços clínicos prestados pelo Dr. Colares. “*A Assistência Social em Camocim*”. Jornal “*Correio da Semana*”, n.º. 11, 28 de maio de 1946, Sobral-CE, p.1.

“Declaração.

Através desta, operários da Estrada de Ferro, por não concordarem com Prestes quanto às suas declarações de que caso o Brasil entrasse em guerra com a Rússia, ficaria ao lado dos bolchevistas, e, por tratar de um partido de ligações c/ o estrangeiro e contra os ideais cristãos, pedem o desligamento ao Sec. Político do Comitê de Camocim, do corpo de militantes.

Pires Ferreira, 13 de maio de 1946.”¹²⁴

Em outra reportagem, o “Correio da Semana” traz a declaração de dois militantes comunistas¹²⁵ pedindo seu desligamento, como também uma transcrição do jornal “A Noite” de Porto Alegre, dando conta de que milhares de ferroviários se descomprometem dos ideais comunistas, pelo fato de Luis Carlos Prestes colocar “sua pátria aquém dos interesses de uma nação estrangeira”.¹²⁶

Era como se de repente, aqueles militantes, tocados pela luz da verdade católica, renegassem as idéias “falsas e falaciosas” dos agentes de Moscou. Esses resultados de súbita conversão eram contabilizados pela cruzada católica contra o comunismo nas cidades da zona norte do Ceará, como Camocim, Cariré, Viçosa do Ceará, Crateús, dentre outras.

Expedito Ferreira Lima, ferroviário aposentado, ex-moço mariano se recorda desse embate. Ele prefere não se adentrar nos meandros do embate político entre católicos e comunistas, apenas confirma que os mesmos realizavam alguns comícios nos bairros e deixa a primazia desse confronto para figura de um protestante, chamado João Ferro. Contudo, não localizamos maiores referências sobre a atuação dos protestantes contra os comunistas. No entanto, quando nosso entrevistado cantarola com voz firme o refrão do hino da Mocidade Mariana, percebemos mais precisamente o tal embate:

“A mocidade mariana avante!
Ninguém domina sem lutar
O Cristo-Rei fulgurante
Procuramos restaurar”.¹²⁷

¹²⁴ Correio da Semana, nº 9, 18 de maio, de 1946, Sobral-CE. p.3.

¹²⁵ Os militantes são José Bezerra de Sousa e João Barreto, originários de Ipu e Camocim respectivamente.

¹²⁶ “*Esfacela-se o comunismo no Brasil*”. Correio da Semana, , nº.15, 11 de junho, de 1946, Sobral-CE, p.3.

¹²⁷ Expedito Ferreira Lima, entrevista realizada em 12/04/1999. Camocim-CE.

A ereção da imagem do Cristo-Rei enquanto imagem do anticomunismo, sob Pio XII, na busca da restauração do rebanho, encontra nesse momento uma profunda concordância da orientação do Vaticano e a orientação da Igreja Católica no Ceará. O caráter belicoso do embate entre comunistas e anticomunistas, entretanto, parece tomar outra feição no espaço das relações cotidianas de ambas as partes em Camocim. As opções ideológicas de cada um parece não interferir no plano das relações pessoais, familiares e da vizinhança, a ponto de colocar os preliantes em posições marcadamente antagônicas.

Nosso depoente, Expedito Ferreira Lima, por exemplo, é do círculo de amigos da família do comunista Pedro Teixeira de Oliveira (Pedro Rufino), como já vimos. À tardinha costumava brincar com os filhos de Pedro Rufino e até tê-lo como companheiro no jogo de damas.

Orion Matos de Menezes, outro moço mariano refere-se também com certa benevolência ao se reportar às vítimas do “Massacre do Salgadinho”, além de ter um irmão, Emiliano Matos de Menezes, simpatizante do comunismo. Da mesma forma, Valmir Rocha, também moço mariano, nos conta sobre a relação dele com outro comunista, Joaquim Rocha Veras, que, quando solicitado, sempre colaborava com as obras sociais da Igreja.

Esses fatores descritos até aqui nos servirão para traçar um outro perfil dessa relação comunista *versus* anticomunista, diferente daquelas baseadas em pares antitéticos, analisados à exaustão em obras como “O Ardil Totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30”, de Eliana Dutra e “O PCB e a Imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989”, de Bethania Mariani¹²⁸, mormente no aspecto da memória expressada por essas pessoas e não propriamente do “corpus ideológico” tão bem apresentados nessas obras. O que queremos dizer é que essas carapaças ideológicas não atingem de forma tão adversa comunistas e anticomunistas camocinenses, daí a importância do trágico na construção da memória do massacre, como veremos mais adiante.

¹²⁸ DUTRA, Eliana. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997 e MARIANNI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais: 1922-1989*. Rio de Janeiro: Revan/ Campinas: UNICAMP, 1998.

É preciso lembrar, no entanto, que essa boa vizinhança aparente só acontece em momentos em que a repressão diminui e a cidade parece tomar sua vida normal de interior, onde todos se conhecem e se relacionam. Nos momentos de repressão mais intensa, os contrários afloram e, se não se apresentam com todas as armas, se comportam como indiferentes ao “sofrimento” ou à “audácia” dos comunistas, e o respeito pelo que o vizinho comunista fala, o jogo de damas à tardinha, são deixados de lado, evitados, no sentido de não serem confundido com aqueles, até que “a maré volte a baixar”.

Daí, procurarmos nos tópicos seguintes, analisar esses momentos de visibilidade da militância comunista em Camocim, não propriamente como eleição dos mesmos como os mais importantes de nossa parte, mas, por figurarem nos relatos e nos documentos como os mais significativos na própria construção de uma memória pela militância.

4.1. O Massacre do Salgadinho

Esse texto versará sobre as várias memórias produzidas ao longo dos anos sobre o *Massacre do Salgadinho*, ocorrido em 24 de junho de 1936, no lugar denominado Salgadinho, periferia da cidade de Camocim, num momento de intensa repressão ao comunismo no país.

Desse massacre, dois militantes comunistas morreram no local, fuzilados pela polícia (Amaral e Luís Pretinho). A terceira vítima, Raimundo Vermelho, morreria três meses depois em Camocim, vitimado pelas torturas que sofrera na Casa de Detenção em Fortaleza.

Analisaremos aqui uma memória do *establishment* comunista produzida pelo jornal “O Democrata”, as lembranças do fato por militantes comunistas, anticomunistas e outras pessoas, procurando aplicar a noção de “memória dividida” ao fato a que se refere este capítulo.¹²⁹

¹²⁹ Entrevistamos sobre o Massacre do Salgadinho, o militante comunista Nilo Cordeiro de Oliveira, o sindicalista Tertuliano Ferreira, filho de Raimundo Vermelho, vítima do massacre, Sr. Dedé, também filho de Raimundo Vermelho e único sobrevivente do massacre, Orion Menezes, bibliotecário da Congregação dos Moços Marianos.

Era noite de São João e a cidade vivia os festejos do santo mais popular das festas juninas. A partir dali, a noite de São João passou para o imaginário dos comunistas como uma noite de caçada dos adeptos do “credo vermelho”. Para se resguardarem de surpresas, alguns deles procuravam por iniciativa própria se refugiar durante esta noite em lugares ermos.

O ano de 1936 foi marcado pela reação policial face às tentativas frustradas dos “levantes comunistas”, de 1935 no Recife e no Rio de Janeiro, como sugere Aspásia Camargo¹³⁰ e, que ficou conhecido pela história oficial como “Intentona Comunista”, uma terminologia pejorativa que a historiografia oficial imputou ao movimento comunista no sentido de associá-lo à um estabelecimento de um governo comunista sob às ordens de Moscou, tirando-lhe o caráter antifascista, antilatfundista e antiimperialista do mesmo.¹³¹

Camocim, nos planos de alguns dirigentes do PCB no Estado do Ceará, seria um ponto estratégico para se adotar a tática de guerrilhas nas Zonas Norte e Sul do Estado e refazer os contatos com militantes comunistas do Piauí (Parnaíba), que deveriam aglutinar os remanescentes da repressão, traçar os planos e rumarem novamente para um ataque eficiente à Fortaleza. Para esse trabalho de organização, foram mandados pelo Partido três militantes com experiência neste tipo de trabalho: Miguel Pereira Lima (conhecido no partido como “Amaral”), Francisco Pereira Lima, irmão de Amaral, e Luís Pretinho. O primeiro e o último eram dirigentes no Comitê Regional do PCB no Ceará, com experiência de militância em Parnaíba (PI) e Mossoró (RN), respectivamente.

Estes planos são usados pela imprensa, dita de matiz ideológica contrária ao comunismo, para justificar a ação policial do Capitão Cordeiro Neto no Ceará na repressão oficial. Como nos diz Cid Vasconcelos de Carvalho em “O Trem em Camocim: modernização e memória”, o jornal “Gazeta de Notícias” de 12 de julho de 1936, ao noticiar o fato do “Massacre do Salgadinho”, usa a fala do capitão para relativizar o ocorrido: “Cumprimos nosso dever (...) E o fizemos dentro dos recursos amplamente facultados na Lei de Segurança Nacional. Longe de cometermos qualquer violência, (...)”

¹³⁰ CAMARGO, Aspásia et al. 1937 – *O golpe silencioso: as origens da república corporativa*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1989, p. 13.

¹³¹ PRESTES, Anita Leocádia. *Luiz Carlos Prestes e a Aliança Nacional Libertadora*. Os caminhos da luta antifascista no Brasil (1934/35). Petrópolis: Vozes, 1997, p. 13-20.

qualquer restrição aos direitos individuais legítimos, agimos com a máxima prudência e com toda a precaução necessária”.¹³²

Já dez anos depois do ocorrido, o jornal “O Democrata”, de orientação comunista, abre uma série de reportagens denunciando os crimes “perpetrados pela reação policial”, com amplo destaque ao “Massacre do Salgadinho”. A idéia de “massacre” que aflora na reportagem, se consubstancia mais pelos requintes de crueldade que a matéria transmite, do que propriamente pelo número de mortos, três, Amaral e Luís Pretinho no combate com a polícia comandada pelo Tenente Pio, no ato da prisão, e de Raimundo Ferreira de Sousa, mais conhecido como “Raimundo Vermelho”, que morreu em Camocim três meses depois, vomitando sangue, vítima das torturas que sofrera na Casa de Detenção em Fortaleza. Além de Raimundo Vermelho, seu filho, José Ferreira de Sousa (Seu Dedé) e Francisco Pereira Lima, também foram presos e levados para a Capital.

José Ferreira de Sousa (Seu Dedé), 89 anos, atualmente mora em Camocim. Sobreviveu e sobrevive ao “Massacre do Salgadinho”; de vista curta, porém lúcido, está sempre disposto a levar uma conversa com quem se dispõe a encontrá-lo e conversar sobre aquele dia em que “a polícia matou os comunistas”.

Como já dissemos, em 1946, o jornal “O Democrata” relata o fato com um presentismo envolvente, como se o repórter fosse o testemunha ocular do crime. Falas são recuperadas e ambientes são recriados. Levando-se em conta as circunstâncias em que ocorreu o crime, há que se descontar muito dos excessos de linguagem que o jornal traz, o que não invalida, contudo, a coragem do periódico em denunciar as barbaridades cometidas pela polícia durante a repressão.

¹³² CARVALHO, Cid Vasconcelos de. “*O Trem em Camocim: modernização e memória*”. Universidade Federal do Ceará. Departamento de Ciências Sociais. Programa de Pos-Graduação em Sociologia. Dissertação de Mestrado, 2001, p.130.

4.1.1. O fato e as versões

Francisco Pereira Lima, irmão de Amaral, ao prestar depoimento na polícia, disse:

“... que tendo saltado do trem no ponto terminal de ‘Riacho da Sella’, seguiram num caminho até Sobral e dali a pé, para Camocim, onde tomaram a casa de uma velha de nome Sinhá, que mora à margem da Estrada de Ferro de Sobral, entre os Kilômetros 2 e 3; ... que na madrugada de 24 (vinte e quatro)... por volta de uma e tanto, estando a dormir, na cozinha da alludida casa, numa parte, ao acordar estava prêso e rodeado pelo Tenente Pio, Delegado de Camocim e mais dois soldados à paisana; que perguntaram pelos seus companheiros e o depoente informou que Luiz Pretinho estava dentro de casa e Amaral estava noutra parte; que tendo o Tenente rodeado a casa e batido e declarando que Luiz Pretinho estava prêso, este respondeu à bala e a força que acompanhava o Tenente fez fôgo e Luiz Pretinho saíu baleado e morreu na mesma ocasião; que Amaral, irmão do depoente estava dormindo na casa de ‘Raimundo Vermelho’, no lugar ‘Salgadinho’, a um quilômetro mais ou menos de distância da casa onde dormia o depoente.”¹³³

Já o Sr. Raimundo Ferreira de Sousa, em suas declarações afirma:

“... que no dia vinte e três para vinte e quatro do corrente estava ele declarante acordado quando ouviu uma voz do lado de fóra que dizia: - Seu Raimundo, sua casa está cercada: acenda a lampada que queremos tirar um homem que esta aí; que ele declarante acendeu a lamparina e abriu a porta; que quando puxou a banda da porta mandando entrar os soldados, pois era quem falava mandando abrir, foi surpreendido por um tiro detonado de dentro por Amaral, por baixo do braço dele declarante; que dado a isso ele declarante soltou a porta saltando para um lado no momento em que um soldado respondia o tiro dado por Amaral, que caiu ferido; que os soldados deram apenas dois tiros; que Amaral falou então dizendo estar morto, tendo ele declarante, perguntado por que fêz um ataque daqueles, pelo que Amaral respondeu ainda falando numa filha e dizendo chamar-se Miguel Amaral; que em seguida foi conduzido numa rêde, sendo ele declarante e seu filho prêsos, seguindo para a cadeia onde depois chegou morto tambem Luiz Pretinho que tambem reagiu contra a Polícia, sendo depois ele declarante transportado para esta Capital.”¹³⁴

O depoimento de José Ferreira de Souza (Seu Dedé) à Polícia confirmaria o que seu pai já havia dito, acrescentando que não sabia das ligações de seu pai com os militantes comunistas mortos e nem da origem dos documentos que foram encontrados

¹³³ TSN/ Processo nº. 394/Apelação 460/vol. 2, *Pedro Raimundo de Lima e outros*. Arquivo Nacional/ pp. 644-5.

¹³⁴ Id. Ibid. 1912-3.

posteriormente na casa de seu pai e que estava ali de passagem ajudando seu pai na agricultura, pois o mesmo era Ajudante de Chauffer de seu irmão Isaías Ferreira de Sousa, na cidade de Viçosa do Ceará.

Parece não haver dúvida de que os comunistas foram mortos em locais diferentes pelo depoimento das testemunhas; contudo, fica difícil sabermos a verdade a partir dos inquéritos, como por exemplo, quem atirou primeiro, se os comunistas foram mortos dormindo, se houve ou não requintes de crueldade pelo o que está escrito nos inquéritos policiais, pois a grande maioria destes era conseguida sob tortura, adulterados para relativizar a ação policial, característica própria dos anos de repressão política sob Vargas.

4.1.2. As várias memórias do massacre

As circunstâncias em que ocorreu o “massacre”, na calada da noite, onde praticamente só os preliantes foram testemunhas, concorreram para que uma série de depoimentos apresentassem diferenças de detalhes que fazem das histórias sobre o massacre, lembradas por militantes comunistas, marianistas, familiares das vítimas, memórias de cada um ou de cada grupo sobre o fato.

Neste sentido, iremos trabalhar as várias memórias do “Massacre do Salgadinho”, usando a noção de “memória dividida”, utilizada por Giovani Contini e por Alessandro Portelli, no estudo do Massacre de Civitella Val di Chiana, “cidadezinha montanhosa nas proximidades de Arezzo, na Toscana”, onde “as tropas de ocupação alemãs executaram 115 civis, todos homens...”¹³⁵

O jornal “O Democrata”, já dissemos, recupera o fato dez anos depois, em 1946. Essa recuperação dá-se num contexto de legalidade do Partido Comunista e parece ter uma intenção clara de glorificar os feitos da militância no período de repressão. No preâmbulo da reportagem a que já aludimos, o jornal faz uma retrospectiva de mártires que foram sacrificados em nome de seus ideais:

¹³⁵ PORTELLI, Alessandro. “O massacre de Civitella Val de Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luta e senso comum”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p. 103.

“De Felipe dos Santos e Tiradentes, tem sido enorme até hoje a coorte dos mártires do movimento de libertação nacional. Depois desses pioneiros, muitos outros tombaram em todos os recantos de nosso vasto território. O escravo Zumbi, Caneca, o padre católico, o bravo marinheiro João Cândido! Representando cada qual uma época histórica, caíram vítimas da crueldade dos exploradores de então. A maioria anonimamente, obscuramente. Mas a corrente não se rompeu. Todos tiveram quem recebesse de suas mãos sangrentas o facho luminoso da liberdade”.¹³⁶

Denunciar os crimes do período obscuro é, portanto, além da recuperação destes fatos, construir uma memória sobre eles, de servir como exemplo aos novos militantes que, mesmo anonimamente, deram suas vidas em holocausto. Não são mais anônimos os mártires do *Massacre do Salgadinho*; alguém deverá receber o “facho luminoso” daqueles camaradas mortos numa noite de São João, noite de fogueiras...

A versão do jornal “O Democrata”, com efeito de memória, para o massacre é a seguinte:

“Todos dormiam profundamente. Batem na porta. Amaral e Luís Pretinho acendem a luz para se levantar e, de SURPRESA, (sic!) são impiedosamente visados por cerradas descargas dos fuzis das volantes! Só não foram atingidos um apartamento da casinha. Mas o camarada Vermelho, de tanto apanhar, depois, aqui da Polícia Central, veio a falecer vomitando sangue!”¹³⁷

Com relação ao *Massacre do Salgadinho*, a versão do jornal mistura, na narrativa do episódio, impressões do repórter, informações outras de como a polícia conseguiu localizar o “aparelho” do Salgadinho e falas das vítimas e dos algozes no desenrolar da trama trágica. Essas falas dão um sentido próprio à narração, que permitem ao leitor conceber um atestado de veracidade no que lê. Assim, uma memória a partir dessas falas vai se construindo pelo discurso jornalístico. Alguns fragmentos dessas falas e desses sentidos advindos do discurso jornalístico podem ser percebidos nos depoimentos orais. Quanto às falas a que nos referimos anteriormente, o jornal assinala:

“O camarada Pretinho que fora apanhado desfalecido, como morto, tivera a desventura de ‘tornar’; abrindo os olhos para os seus condutores, implora: ‘Um pouco d’água por Jesus!’ Foi uma sádica novidade para a volante, que já o supunha no outro-mundo. Puzeram-no, então no

¹³⁶ Jornal “O Democrata”, Ano I, nº.45, 01/05/1946, Fortaleza-CE, p.5.

¹³⁷ Id. Ibid. p.5.

chão duro (como que para evitarem trepidamente as pancadas) e hitleristicamente abriram-lhe o craneo (às pancadas) e a coices de fuzis.”¹³⁸

No enterro dos militantes, o jornal “reproduz” as falas dos algozes:

“Foi aberta somente uma cova. E o discurso fúnebre teria sido este, proferido pelo próprio Delegado Militar, autor da façanha: ‘Matar comunista não é crime. Por isto temos a honra de haver livrado a sociedade destes dois bandidos, que sempre agiam juntos. Mandeí cavar para eles um só buraco. É para chegarem no inferno se beijando, determino que ponham o primeiro olhando para o céu e o outro por cima dele, abraçando-o . Com esta lição os seus comparsas vivos hão de recuar, ou serão punidos da mesma maneira’. E jogaram os corpos mutilados no buraco comum, como se fossem leprosos!...”¹³⁹

Dois detalhes nos chamam a atenção. Primeiro que o jornal conta o fato ocorrido há dez anos atrás com um presentismo envolvente, como se o repórter fosse testemunha ocular da história. Não faz nenhuma menção a quem possa ter narrado o massacre, se um militante, um sobrevivente, a comunidade, o grupo político etc. Segundo, com relação às falas reproduzidas, parece que há uma intenção de chocar. O comunista, nos últimos instantes clama: “Um pouco d’água por Jesus!”. Na fala do Delegado, a banalização do crime: “Matar comunista não é crime”.

O filho de Raimundo Vermelho, Tertuliano Ferreira de Sousa, 70 anos, acrescenta um outro dado, diferente da memória construída pelo Jornal “O Democrata”, que reforça a questão da delação praticada pelo militante comunista Antônio Farias que trai todo o Comitê Regional e dá o paradeiro de Amaral e Luís Pretinho. Segundo ele, teríamos também uma delação no âmbito local, cujo delator teria sido um senhor de nome Marçal, misto de integralista e católico praticante.

Já o Sr. José Ferreira de Sousa, o único sobrevivente do massacre, numa conversa informal, nos diz que o primeiro tiro partiu de dentro de casa. Quando ouviram voz de prisão um deles (Amaral ou Luís Pretinho) atirou para fora. Seu Dedé pulou da rede em que dormia e este pulo salvou-lhe a vida, pois logo depois sua rede era varada de balas. Seu pai, vendo um já morto numa poça de sangue, gritou para a polícia cessar-fogo “... que eles se entregavam”. Por acaso, Seu Dedé dormira ali naquela noite, ele não era militante

¹³⁸ Id. Ibid. p.6.

¹³⁹ Id. Ibid. p.6.

comunista e sim motorista de um caminhão que fazia “horário” para Viçosa do Ceará. Por ordem dos policiais, ajudou a transportar os corpos até a Delegacia de Camocim e também foi preso juntamente com seu pai e levado à Casa de Detenção em Fortaleza.

A discussão sobre quem deu o primeiro tiro, neste caso, parece não ser tão relevante quanto ao Massacre de Civitella, mas, a própria idéia de “massacre”. Junto com “Seu” Dedé fomos fazer o reconhecimento do local do massacre. Durante nossa conversa e no reconhecimento do local da chacina ele não fala uma vez sequer de massacre. Ele tem dificuldades em reconhecer o local, pois a casa onde dormiam naquele dia não existe mais. Alguns moradores próximos indicam o local onde “mataram os comunistas”

O Sr. Nilo Cordeiro da Silva, militante comunista, 73 anos, também não reivindica uma imagem do massacre como ponto alto da militância, preferiria talvez, que o mesmo não tivesse acontecido em Camocim:

“ É, tinha só dez anos, novo, (...) essa aí eu não sei bem. Eu sei que conheci muito eles, né. Todos dois. Ainda me lembro deles, as feição tanto deles, que (...) sempre aí à noite, eles vinham na porta da mamãe e a mamãe dava de comer eles aí meia-noite, o papai saía mandava fazer janta prá eles, então eles vinham almoçar e jantar aí. De dia eles ficavam conversando por lá no velho Chico Teodoro, não, Raimundo Vermelho e depois vinham prá casa da mamãe. Aquilo quando o papai tava lá mandava abrir a porta e eles entravam, prá sair. Papai até disse prá eles, rapaz vão simhora que a polícia já tá pensando que vocês estão aqui. Não, nós vamos já. Depois nós vamos. Foi só quando deu. Se eles tivessem ido embora não tinha acontecido aquilo. Tinham ido morrer em noutra canto, aqui não tinham morrido”.¹⁴⁰

Não se pode, no entanto, desconhecer os requintes de crueldade cometida pela polícia. A maneira como foram conduzidos do local do massacre à Delegacia de Camocim é contada pelo jornal, como se fora na carroceria de um “caminhão da escolta”. Seu Dedé, por sua vez, fala que ele e seu pai ajudaram no transporte dos corpos em redes pelas ruas da cidade.

Por outro lado, poderíamos pensar que a memória de militâncias contrárias ao comunismo se resguardasse de pronunciar essas crueldades. No entanto, Orion Matos de Menezes, ex-bibliotecário da Congregação dos Moços Marianos, diz:

¹⁴⁰ Entrevista com Nilo Cordeiro da Silva, já citada. Camocim-CE.

“Isso não era coisa que se fizesse só porque eles eram comunistas. Pegaram eles dormindo, atiraram neles e saíram arrastando numas redes, todos ensangüentados. Colocaram numa carroça os coitados e trouxeram prá Delegacia. Foi horrível, eu ouvia minha mãe contar”.¹⁴¹

Como podemos notar, as diversas memórias não apresentam grandes conflitos ou choques entre uma memória do “establishment” comunista, entendida aqui como a memória produzida pelo jornal “O Democrata”, a memória oficial do inquerito, uma memória “ideológica” da militância e outras memórias dos depoentes. Aliás, a memória contida no jornal “O Democrata” parece ser mais ideológica do que propriamente dos depoentes. No sentido da “memória dividida”, não nos cabe trafegar de uma à outra buscando uma autenticidade das mesmas. É como diz Portelli: “Na verdade, estamos lidando com uma multiplicidade de memórias fragmentadas e internamente divididas, todas, de uma forma ou de outra, ideológica e culturalmente mediadas”.¹⁴²

No Massacre de Civitella, essa divisão da memória é mais visível, mais presente nas comemorações que os grupos fazem da rememoração do massacre, cada um apresentando suas mediações, visto que a memória sofre moldagens com o tempo histórico. No caso do Massacre do Salgadinho, há uma ausência dessa rememoração como forma de comemoração. O Partido Comunista, em Camocim, parece se ressentir da ausência desses momentos da memória do partido na cidade. As datas passam despercebidas. No ano de 1999, em que completava setenta e um anos de sua fundação nada se fez. Isso não quer dizer que não se tenha uma memória. Em nossas incursões nesse campo, os depoentes parecem se sentirem estimulados a relembrar os momentos de glória em que a cidade era chamada de “vermelha”, “heróica”, “pequena Moscou”, tempos de uma militância que afluía aos milhares em passeatas e comícios no Primeiro de Maio, ressaltados, é claro, os silêncios, as recusas em gravar entrevistas, relativizar suas participações na militância, atitudes perfeitamente compreensíveis.

Analisando o “Massacre do Salgadinho” depois de sessenta e quatro anos de acontecido, duas situações para o pesquisador se apresentam. A primeira é que quando procuramos colher depoimentos sobre o mesmo, a referência à militância comunista na

¹⁴¹ Entrevista realizada com Orion Matos de Menezes, já citada. Camocim-CE.

¹⁴² PORTELLI, Alessandro. “O massacre de Civitella Val de Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luta e senso comum”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. *Op. cit.* p. 106.

memória das pessoas é bem forte, tanto para quem viveu essa militância, quanto a quem era contrário ideologicamente e a sua grande maioria nem sabe e nem sequer desconfia que Camocim foi palco de um dos momentos mais importantes da afirmação das idéias políticas do comunismo no Ceará.

4.2. As Comemorações do Primeiro de Maio

“As almas, como os corpos, podem morrer de fome. Queremos pão, mas também queremos rosas”. (Frase escrita numa faixa, durante a greve das operárias têxteis da cidade de Massachusetts, EUA, em 1912).

As comemorações do Primeiro de Maio são uma outra forma de visibilidade da militância muito presente na memória de comunistas e anticomunistas em Camocim. Os desfiles de agremiações trabalhistas realizando passeata num itinerário que percorria todas as sedes das várias associações e sindicatos engrossando o cortejo para o momento culminante – o comício, na praça 7 de Setembro, escolhida previamente, é uma imagem recorrente em relatos e artigos de jornais.

Para a construção desse texto, nos utilizaremos principalmente dos relatos de comunistas e do jornal “O Democrata”, sobre o Primeiro de Maio de 1946. Este é um Primeiro de Maio diferente, pois se dá num momento em que o Partido Comunista experimenta uma breve legalidade, assim como é o ano em que o jornal começa a circular no Estado do Ceará, sob a orientação comunista e o mesmo será importante para a criação e solidificação de um imaginário da militância comunista, principalmente quando recupera fatos e feitos da militância no Ceará dos anos anteriores, especialmente dos acontecimentos de 1935-36, com certa ênfase no trabalho desenvolvido na Cidade Vermelha – Camocim, como caso do *Massacre do Salgadinho*.

Por falar em massacre, o Primeiro de Maio é também o momento de culto aos mártires da história de lutas do operariado, apesar de que as tendências políticas que, historicamente, sempre procuraram fazer desta data uma comemoração destes atos heróicos de operários que foram vitimados no fragor da luta (como os mortos no *Massacre do Salgadinho*) excluía ou incluía os eventos a serem lembrados. Portanto, eventos ligados à militância socialista eram “esquecidos” por anarquistas e vice-versa:

“Um dos primeiros militantes anarquistas, Benjamim Mota, recorda nas suas memórias (*Plebe*, 31 de maio de 1919) a ocorrência de diversas conferências nas cidades de Santos, São Paulo,

Jundiaí, Campinas e Ribeirão Preto, no dia 1º de maio de 1898. Conta-nos também que, a 11 de novembro deste mesmo ano, ele, juntamente com Gigi Damiani, Zeferino Bartolo, Estêvão Estrella e outros fizeram um manifesto para pregar nas paredes de São Paulo tendo em vista honrar o aniversário de enforcamento dos mártires de Chicago, isto porque os anarquistas ficam muito hesitantes em tornar o Primeiro de Maio a data máxima dos trabalhadores, pois essa data havia sido escolhida *num congresso socialista* e em muitos países confundia-se com uma festa. Eles preferem então o *11 de novembro que relembra de forma direta os ‘assassinados legalmente’, todos anarquistas”*.¹⁴³ (grifos nossos)

Embora em Camocim essas disputas de memória por grupos ligados aos trabalhadores não tenham se verificado, achamos ser importante analisarmos estas referências, até mesmo para esforço de construção textual do sentido do que a data do Primeiro de Maio teve para os comunistas e para a população de um modo geral.

O Primeiro de Maio, como sabemos, vem de uma tradição secular e está intimamente ligado com a história do movimento operário pela conquista do limite de oito horas de trabalho diário, regulamentação do trabalho feminino e de menores, luta por melhores condições de trabalho nas fábricas, dentre outras. A data, por exemplo, é uma alusão a um dos eventos que simbolizou essa luta, o *Massacre de Chicago*, ocorrido em 1886, onde vários operários são mortos pela polícia numa manifestação pelo limite de oito horas de trabalho¹⁴⁴. No entanto, outras datas de lutas coincidem com o Primeiro de Maio e têm nessa data uma referência¹⁴⁵.

No Brasil, as comemorações do Primeiro de Maio datam de 1895, cabendo à cidade de Santos a primazia de ter realizado reunião comemorativa “por iniciativa do Centro Socialista fundado por Silvério Fortes, Sóter Araújo e Carlos Escobar” (DEL ROIO: 1986, p. 98). Outras reuniões ocorrerão em 1898 em cidades paulistas, principalmente Santos, São Paulo, Jundiaí, Campinas e Ribeirão Preto, realizadas sempre em lugares fechados, apesar de o Rio Grande do Sul ter registro de que em 1887, a União Operária

¹⁴³ DEL ROIO, José Luiz. *1º de Maio. Cem anos de luta. 1886-1986*. São Paulo: Global/Oboré, 1986, p. 14.

¹⁴⁴ A palavra de ordem do movimento era: “A partir de hoje, nenhum operário deve trabalhar mais de oito horas por dia. Oito horas de trabalho! Oito horas de repouso! Oito horas de educação!” In: DEL ROIO, *Op. cit.*, p. 57

¹⁴⁵ Em 1531, os aprendizes de artesãos da cidade de Lucca, na Itália, realizam manifestação reivindicando salário mínimo e diminuição de jornada de trabalho. Em 1848, o 1º de maio marca a data que o operariado inglês consegue a fixação, pelo parlamento, do limite de dez horas de trabalho para os adultos, após décadas de protestos, assim como está ligada ao que nos Estados de Nova York e Pensilvânia se convencionou chamar de *moving day*, data da celebração de contratos de trabalho. In: DEL ROIO, *Op.cit.* pp, 15, 40, 64.

tenha promovido uma apresentação de drama teatral intitulada “ *O 1º de Maio*”. Sobre uso do teatro nas comemorações, Del Roio, nos diz:

“O teatro é muito usado como instrumento de educação política, pois a maior parte dos trabalhadores é analfabeta e, mesmo quando sabe ler, são oriundos de povos de longa tradição apenas oral, tantos os brasileiros como os italianos e os ibéricos”.¹⁴⁶

As comemorações do Primeiro de Maio, contudo, parecem tomar outras feições, incorporando tanto o lado festivo como o combativo, sendo que a ênfase, ora num dos aspectos, ora em outro, se dará muito em consequência das circunstâncias em que são promovidas. Outrossim, quando a festa assume caráter festivo, não quer dizer que um conteúdo de combate, de protesto, de conflito, não esteja nela evidenciado.

Uma outra característica que se observa com o tempo é que o Primeiro de Maio sai dos recintos fechados e ganha as praças, assumindo ares festivos e combativos com a realização de desfiles, comícios, apresentações artísticas, acalorados debates, dentre outras atividades. Esse tipo de comemoração é o que se apresenta no Primeiro de Maio em Camocim, tanto na memória das pessoas, quanto no jornal “O Democrata”, fontes estas que nos servem de fundamentação para esta análise. No programa, as atividades alusivas ao Primeiro de Maio de 1946, constam desde alvorada, foguetório, sessão solene à passeata pelas principais ruas da cidade, visitando as sedes dos sindicatos, coroando com o comício na praça 7 de setembro¹⁴⁷.

Portanto, notamos uma programação que alia festividade concebida nos itens da alvorada e show pirotécnico com fundo musical da banda de música, ao passo que a sessão solene realizada na sede da Beneficente Ferroviária se insere no momento de debate dos problemas e a passeata e o comício seriam o coroamento da comemoração, onde se fazia visível, para a população, o simbolismo que a data requeria para os trabalhadores em geral.

Nesse Primeiro de Maio, a presença dos comunistas pode ser percebida tanto na concepção do programa da festa, puxada pela Associação Beneficente Ferroviária, onde existiam militantes e simpatizantes comunistas, como pela ativa participação do Comitê Municipal do PCB, através de seus oradores, identificados com as várias categorias

¹⁴⁶ DEL ROIO, *Op. Cit.*, p. 99.

¹⁴⁷ Jornal “O Democrata”, ano I, nº.56, 15/05/1946, Fortaleza-CE, p. 3.

profissionais da cidade. Pela matéria jornalística já aludida, podemos também perceber o conflito ideológico que tomava a cena política naquele momento. O Primeiro de Maio, por congregar os setores profissionais da cidade reunidos e organizados por militantes e simpatizantes do comunismo, parece incomodar as autoridades constituídas, consideradas fascistas e reacionárias, que tentam, segundo o jornal, dificultar as comemorações:

“Embora as comemorações do Dia do Trabalho possuíssem um cunho altamente popular e democrático, revestindo-se do aspecto de uma verdadeira festa cívica, os Reacionários e os Fascistas que ultimamente andam muito congraçados, por toda a parte, acharam por bem estudar expedientes e armadilhas para sabotar o bom êxito das atividades.

O Sr. Prefeito Municipal, cidadão Francisco Coelho, que cada dia se mostra mais reacionário, caindo, portanto, mais e mais, na antipatia do povo de Camocim, à última hora obrigou o maestro a recolher os instrumentos que pertenciam à Câmara Municipal, a fim de que não houvesse música na passeata”.¹⁴⁸

Pela primeira vez, segundo o jornal, há a participação maciça de camponeses, engrossando as fileiras das passeatas e o tom do discurso de um dos oradores, no comício, ponto alto da festa-protesto, refere-se basicamente aos problemas enfrentados pelo homem do campo, além da tentativa de inclusão dessas “massas camponesas” no âmbito das questões levantadas pelo PCB, sobre o campesinato como força revolucionária, que aflora, principalmente, nos momentos de intensa agitação dos meios operários, apesar de sempre se constatar o “atraso” em que se encontra essa dita massa:

“O orador falou sobre a causa da miséria e do atraso das grandes massas rurais (...) salientou o problema da falta de terras junto aos grandes centros de consumo (...) falou da aquisição de crédito fácil e a longo prazo para os pequenos agricultores e não apenas aos grandes proprietários (...) concluiu por explicar aos camponeses que sem organização não é possível conquistar coisa alguma. Concitou, assim, os camponeses a formarem imediatamente ligas, sociedades rurais de auxílio mútuo, sociedades cooperativistas e sindicatos”.¹⁴⁹

O orador em questão é identificado como representante da *Sociedade dos Pequenos Agricultores*¹⁵⁰, cujo discurso é enaltecido pelo jornal “por ter enfeixado assuntos do máximo interesse para os trabalhadores do campo”. No entanto, o jornal reputa aos

¹⁴⁸ Id. Ibid.

¹⁴⁹ Id. Ibid.

¹⁵⁰ Trata-se de Alberto Thiers, que também era comerciante.

oradores comunistas¹⁵¹ como “os mais aplaudidos, principalmente quando declararam que o seu Partido não podia estar ausente de uma festa popular e proletária de tão elevada significação”, estando, portanto, na “vanguarda do Povo e do Proletariado”.

Nota-se, claramente, a intenção de se distinguir *Povo* e *Proletariado*. O PCB se apresenta ao evento como sendo o guardião das aspirações de justiça destas duas representações sociais. Daí, a festa é popular ⇢ “tomaram parte no desfile (...) grande número de populares” ⇢ e proletária, pois estão presentes

“... representantes de todos os sindicatos e organizações de classe as quais ostentavam garbosamente os seus estandartes com galhardia ao vento, como que a vaticinar um futuro feliz e progressista para o *Proletariado* e o *Povo* brasileiro”.¹⁵²(grifos nossos)

Essa distinção entre *Proletariado* e *Povo* que atravessa toda a concepção da matéria jornalística, parece não se constituir um problema, pois, se o *Povo* presente às comemorações não é propriamente o proletariado organizado, apesar do proletariado ser parte desse povo, ali se fazendo representar pelas associações e categorias profissionais existentes na cidade e por seus líderes inscritos para falar no comício¹⁵³, a participação destes nas comemorações parece ser o momento do encontro de ambos, que, unidos, marcharão para a conquista de melhores dias. Bastante elucidativo é o caráter contrário no campo das idéias que a festa incorpora, consubstanciada nos conflitos contra os “reacionários e fascistas”:

“Também outros elementos (...) por suas atitudes reacionárias e fascistas (...) tentaram levar o Delegado de Polícia a proibir as comemorações, que entretanto não conseguiram, pois essa autoridade apesar de suas anteriores atitudes de submissão à vontade dos chefetes reacionários,

¹⁵¹ Indicados na matéria do jornal aludido como sendo Raimundo Coelho (membro do Comitê Estadual do PCB) e Francisco Viana.

¹⁵² Jornal “O Democrata”, ano I, n.º.56, 15/05/1946, Fortaleza-CE, p.3.

¹⁵³ A relação dos inscritos foi a seguinte: “Raimundo Menezes de Araújo ⇢ pelo Sind, dos Estivadores, Alberto Thiers ⇢ pela Sociedade dos Peq. Agricultores; Nilo Rocha e Silva ⇢ pela Sociedade dos Trabalhadores em Salinas; Sotero Lopes ⇢ pela Sociedade dos Trabalhadores em Construção Civil; Albanita Brito ⇢ pela Associação Feminina Camocinense, Laurita Lopes ⇢ em nome da mulher camocinense; Gabriel de Barros ⇢ pela Colônia de Pescadores; Domingos de Freitas ⇢ pelo Sindicato dos Carregadores do Porto; José Moreira ⇢ pela Soc. De Beneficentes Ferroviários, Raimundo Coelho e Francisco Viana ⇢ pelo Partido Comunista do Brasil. In: Jornal “O Democrata”, Jornal “O Democrata”, ano I, n.º.56, 15/05/1946, Fortaleza-CE, p.3.

desta vez procurou agir com mais serenidade, respeitando assim os direitos democráticos do povo.

O certo, porém, é que o povo na toda parte já aprendeu a lutar contra a reação e o fascismo e longe de desanimar contra esta ou aquela tentativa contrárias à sua liberdade cívica e para enfrentá-las pacífica, porém, energicamente”.¹⁵⁴

Como se vê, a disputa pela demarcação de uma data relativa à memória de luta dos trabalhadores passa também pelos debates de coloração ideológica, na procura de se apresentarem como verdadeiros representantes da classe.

O Primeiro de Maio em Camocim é também momento de relembrar seus mártires, coincidindo também com a orientação do jornal comunista “O Democrata”, que faz uma retrospectiva da militância comunista, principalmente dos acontecimentos de 1935-36 no Estado do Ceará.

Daí, o Primeiro de Maio de 1946, data em que o jornal enceta essa campanha, sendo também seu primeiro ano de circulação, se revestir de uma significação especial e, no caso de Camocim, o líder comunista Francisco Theodoro, as vítimas do “Massacre do Salgadinho”, são os personagens escolhidos para serem destacados para tal fim, isto é, destacar um passado de lutas da militância:

“Assim o povo de Camocim que já possui uma gloriosa tradição de lutas ligadas ao heroísmo do valoroso líder comunista, Francisco Theodoro que há dez anos sofreu ali as mais terríveis perseguições e torturas pela maneira corajosa com que defendia os interesses da classe proletária, e ainda pelo sacrifício de sangue dos trabalhadores – Amaral e Luís Pretinho – ali assassinados em 1936 pela polícia do governo Pimentel, não se deixou desanimar pela falta da banda de música da Prefeitura Municipal, e conseguiu imediatamente improvisar uma outra que a substituiu muito bem”.¹⁵⁵

Hoje, nas comemorações do Primeiro de Maio parece se sentir a falta desse caráter festivo e até mesmo combativo dos tempos idos. Quando a data recai em algum momento político importante, ainda se tenta realizar algum desfile. Fazem hoje o caminho inverso, e os sindicatos e associações voltam a se reunir em suas respectivas sedes, quando

¹⁵⁴ Id. Ibid.

¹⁵⁵ Id. Ibid.

muito uma alvorada ou uma palestra entediante sobre direitos trabalhistas, cada dia menos respeitados por governo e patrões; pelo menos é o que se observa em Camocim.

A militância comunista parece não ter mais forças ou poder de articulação, como podemos apreender da fala de “Seu” Nilo, herdeiro político de seu pai Pedro Rufino:

“A programação do Primeiro de Maio aqui nós reunia todos os sindicatos, os presidentes todos, chamava todo mundo e todo mundo participava. Então a gente fazia uma passeata boa, grande, com milho, pé de milho, rama de feijão, o pessoal tudo alegre, era, a passeata era boa, viu? Tinha aí, umas... umas mil pessoas (...) pessoas, tinha muito (...) uma passeata muito boa, né?. Mas depois dessas épocas, dessas luta, rapaz, tem sido um fracasso, agora nesses últimos anos acabou-se foi tudo, viu?. Ninguém tá mais fazendo nada, nada e não tem como fazer, porque se você convidar num vai ninguém, aí, prá adquirir isso é muito difícil. Prá arrumar essa credibilidade é duro. Mas vai-se nessa luta”.¹⁵⁶

Hoje, abrigado do PC do B, “Seu” Nilo se esforça para rememorar esses momentos de agitação partidária, ao mesmo tempo em que reconhece as dificuldades do agora, pois a militância não tem a “sustança” de velho PCB de antigamente, ou mesmo, a prioridade atual não seja mostrar-se.

4.3 A Greve de 1949-50 Contra a Transferência das Oficinas e Funcionários da Estrada de Ferro

Para a deflagração desse movimento, alguns fatos não solucionados pelos poderes públicos e amplamente denunciados por líderes políticos e militantes comunistas através da imprensa, foram importantes para se entender as causas e origens da greve. Primeiro, a sabotagem do porto de Camocim pela companhia inglesa *Booth Line* que explorava os serviços de alvarengagem, alardeando a obstrução do seu canal natural, o que seria desmascarado posteriormente, pela entrada de navios.¹⁵⁷ O constante adiamento da dragagem do porto era outro aspecto a ser considerado por quem desejava que Camocim perdesse a “sua natural posição de escoadouro, o mais acessível e econômico para a

¹⁵⁶ Entrevista com o Sr. Nilo Cordeiro da Silva, já citada.

¹⁵⁷ Sobre essa sabotagem, ver Capítulo III.

circulação dos produtos de exportação de toda a vasta zona situada às margens da E.F. de Sobral e das mercadorias importadas pela referida zona.”¹⁵⁸

A atividade de embarque e desembarque de mercadorias entre porto e ferrovia estava, portanto, comprometida pela notícia de transferência de ferroviários e oficinas de manutenção de trens. Estava, portanto, criado o clima de tensão nas duas mais combativas categorias profissionais da cidade, ferroviários e carregadores do porto. Esse boicote do porto de Camocim, considerado como “um atentado à economia de toda Zona Norte”, feito pela companhia inglesa e por empresários do ramo de cabotagem do porto de Fortaleza, teve a atenção das diversas Câmaras Municipais da região que se solidarizaram com a Câmara Municipal de Camocim, solicitando providências ao Ministro de Viação para resolver os problemas de dragagem do porto. Contudo, a campanha não logrou resultado e a *Booth Line* continuou auferindo seus grandes lucros no trabalho de alvarengagem, que apesar da exploração exorbitante, “as mercadorias importadas pela zona norte ainda saem mais baratas do que vindo por Fortaleza”.¹⁵⁹

De fins de outubro de 1949 a janeiro de 1950, a cidade de Camocim viveu em constante estado de alerta. Estava em jogo o emprego direto de quase trezentos ferroviários que viviam a iminência de serem transferidos para Sobral ou Fortaleza. Foi até instalada “uma sirene de alarme que indica, por meio de seus apitos, qualquer tentativa de desmontagem ou retirada das máquinas. Graças a esta sirene o povo tem evitado que as oficinas sejam transferidas.”¹⁶⁰ Esse período também foi fértil em assinalar outros acontecimentos que motivou a cena política da cidade. A 27 de outubro de 1949, a UDN fora derrotada por unanimidade no processo de cassação do vereador comunista Pedro Teixeira de Oliveira (Pedro Rufino). Já no dia 03 de janeiro de 1950 o jornal “O Democrata” estampa foto do comunista Sotero Lopes, espancado pela polícia quando festejava o aniversário de Prestes, fazendo algumas inscrições sobre a data, e finalmente a 30 do mesmo mês e ano, o navio “Comandante Aratanha” atraca no cais do porto de Camocim, desmascarando mais de 15 anos de mentira da *Booth Line* que afirmava ser o canal do mesmo obstruído.

¹⁵⁸ Jornal “O Democrata” Jornal “O Democrata”, ano III, nº.906, 09/11/1949, Fortaleza-CE, p.4.

¹⁵⁹ Id. Ibid., p.3.

¹⁶⁰ Jornal “O Democrata” Ano III, Nº. 915, 21 de novembro de 1949, Fortaleza-CE, p.1.

Podemos perceber nessa decisão de transferência das oficinas de manutenção e de operários da Estrada de Ferro, o começo de uma longa queda de braço no sentido de desestabilizar essa ligação ferroviária em proveito dos chamados “tubarões” – empresários radicados na capital do Estado, que lucrariam com um maior volume de cargas no Porto de Fortaleza.

Esses empresários se organizariam no chamado *MUC - Movimento de União pelo Ceará*. O jornal “O Democrata”, constantemente, durante o movimento, denunciava o conluio desses empresários com os diretores da RVC – Rede de Viação Cearense, que a todo custo buscavam mostrar a deficiência comercial da estrada. Os “Abaixo MUC” são visíveis nas pinturas de vagões de trens quando do movimento em Camocim. Portanto, os antagonismos estavam colocados. A população que fica em estado de greve, paralisando as atividades da estrada de ferro e a imprensa oficial condenando o atraso de mercadorias estocadas no porto e em várias estações do trecho férreo.

Buscar a participação dos comunistas neste evento parece não ser tarefa difícil. Primeiro, eles eram parte interessada na questão, pois, como já dissemos anteriormente, entre os ferroviários, cuja transferência era o pivô da questão, era notória a presença de comunistas e simpatizantes. Por outro lado, a organização das várias associações e sindicatos da cidade tinha a participação de comunistas, como Pedro Rufino, que logo entenderam ser vital a permanência dos funcionários e oficinas na cidade, atuando na tomada de decisões, como na obstrução do leito da estrada, com paus, pedras, caldeiras velhas etc.

Nas falas recolhidas sobre o evento, nota-se que este movimento contra a transferência de operários e oficinas de manutenção de trens e sua vitória na sua permanência foi uma conquista da cidade, do corpo da sua população que não arredou pé das praças, das ruas, da estrada de ferro, até que o problema se resolvesse. Nas palavras do Sr. Nilo, no entanto, ele não deixa de realçar o trabalho de seu pai:

“Inclusive na época da greve prá tirar o trem aqui, papai foi o maior cabeça contra prá não tirar o trem daqui, ele lutava noite e dia lá na frente do trilho, lutando, botando bagulho lá no meio

mais o pessoal, chamando todo mundo prá ir na luta, né! Prá não deixar tirar o trem daqui prá Sobral”.¹⁶¹

Nas palavras o pároco, podemos perceber a amplitude que o movimento toma, como sendo da responsabilidade de todos. Escreve o pároco:

“1º. de Novembro de 1949.

Surgio nesta cidade uma greve de *toda a população camocinense* contra a retirada dos trilhos que conduziam as locomotivas para os navios e o projeto de transferência das oficinas para Fortaleza. Mas ate agora não obteve resultado satisfatório”.¹⁶² (grifo nosso)

Quando o pároco assinala “toda a população camocinense” pode estar dando tanto uma idéia do tamanho que a greve tomou, como também tentar carrear para a população a responsabilidade do movimento, talvez querendo descartar algum proveito político que alguém pudesse tirar da situação, como os comunistas, por exemplo. No entanto, isso, a nosso ver, não parece ser o mais importante, pois, em “toda população camocinense” estavam lá presentes os comunistas.

O jornal “O Democrata”, que dera ampla cobertura à greve, colocava, também, tanto na publicação de telegramas de apoio aos ferroviários de varias entidades, como nos textos de matéria jornalística, o envolvimento da população, assim como da tradição da cidade no campo das lutas democráticas, onde o PCB parece ser uma face visível nestes momentos e a classe “forte e laboriosa” dos ferroviários, exemplo dessa tradição. Vejamos no telegrama do Presidente da Liga de Defesa dos Ferroviários, vereador Lauro Brigido, ao presidente do núcleo da Liga em Camocim, assim como a resposta deste aquele, como isso se exemplifica:

“ANTONIO MARTINS FEITOZA → Presidente Núcleo Liga Defesa Ferroviários → CAMOCIM -

Informe urgente situação ferroviários essa cidade nome liga presto inteira solidariedade nossos colegas bem como o glorioso povo Camocinense nessa luta na próspera sobrevivência pt.

Lauro Brigido Garcia → Vereador → Presidente Liga.

Em resposta ao despacho supra, o Presidente do Núcleo da Liga, em Camocim, dirigiu ontem, o seguinte telegrama:

¹⁶¹ Id. Ibid.

¹⁶² Livro de Tombo da Paroquia de Bom Jesus dos Navegantes. Anos: 1930-1952. Camocim-CE., p.128

Vereador Lauro Brígido Garcia – Câmara Municipal – Fortaleza

Movimento grevista aqui surgiu seio massa popular defesa do patrimônio estrada ameaçado aniquilamento com ordens arrancar trilhos e máquinas operatrizes. Povo geral intermédio Associação Comercial protesta sentando-se nos trilhos bem como assinando memoriaes exigindo estabilidade esta estrada v.g. regresso operários removidos pela administração pt Massa popular reclama grande repúdio ato administração rede ostentando cartazes protestos em desfiles ruas e bairros pt Movimento se enquadra justa aspiração ferroviários Camocim que aguardam vitória pt

Antônio Martins Feitoza – Presidente Núcleo Liga”.¹⁶³

O desenrolar da greve, assim como da participação da Associação Commercial nas negociações, já foram descritos anteriormente neste trabalho, quando descrevemos a atuação dos comunistas nos espaços de trabalho do porto e da ferrovia. Neste momento, o interessante é buscarmos a ligação desse movimento com a militância comunista.

Os acontecimentos envolvendo a população contra a retirada de trens, oficinas e transferência de ferroviários começam a ser ligados com a militância comunista pelo jornal “O Democrata”, quando este periódico dá espaço para as declarações do presidente da Sociedade de Construção Civil de Camocim, Sotero Lopes, que denuncia as manobras do diretor da RVC, Hugo Rocha, que apesar da derrota imposta pelo povo no caso da transferência das oficinas, tentava por outros expedientes conseguir tal intento. Nas palavras de Sotero Lopes, a denúncia:

“Posso assegurar que no momento o diretor da RVC, sr. Hugo Rocha, está realizando manobras no sentido de conseguir a transferência das oficinas ferroviárias de Camocim. Com esta finalidade é que promoveu uma excursão por vários municípios da Zona Norte do Estado, indo até Crateús e fazendo-se acompanhar de conhecidos tubarões do comércio de exportação de Fortaleza, excursão esta que teve por fim preparar o terreno para uma nova investida contra os interesses do povo camocinense. O sr. Hugo Rocha argumenta que os grandes estoques de milho e de outros cereais acumulados em Crateús e em outras cidades são uma consequência da não transferência das oficinas de Camocim para Sobral.”¹⁶⁴

¹⁶³ Jornal “O Democrata” ano II, nº. 902, 05/11/1949, Fortaleza-CE, p.3.

¹⁶⁴ Jornal “O Democrata” ano IV, nº. 962, 21/01/1950, Fortaleza-CE, pp.7 e 8.

As denúncias do líder comunista Sotero Lopes de fato se concretizariam com a tentativa de saída de trens e embarque de funcionários promovidos pela RVC, no entanto, mais uma vez, a população reagiu prontamente, avisada que fora pela tal sirene. Um telegrama do correspondente de “O Democrata” em Camocim, provavelmente Pedro Rufino, e outro do Presidente da Associação Comercial de Camocim, Alfredo Coelho, político representante das oligarquias que dominavam a política local, transcritos em primeira página, mostram onde as forças políticas estavam juntas (a defesa da permanência dos funcionários e das oficinas de manutenção) e onde discordavam com relação à caracterização do movimento popular, buscando talvez atraírem para si algum proveito político da situação.

Enquanto o correspondente assinalava que o movimento que ora se realizava era “um sinal de protesto contra nova tentativa de transferência dos citados funcionários e também contra a desatenção do ministro da Viação”, ao mesmo tempo em que aludia sobre a “grande vibração no seio do povo que forma unido sem distinção de côr política ou religiosa”, o Presidente da Associação Comercial reafirma o caráter de união da população quando a mesma se mobiliza “sem distinção de classes, credos políticos ou religiosos”, sem se esquecer de pedir que se publicasse que o movimento não tinha “caráter subversivo visando unicamente a defesa do sagrado direito de subsistência assegurado a todos quantos residem nossa pátria.”¹⁶⁵

A preocupação do presidente da Associação Comercial ao afirmar que o movimento não tem um caráter subversivo pode ser entendida por dois ângulos: se havia realmente uma correlação de forças entre os militantes comunistas e a elite encerrada no seio da Associação Comercial na condução das negociações do problema referido, fica claro que os comunistas se constituem como grupo político interessado na questão, e aí, a identificação com um grupo dito “subversivo” poderia atrapalhar os encaminhamentos para a resolução do problema. Por outro lado, se realmente as forças políticas pareciam diluídas em todas suas diferenças, como atestam os telegramas citados, o esforço em não se identificar grupos políticos com pretensões de proveitos políticos na questão, parece ser um

¹⁶⁵Jornal “O Democrata” ano IV, nº. 965, 25/01/1950, Fortaleza-CE, pp. 6, 7.

ponto em comum, pelo mesmo fato assinalado, no sentido de se apressar uma solução para o impasse.

Contudo, no desenrolar da matéria, o jornal faz clara opção por reforçar e creditar o evento às denúncias do “líder popular” Sotero Lopes, assim como ressaltar a resistência do povo de Camocim. Note-se que o jornal evita identificar Sotero Lopes como comunista ou líder operário, preferindo “popular”. Quanto ao povo, que resiste, seja deitado nos trilhos, obstruindo o leito da ferrovia, realizando passeatas e comícios, exigindo a presença do governador do Estado e do Ministro da Viação, o jornal não economiza adjetivos, desde *valoroso, tenaz, heróico*, dentre outros. A partir desse episódio, Camocim será chamada em manchetes posteriores de “Cidade Heróica”.

Nos números relativos ao mês de janeiro, quase todos os dias, o jornal “O Democrata” iria se reportar aos fatos ocorridos em Camocim. As referências iam desde telegramas de felicitações e solidariedade ao povo da cidade ou em nome de militantes comunistas, como Pedro Teixeira de Oliveira (Pedro Rufino), então vereador. Aliás, a ligação desse movimento à militância comunista será feita também a esse militante, que ocupará as páginas do jornal denunciando manobras, rebatendo notícias falsas, opinando sobre os problemas estruturais do município, dentre eles a dragagem do porto, a melhoria da ferrovia e sua ligação com o Estado do Piauí, crédito para a agricultura e a pesca, dentre outros pontos.

Efetivamente, para resumir os acontecimentos, as autoridades vêm a Camocim, (Governador do Estado e representante do Ministro da Viação) negociam com a população em praça pública, atendem a algumas reivindicações, prometem solucionar outras e o povo sai do movimento com a sensação de vitória. Isso é muito evidenciado pelo jornal “O Democrata”, mostrando a cidade como exemplo de resistência, coragem e combatividade de sua população. Contudo, é só os ânimos se acalmarem que ocorrerá o desmonte progressivo das atividades do Porto e da Ferrovia. A ferrovia por motivos políticos, pouco a pouco transfere seus funcionários, as oficinas e culmina em 1977 com o fechamento do já então não mais ferrovia, mas simples ramal ferroviário Camocim → Sobral. O porto padeceria do constante assoreamento do Rio Coreauá, dificultando o acesso das embarcações e sua dragagem cada vez mais protelada.

A dragagem do Porto, desde os anos 50, e o retorno do trem de passageiros, desde o final dos anos 70, seria por muito tempo “as promessas de estoque” dos candidatos a cargos eletivos votados na cidade, até cair no ridículo quem tivesse a coragem de empunhar uma dessas bandeiras. Para o moço mariano, Orion Menezes, no entanto, a estrada de ferro saiu de Camocim por outro motivo: “Dizem que a Estrada de ferro saiu de Camocim porque tinha muito comunista e o governo queria acabar com o comunismo no país”.¹⁶⁶

4.4. Um Olhar Fotográfico Sobre a Greve de 1949-1950

O movimento de resistência da população, na questão da transferência das oficinas e funcionários da Estrada de Ferro de Sobral, pode ser analisada também a partir de um conjunto de fotos que chegaram até nós, por conta da pesquisa que empreendemos.

É um conjunto de dez fotos, pertencentes ao arquivo fotográfico particular de Dona Elda Tavares Aguiar, empresária camocinense, datadas entre os anos de 1949-50, batidas por seu esposo, Hindenburg Aguiar, também empresário, testemunha ocular daqueles acontecimentos.

O Sr. Hindenburg Aguiar, 78 anos, embora fotógrafo amador, soube captar os vários ângulos das manifestações, privilegiando, sobremaneira, o aspecto político do movimento, sempre atento aos detalhes que desfilavam à sua frente. Parece-nos que não só o desejo de documentar o evento estava presente no manejo da objetiva do nosso fotógrafo, visto que, por já ser empresário naquela época, o Sr. Hindenburg era capaz de fazer uma leitura dos acontecimentos, entendendo que a transferência das oficinas e dos funcionários da Estrada de Ferro era danoso para a economia do município e, conseqüentemente, dos negócios ali estabelecidos, principalmente os que exploravam o comércio de importação e exportação, como era o seu caso.

Suas fotos parecem ser também um protesto e, nesse sentido, é também ele um participante ativo nas manifestações, acompanhando seu desenrolar, buscando as imagens mais fortes, enchendo de gente seus ângulos, buscando o momento do tremular das bandeiras, ou mesmo dos flagrantes de um desfile de trabalhadores, da concentração da

¹⁶⁶ Entrevista com Orion Matos de Menezes, já citada. Camocim-CE.

população nas praças ou no momento de consagração da vitória daquela gente num comício, quando as autoridades cedem ao desejo de todos para que os trilhos não saíssem e as oficinas ficassem.

De uma maneira geral, as fotos mostram a organização da manifestação organizada pelos populares, assim como das entidades representativas das categorias profissionais da cidade, reunidas em torno de objetivos comuns: a manutenção das oficinas e dos funcionários da Estrada de Ferro em Camocim. Neste sentido, dois lugares são privilegiados para a concentração da população – Praça da Matriz (apesar da igreja não aparecer em nenhuma das fotos) e Praça da Estação.

Para a construção da análise, primeiramente nos baseamos naquilo que as fotos dizem por si próprias, vendo posicionamentos, hierarquias, modos de vestir, presença de símbolos, dentre outros detalhes; depois, aliamos a isso o que as fontes textuais remetem à foto e, finalmente, alguns depoimentos sobre as fotos, de pessoas a quem submetemos ver as mesmas, principalmente, nossos depoentes, já citados ao longo desses trabalhos. Essas impressões aparecem no texto da análise, misturados, portanto, sem seguir uma escala do que seria mais importante para a construção da mesma, mas buscando uma leveza maior na arquitetura do texto.

Uma característica geral que perpassa o conjunto de fotos é a presença de mulheres, crianças e homens jovens, assim como de bandeiras e cartazes entre os manifestantes. Estas fotos foram escolhidas tendo estas características, basicamente, por privilegiarmos o conteúdo político das mesmas, e para mostrar que os eventos políticos em Camocim, naquele momento, assumiam também caráter festivo, bastante evidenciado na expressão da população fotografada.



FOTO 2 – A PASSEATA

Podemos notar a hierarquização da manifestação através das fileiras de trabalhadores vindos de diversos pontos da cidade, como daqueles espaços de trabalho localizados “à beira-mar” – pescadores e carregadores do porto. O coqueiral ao fundo denuncia de onde estes trabalhadores se deslocam para a grande Praça da Matriz.

Em primeiro plano, vê-se o “oficialismo” da concentração representado por homens vestido de ternos, provavelmente presidentes de associações e sindicatos e um porta-bandeira empunhando a bandeira do Brasil. Outras bandeiras, como a do Estado e de outras entidades podem ser vistas ao longo das fileiras de trabalhadores.

É bastante significativa a presença de mulheres, crianças e jovens, que vestem suas melhores roupas (roupas de domingo), próprias para determinadas ocasiões. Um policial no meio da multidão observa atentamente a manifestação.

Ao fundo, no meio da foto, o prédio da Prefeitura e o Cruzeiro, simbolizando os poderes civil e religioso e um pouco mais atrás, um pequeno casario, hoje inexistente. A grande praça não é pavimentada, apenas um grande espaço na areia.



FOTO 3 – O DESFILE

Nesta foto predomina a presença de homens, trabalhadores que desfilam por todas as sedes de associações e sindicatos da cidade, o que se tornaria posteriormente uma tradição nas festas de Primeiro de Maio.

O ponto de reunião parece ser a antiga sede do Sindicato dos Estivadores, que teve entre seus presidentes, o militante comunista Raimundo Ferreira de Souza (Raimundo Vermelho). Segundo seu filho, Tertuliano Ferreira, a sede era de propriedade de seu pai e o local mostrado na foto é a Rua Santos Dumont, onde moravam. Na foto, pode-se observar um líder em pé, da janela (muito provavelmente Raimundo Vermelho), organizando e mobilizando seus companheiros, proferindo algum discurso.

A manifestação é um momento de festa que pode ser verificado pelas roupas usadas pelos fotografados. A presença de mulheres e crianças fora do séquito do desfile é

visível. Nas fileiras, alguns homens negros aparecem, um aspecto raro no conjunto das fotos que estamos analisando.

Essa é uma foto típica onde o caráter de classe está expresso, tanto pelo conjunto dos participantes, quanto por sua disposição espacial, além das bandeiras representativas das entidades a que pertenciam.



FOTO 4 – PASSEATA CONTRA OS “INIMIGOS DO POVO”



DETALHE DA FOTO ACIMA → Vereador comunista Pedro Teixeira de Oliveira, mais conhecido como Pedro Rufino, no meio da manifestação

A foto nos mostra a variedade da população que acorre à manifestação contra os “inimigos do povo” → o diretor da R.V. C. e do Chefe da Estrada de Ferro, Hugo Rocha e Pereira de Menezes, respectivamente; no caso da transferência das oficinas de manutenção de trens e funcionários da ferrovia.

Nota-se claramente a ausência de qualquer símbolo ou emblema do Partido Comunista, o que nos faz crer que os militantes comunistas misturavam-se ao grosso da multidão. Na manifestação é patente a improvisação na feitura dos cartazes, que parece terem sido confeccionados à mão, sem maiores preocupações estéticas.

A presença de mulheres e crianças é participativa, seja portando cartazes, seja levando os caixões do “enterro simbólico” das duas autoridades em questão. É uma foto que chama a atenção para o aspecto político da manifestação, demonstrando todo o sentimento que o povo estava expressando pela ameaça que estas autoridades representavam nos destinos da cidade, de seus habitantes, dos funcionários da Estrada de Ferro.

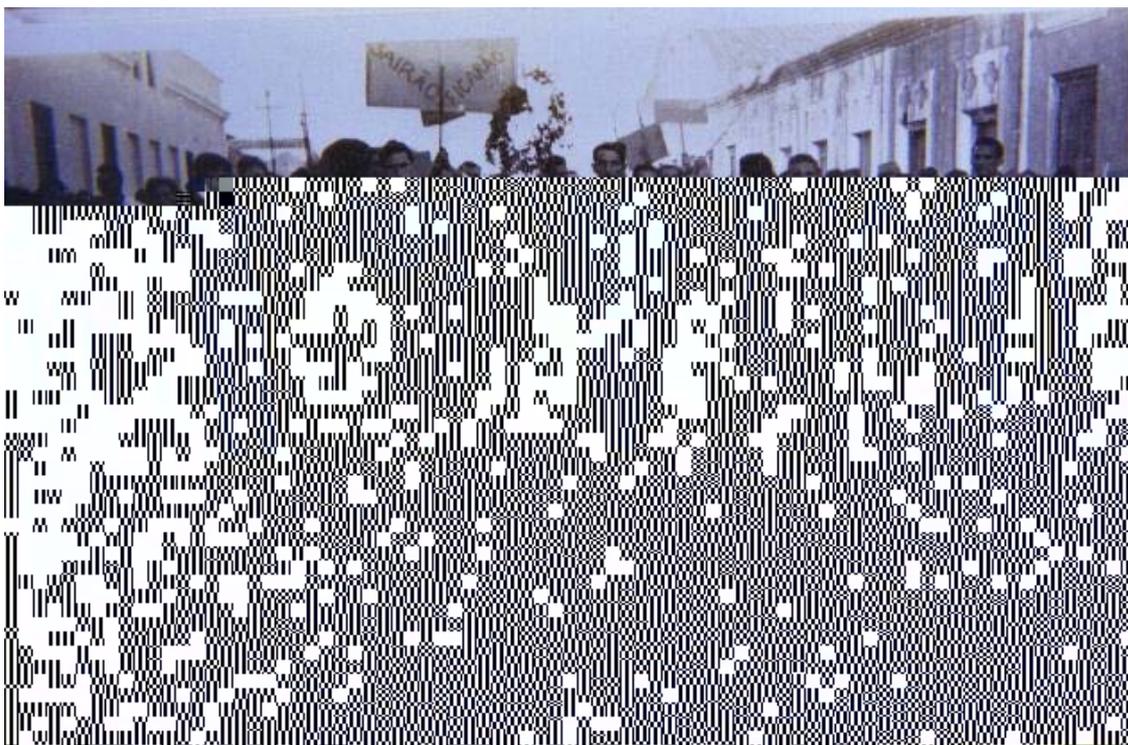


FOTO 5 – O “ENTERRO SIMBÓLICO”

Os manifestantes caminham da Praça da Matriz à Praça da Estação para o grande comício. Em primeiro plano, os caixões de “Hugo e Pereira”, com as devidas inscrições “aqui jazem os restos mortais...”. O enterro simbólico é a “imagem” mais forte da foto. Logo atrás, um homem porta um cartaz com os dizeres “Os trilhos não sairão. As Oficinas ficarão”, que não pode ser lido na íntegra pelo corte da foto, mas, visível em uma outra.

São os “trilhos segurando a cidade”, que motivam homens e mulheres a saírem às ruas para defendê-los. Nota-se homens de mangas arregaçadas, um outro de paletó (escrivão da cidade, na época), o que mostra a pluralidade da manifestação.

As mulheres aparecem na organização do cortejo, dando-se as mãos com outras mulheres, fazendo um cordão de isolamento do lado esquerdo, enquanto os homens fazem o mesmo do lado direito. É outra foto onde o conteúdo político foi muito bem captado pelo fotógrafo.



FOTO 6 – CONCENTRAÇÃO NA PRAÇA DA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

As pessoas pousam para o fotógrafo, num claro sentido de defesa da Estação ferroviária, formando como se fosse um “escudo” a defender aquele espaço, contra as pretensões dos diretores da R.V.C.

As bandeiras do Brasil e do Estado e, em menor número, de outras entidades, se alinham, nos dando a clara idéia de unidade, colaboração e patriotismo em defesa do bem comum de todos – as oficinas de manutenção de trens e os empregos dos ferroviários, além da vitalidade da presença da ferrovia para a economia da região.

As pessoas, em sua maioria, são as mesmas de fotos anteriores, mostrando a seqüência da manifestação, assumindo aí, também, um caráter de classe, pois, a sua grande maioria é de trabalhadores. Algumas crianças fazem pose. O fotógrafo procura captar o ângulo político do movimento tendo, como pano de fundo, o prédio da Estação Ferroviária, o espaço por excelência que motivava toda a manifestação a favor da permanência das oficinas e operários da Estrada de Ferro de Sobral.



FOTO 7 – CONCENTRAÇÃO DEFRENTE DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL

Esta é uma foto que registra a concentração de um outro ângulo, isto é, mostra a “parte de trás” da aglomeração. Por isso, difere da maioria das outras fotos até aqui analisadas, que retratam a movimentação da população “de frente”. Os cartazes e bandeiras, por exemplo, são vistos desse ângulo.

A foto mostra, sobretudo, o caráter festivo que a manifestação também assumia, sendo observada de cima pela mãe que traz um bebê nos braços e outras crianças sobre uma carroceria de caminhão. Neste sentido, a política em Camocim não é apenas um momento de reivindicação, mas, também, um evento festivo onde as pessoas de todas as matizes sociais acorrem a ele e participam dele de acordo com a leitura que cada um ou cada segmento da sociedade faz desse momento.



FOTO 8 – BANDEIRAS TREMULANDO

As bandeiras do Brasil, do Estado e de outras entidades são o destaque dessa foto, e o tremular delas evidencia ainda mais o caráter festivo da manifestação. As mais diversas bandeiras denotam o caráter supraclassista do movimento.

As pessoas estão provavelmente diante de uma sede de algum sindicato, ouvindo algum orador a discursar, possivelmente sobre o objetivo que os reunia naquele local. A presença de mulheres e crianças também pode ser observada no conjunto das pessoas, porém um pouco mais distante dos homens.

Um policial parece conferir os documentos de um manifestante, sendo observado de perto por outro homem e de uma criança, fazendo seu trabalho de rotina e, provavelmente, acompanhando o cortejo, representando a “ordem”. Contudo, as pessoas parecem não se importar com sua presença. Deve-se ressaltar nessa foto, assim como nas anteriores, a pouca participação de idosos em meio à manifestação.



FOTO 9 – A MANIFESTAÇÃO VISTA DE CIMA

Esta é uma foto que privilegia o ângulo político da manifestação. Nela, podemos perceber os ingredientes básicos da festa social. Homens de todas as idades, vestidos de acordo com sua posição social; a presença da banda de música animando a passeata; a expressão de alegria estampada nos rostos da grande maioria.

As mulheres aparecem novamente na organização da passeata, fazendo um cordão de isolamento, agora misturada aos homens, dando-se as mãos. Homens com lenços na mão parecem limpar as narinas da poeira das ruas.

O “enterro simbólico” tem nos caixões, na coroa de flores, os componentes necessários para o ritual funerário dos “defuntos” Hugo Rocha e Pereira de Menezes, diretores da RVC e Estrada de Ferro de Sobral, respectivamente.

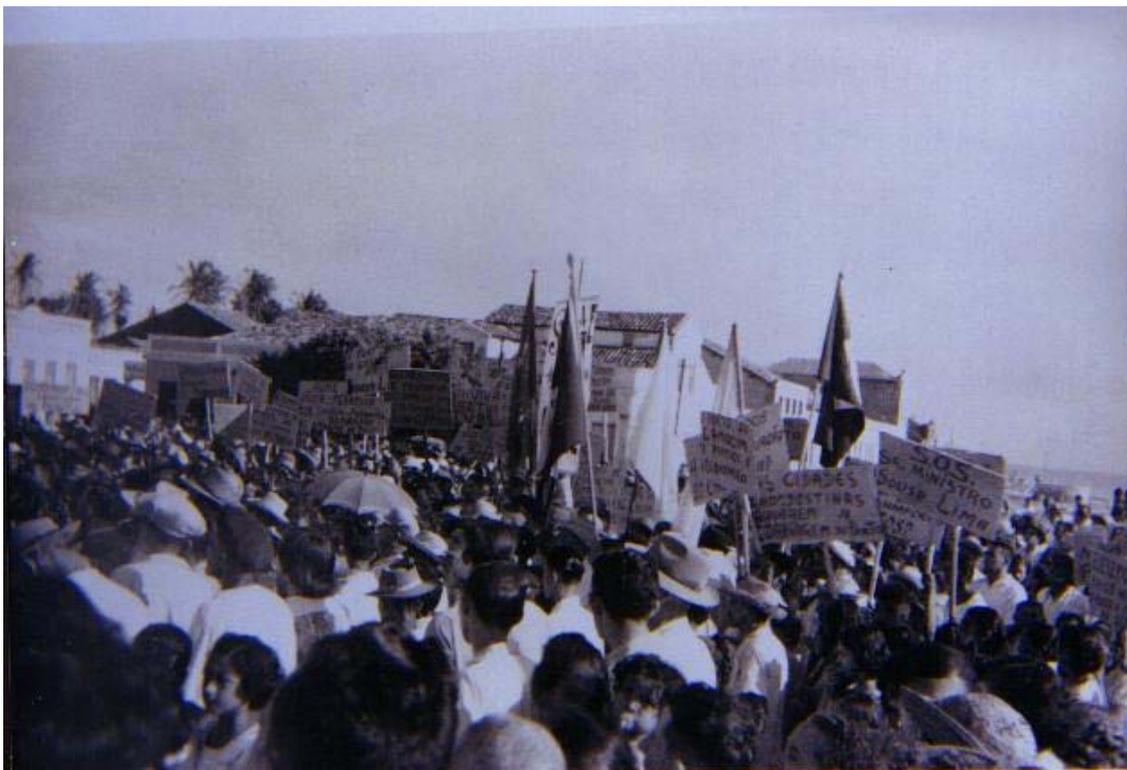


FOTO 10 – O COMÍCIO

A foto mostra, sob um ângulo político, o coroamento do movimento, isto é, o comício na Praça da Estação, onde as autoridades¹⁶⁷ solicitadas pela população a virem a Camocim para resolverem o problema da transferência das oficinas e funcionários da Estrada de Ferro de Sobral prometem que os “trilhos não sairão e as oficinas ficarão”.

Bandeiras, estandartes e cartazes simbolizam um nacionalismo reivindicativo, próprio daquela época. As frases contidas nos cartazes demonstram naquele momento de reivindicação uma intenção que extrapola os problemas locais. Portanto, buscavam representar os anseios de desenvolvimento integrado da região norte do Ceará com o vizinho estado do Piauí, com o pedido de ligação ferroviária com Parnaíba, naquele estado, ou também dizer que a dragagem do Porto de Camocim é uma aspiração das cidades nordestinas, para citar como exemplos.

¹⁶⁷ Governador do Estado e representante do Ministro de Obras e Viação, respectivamente, Faustino de Albuquerque e Virgínio Santa Rosa, que naquele momento representava o ministro Clóvis Pestana.

Ao assumir essa postura, a população esquecia suas diferenças sociais e políticas e a manifestação não era apenas de uma classe ou puxada por um partido específico, mas, era a própria expressão da diversidade social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse é um trabalho que apenas se inicia, visto que a historiografia sobre o Partido Comunista no Ceará, e mesmo sobre a militância comunista, como este se propõe, são poucos e raros, o que em parte pode ser explicado, face aos obstáculos que se colocam perante o historiador, seja no acesso às fontes ou na falta delas, por exemplo.

Contudo, ao chegar nesse estágio, sentimos que a expectativa que motivava este trabalho foi quase que plenamente contemplada. O nosso espanto ao ver o ressurgimento do PCB em 1988 em Camocim, disputando as eleições municipais, nos levou a pesquisar como aquele grupo se inseria naquele momento político e descobrimos, ou melhor, redescobrimos a “Cidade Vermelha”, a “Cidade Heróica” de que falava o jornal comunista “O Democrata” nas décadas de 40 e 50, das preocupações de outro periódico, o jornal católico “Correio da Semana”, com o avanço do “perigo vermelho” na cidade de Bom Jesus dos Navegantes, padroeiro de Camocim.

Nos pleitos seguintes, 1992 e 1996, testemunhamos esse grupo político (agora PC do B) coligar-se com as duas eternas oligarquias da cidade, ora com uma, ora com outra, sem conseguir nenhum resultado positivo eleitoralmente. Era o momento em que o tema já fazia parte de nossa investigação histórica, materializada numa monografia de especialização e de repente fomos tentados a mostrar a “Cidade Vermelha” dos velhos tempos.

Além da monografia, dois artigos de nossa autoria são publicados nos jornais “O Povo” e “Tribuna do Ceará” e, após, 1998, mensalmente no jornal local “O Literário” e, mais recente, desde 1999, em outro periódico da cidade, “Correio do Litoral”, escrevemos artigos sobre a militância comunista, fruto de nossas pesquisas em arquivos públicos do Ceará e do Rio de Janeiro, em jornais, depoimentos e outros documentos da época. Esse esforço tem revelado para nós dois aspectos interessantes: a maioria das pessoas desconheciam certos fatos recuperados por estes artigos e até se admiram de que em Camocim tenha existido essa militância tão significativa para a época. Por outro lado, outros leitores desses jornais nos abordam quase sempre nos dizendo que estamos contando a história da cidade através da militância comunista e aproveitam para sugerir outras

pesquisas, isto é, nos parece já existir um consenso de que realmente o trabalho, as idéias, os desejos destes homens que retratamos “faz parte da história”.

Uma outra questão que nos pareceu bem evidente, ressaltando as especificidades, é a correspondência das orientações sobre as estratégias desenvolvidas pelas militâncias comunista e católica no embate político e ideológico que ambas travaram na cidade. O zelo que os comunistas de Camocim tinham em desempenhar suas tarefas era ressaltada pelo jornal “O Democrata”, enquanto que o “Correio da Semana” dava ênfase na implantação de organizações anticomunistas, o que mostra uma sintonia quase que perfeita entre as cúpulas e as bases desses movimentos.

Lamentamos, contudo, a perda de depoentes em potencial que poderiam contribuir muito para a realização deste trabalho, durante dois anos de pesquisa, seja por falecimentos, como o de João Ricardo, em abril passado, citado muito rapidamente nesse trabalho, mas, que já se preparava para dar uma longa entrevista, depois de muito relutar; ou de outros que peremptoriamente se recusaram de conceder qualquer informação. No entanto, outros, como “Seu” Nilo, estiveram sempre solícitos em tirar nossas dúvidas e acrescentar informações à entrevista concedida.

Esperamos que este trabalho possa suscitar a produção de outros. Muito do que foi o Partido Comunista e da militância comunista no Ceará está para ser dito e, mais ainda, da repressão política e policial. De alguma forma, achamos que contribuímos para, quem sabe, um desencadeamento de uma nova produção historiográfica desses temas no âmbito da História Política.

FONTES

1. FONTES PRIMÁRIAS

1.1 .MANUSCRITAS

. CARTÓRIO ANDRÉ: 2^o. OFÍCIO – CAMOCIM.

Livro de Registro de Pessoas Jurídicas – 1953.

a) Registro de associações civis e sindicatos.

. CÂMARA MUNICIPAL DE CAMOCIM

a) Livro de Atas – Legislatura de 1948-1952.

b) Regimento Interno da Câmara. 1947.

. PARÓQUIA DE BOM JESUS DOS NAVEGANTES - CAMOCIM-CE

Livro de Tombo da Paróquia de Bom Jesus dos Navegantes - Livro 2. Anos: Entre 1930 e 1952.

a) Anotações dos párocos.

b) Circulares diocesanas.

c) Documentos da Igreja – principalmente referentes ao combate ao comunismo.

d) Transcrições de artigos do jornal “Correio da Semana”.

e) Registro de instalação de associações pias.

. ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO CEARÁ

a) Autos de Processo Criminal contra o fundador do Partido Comunista em Camocim, Francisco Teodoro Rodrigues, 70 p. Anexo ao processo um exemplar do jornal “O Operário”, talvez o único número preservado atualmente. Outro jornal editado em Camocim, “A Razão” tem também vários números anexados ao processo, além de vários recortes de jornais do Estado que denunciam a perseguição feita a Francisco Theodoro.

b) Auto de Habeas-corpus em favor de Petrônio dos Santos.

. APERJ- ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

FUNDO: DOPS. SÉRIE: ESTADOS

- a) Pasta 6 CE, 6 A, 6B → Relação dos presos autuados por exercerem atividades extremistas → 1935-1936.
- b) Pasta 16 PI → Processo que trata sobre incêndios criminosos na capital do Piauí - Teresina, trazendo também informações sobre os comunistas piauienses envolvidos nos acontecimentos de 1935-6, inclusive Francisco Theodoro Rodrigues.

. FUNDO: DOPS. SÉRIE: PRONTUÁRIOS

- a) Prontuário n°. 16744: de Francisco Theodoro Rodrigues, contendo documentos como um diário, peça teatral, artigos, nomes e endereços de pessoas, boletins, bandeira, desenhos, fotos e outros documentos apreendidos com ele no Ceará em 1932.

. AN → ARQUIVO NACIONAL

Documentos do Tribunal de Segurança Nacional.

- a) Processo n°. 394. Apelação 460/vls. 22. Ano: 1938. *Pedro Raimundo de Lima e outros*. Processo relacionado com as atividades extremistas no Ceará, julgados pelo TSN, de vários comunistas do Ceará e, inclusive dos que tratam sobre o chamado “Massacre do Salgadinho”, em Camocim.
- b) Processo n°. 473. *Celso Coutinho e outros*. Originário do Estado do Piauí, onde Francisco Theodoro Rodrigues é envolvido numa tentativa de fuga da Penitenciária de Teresina.

1.2. *ORAIS*

Entrevistas recolhidas pelo autor (gravadas em fita magnética e transcritas para o papel).

a) Com militantes, ex-militantes comunistas e marianistas

1. *Nilo Cordeiro da Silva* ⇢ militante comunista Camocim 16/03/1997
2. *Guiomar Cordeiro da Silva* ⇢ ex-militante Camocim 23/03/1997
3. *Monsenhor Sabino Loyola* ⇢ líder religioso que combateu o comunismo, idealizador dos comitês anti-comunistas. Sobral 27/04/1998
4. *Expedito Ferreira Lima* ⇢ ex -Moço Mariano e ferroviário aposentado. Camocim 12/04/1999

Entrevistas recolhidas pelo autor (gravadas ou anotadas)

a) Com ex-sindicalistas, ex-marianistas, aposentados da RFFSA e familiares de militantes comunistas

- Osmarina Teixeira* ⇢ ex-sindicalista Camocim 16/10/1998
- Orion Matos de Menezes* ⇢ ex-Moço Mariano Camocim 20/04/1998
- Arthur Queirós* ⇢ Funcionário público aposentado da RFFSA Camocim abril/1998
- Valmir Rocha* ⇢ ex- Moço Mariano. Camocim abril/1998
- Tertuliano Ferreira de Sousa* ⇢ ex-sindicalista, filho de Raimundo Vermelho Camocim 21/04/1998
- José Ferreira de Sousa* ⇢ operário, sobrevivente do “Massacre do Salgadinho” e filho de Raimundo Vermelho. Camocim abril/1998
- João Ricardo* ⇢ ex-militante comunista Camocim 04/10/1999
- Maria Lenize Rodrigues* ⇢ filha de Francisco Theodoro Fortaleza março/1999

1.3. IMPRESSAS

Jornais.

Camocim.

. *O Operário*, 13 de julho de 1928 e 18 de janeiro de 1931

. *A Razão*, 29 de setembro de 1928

Sobral

. *Correio da Semana*, 1934 a 1950.

. *A Cultura*, 14 de julho de 1928.

Fortaleza

. *O Democrata*, maio de 1946 a dezembro de 1950.

. *Diário do Nordeste*, 04 de setembro de 1996.

BIBLIOGRAFIA

- BENJAMIM, Walter. “Sobre o conceito de história”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 4^a. ed, São Paulo: Brasiliense (Obras escolhidas, v.1), s/d, p. 222-232.
- _____. “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. 4^a. ed, São Paulo: Brasiliense (Obras escolhidas, v. 1), s/d.
- BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Publicações Europa-América (Coleção Saber), s/d.
- BOBBIO, Norberto. *Direita e Esquerda. Razões e significados de uma distinção política*. Trad.: Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora UNESP, 1995.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. *A Esquerda Positiva. As duas almas do Partido Comunista - 1920/1964*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BRESCIANI, Maria Stela M. “Cidade: Espaço e Memória”. In: *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: DPH, Prefeitura Municipal, 1992.
- BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da Historiografia: a Escola dos Annales (1929-1989)*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- _____. (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- CAMARGO, Aspásia et alli. *O golpe silencioso: as origens da república corporativa*. Rio de Janeiro: Ed. Rio Fundo, 1989.
- CARONE, Edgar. *O PCB: 1934-1964*. São Paulo: DIFEL, 1982, vol. 2.
- _____. *Brasil: anos de crise. 1930-1945*. São Paulo: Ática, 1991.
- _____. *Socialismo e anarquismo no início do século*. Petrópolis: Vozes, 1996.

- CARVALHO, Cid Vasconcelos de. *O Trem de Camocim: modernização e memória*. Universidade Federal do Ceará. Departamento de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Dissertação de Mestrado. Fortaleza-CE, 2001.
- CAVALCANTE, Berenice. *Certezas e ilusões: os comunistas e a redemocratização da sociedade brasileira*. Niterói: EDUFF/PROED, 1986.
- CALVACANTI BARROS, Luitgarde (org.). *Octávio Brandão: centenário de um militante no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UERJ/ Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1996.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, s/d.
- DECCA, Edgar S. de. *1930: O silêncio dos vencidos: memória, história e evolução*. 6ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. “As desavenças da história com a memória”. In: SILVA, Zélia Lopes. *Cultura histórica em debate*. São Paulo: Editora UNESP, 1994.
- _____. “Memória e cidadania”. In: *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: DPH, Prefeitura Municipal, 1992.
- DEL ROIO, José Luiz. *1º. de Maio - Cem anos de luta. 1886-1986*. São Paulo: Global Editora, 1986.
- DUTRA, Eliana. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.
- FARIAS, Damião Duque de. *Em defesa da ordem: aspectos da Práxis Conservadora Católica no Meio Operário em São Paulo (1930-1945)*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- FENELON, Déa Ribeiro. “Cultura Histórica e social: historiografia e pesquisa: In: *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, n. 10, dez. 1993.
- FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

- FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- GOMES, Angela Maria de Castro. *Burguesia e trabalho: Política e legislação social no Brasil (1917-1937)*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1979.
- _____. *A Invenção do Trabalhismo*. 2ª. ed, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- HOBBSBAWN, Eric. *Mundos do Trabalho: novos estudos sobre história operária*. 2ª. ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- _____. *Era dos extremos. O breve século XX. 1914-1999*. Trad.: Marcos Santarrita. 2ª.ed, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. “A outra história: algumas reflexões”. In: KRANTZ, Frederick (org.). *A outra história: ideologia e protesto popular nos séculos XVII-XIX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais: 1922-1989*. Rio de Janeiro: Revan/ Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.
- MONTENEGRO, Abelardo F. *Os partidos políticos no Ceará*. Fortaleza: Edições UFC, 19880.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992.
- MEIHY, José Carlos Sebe B. *Manual de história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- NOCA, Francisco Wilson. *Sermões, matracas e alcatrão. Religiosos e comunistas na luta pelo poder*. Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza, 1996.
- NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares.” In: **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos dos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n.10, 1993.

- OLIVEIRA, André Frota de. *A Estrada de Ferro de Sobral*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 1994.
- PAOLI, Maria Célia. “Memória, história e cidadania: o direito ao passado”. In: *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: DPH, Prefeitura Municipal, 1992.
- PASSERINI, Luisa. “Mitobiografia em história oral.” In: *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n.10, dez. 1993.
- PECHMAN, Robert Moses (org.). *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.
- PESSANHA, Elina Gonçalves da & NASCIMENTO, Regina Helena Malta. *Partido Comunista Brasileiro. Caminhos da revolução (1929-1935)*. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS/AMORJ, 1995.
- POLLACK, Michel. “Memória, esquecimento e silêncio.” In: *Estudos Históricos*. vol. 2, n. 3, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1989.
- PORTELLI, Alessandro. “Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores” In: *Projeto História*. São Paulo, n.10, dez. 1993.
- _____. *A morte de Luigi Trastulli e outras histórias: Forma e significado na história oral*. Mimeo, s/d.
- _____. “O que faz a história oral diferente”. In: *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, n. 14, fev. 1997.
- PRESTES, Anita Leocádia. *Luiz Carlos Prestes e a Aliança Nacional Libertadora. Os caminhos da luta antifascista no Brasil (1934/35)*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- PROJETO HISTÓRIA. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo: n. 12 (Diálogos com E.P. Thompson), out. 1995.

- RÉBÉRIOUX, Madeleine. “Os lugares da memória operária”. In: *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: DPH, Prefeitura Municipal, 1992.
- REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ Editora FGV, 1996.
- REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA, v. 10, n. 20, São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, 1991.
- RIBEIRO, Francisco Moreira. *O PCB no Ceará: ascensão e declínio (1922-1947)*. Fortaleza: Edições UFC/Stylus, 1989.
- RONILK, Raquel. “História urbana: história na cidade?” In: FERNANDES, Ana & GOMES, Marco Aurélio A. de Figueira (orgs.). *Cidade e história: modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*. Salvador-BA: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura, UFBA, s/d.
- SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo, 1970-1980*. 2ª. ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- SAMUEL, Raphael. “História local e história oral.” In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v.19, n.19, set.89/fev.90, p. 219-243.
- SFERRA, Giuseppina. *Anarquismo e anarcossindicalismo*. São Paulo: Ática, 1987.
- SODRÉ, Néelson Werneck. *Contribuição à história do PCB*. São Paulo: Global, 1984.
- THOMPSON, E.P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. 3 vol. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1988.
- _____. “O termo ausente: experiência”. In: *A miséria da teoria: um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- THOMSON, Alistair. *Desconstruindo a memória: questões sobre as relações de história oral e recordação*. Comunicação proferida na Conferência Brasileira de História Oral; “História oral e ética”. São Paulo, 1995.

“Una entrevista com E. P. Thompson”. In: *Tradición, revuelta e consciencia de clase. Estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial*. 3^a. ed. Barcelona: Editorial Critica, 1989, p. 294-317.

VIEIRA, Maria do Pilar et alii. *A pesquisa em história*. São Paulo: Ática, 1989.

WILLIAMS, Raymond. “Cultura”. In: *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1979.

ZAIDAN FILHO, Michel. *PCB (1922-1929). Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: Global, 1985.